



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**“GRIPEZINHA” E DESINFORMAÇÃO:
ATAQUES À DEMOCRACIA BRASILEIRA DURANTE O
GOVERNO BOLSONARO**

KATHLEN BARBOSA DA SILVA

Rio de Janeiro

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**“GRIPEZINHA” E DESINFORMAÇÃO:
ATAQUES À DEMOCRACIA BRASILEIRA DURANTE O
GOVERNO BOLSONARO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Jornalismo.

KATHLEN BARBOSA DA SILVA

Orientadora: Profa. Dra. Alice Carvalho de Melo

Coorientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior

Rio de Janeiro
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

SK19" Silva, Kathlen Barbosa da
"Gripezinha" e desinformação: ataques à
democracia brasileira durante o governo Bolsonaro
/Kathlen Barbosa da Silva. -- Rio de Janeiro,
2021.
99 f.

Orientadora: Alice Carvalho de Melo.
Coorientador: Fernando Ewerton Fernandez
Júnior.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2021.

1. desinformação. 2. fake news. 3.
democracia. 4. jornalismo. 5. pandemia. I.
Melo, Alice Carvalho de, orient. II. Júnior,
Fernando Ewerton Fernandez, coorient. III.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **“Gripezinha” e desinformação: ataques à democracia brasileira durante o governo Bolsonaro**, elaborada por Kathlen Barbosa da Silva.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Alice Carvalho de Melo
Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Departamento de Expressão e Linguagens

Coorientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior
Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Departamento de Expressão e Linguagens

Profa. Dra. Fernanda Melo da Escóssia
Doutora em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas
Departamento de Expressão e Linguagens

Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz
Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Departamento de Expressão e Linguagens

Rio de Janeiro

2021

À última Amara, aos meus pais e a todos os
jornalistas que trabalham pela transformação
do Brasil e pelos brasileiros por meio da
democratização da informação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Kátia e Adalmir, de quem herdei a resiliência, a força, a teimosia, a vontade de transformar e o amor pela vida. Eles são os responsáveis por esse trabalho existir, os principais apoiadores dos meus sonhos e as pessoas que mais amo no mundo. Sem eles, nada do que vivi, aprendi, superei, construí, sonhei e realizei seria possível.

Agradeço a toda a minha família, que sempre me incentivou a estudar, correr atrás dos meus sonhos e lutar pelo que acredito. Em especial, à minha avó Lainha (*in memoriam*), de quem herdei o dom da tagarelice, o olhar atento e a curiosidade, à minha irmã Nathalia, que cuida de mim há 23 anos, e à Lola, que alegra minha vida e minha casa desde que chegou.

Agradeço aos meus amigos, que nunca me deixaram desistir quando a possibilidade foi cogitada e que sempre acreditaram em mim, principalmente nos momentos em que eu não acreditava. Obrigada por caminharem ao meu lado há tantos anos e por compartilharem comigo todas as conquistas e dificuldades que fizeram parte dessa caminhada, Blenda Reis, João Victor Lopes, Lucas Gonçalves, Lucas Britto, Thainá Rangel e Lenilson Moço.

Agradeço aos amigos que fiz em Berlim, que foram minha família e força durante a maior aventura e desafio da minha vida. Tamy, Mèlina, Maria, Margherita, Charlotte, Hugo, Eren, Sixtine, Luca, Maxim, Julia, Nicolas, Asmaa, Milos e Família Zingg, vocês fazem parte desse trabalho e dessa conquista.

Agradeço aos meus professores, que formaram grande parte da profissional que sou e serei, em especial às professoras Marialva Barbosa, Ana Paula Goulart Ribeiro e Gabriela Nóra e ao professor Fernando Ewerton, que me mostraram haver beleza, acolhimento e espaço para todos na Academia.

Agradeço à minha orientadora, professora, exemplo e inspiração Alice Melo, que aceitou o desafio de tornar esse trabalho possível em tempo recorde e que me encorajou a realizar (e sonhar) muitas outras coisas que pareciam impossíveis ao longo dessa caminhada.

Agradeço à Freie Universität Berlin pela incrível oportunidade e pelos inúmeros aprendizados e, especialmente, aos professores Frank Fischer, Curd Knüpfer e Alexander Libman, por agregarem significativamente para a minha formação pessoal, profissional e acadêmica e por terem me aberto portas para um lugar onde me reconheço na Academia.

Agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro, que me apresentou um novo universo cheio de possibilidades, histórias, experiências, trajetórias e pluralidades que levarei

comigo para sempre. E que foi ponte para a realização de muitos sonhos.

Agradeço aos colegas e amigos que tornaram a Escola de Comunicação menos difícil para mim, dia após dia, e que ocuparam comigo esse espaço ao qual foi tão difícil pertencer. Obrigada por criarem lugar para mim onde por muitas vezes achei que não era possível haver, Rodrigo Baquer, Júlia Sena, Larissa Caetano, Nathalia Couto, Larissa Rios, Anelise Gonçalves, Laura Suprani, Giulia Ventura, Julia Noia, Gabriela Magalhães, Sarah Ferragoni, Juliana Furtado, Bruna Jardim e Vinicius Macêdo. Em especial, a Maria Paula Dognani, que se tornou meu alicerce, minha parceira e parte da minha família desde o meu primeiro dia na ECO e com quem dividi - e quem dividiu comigo - tudo ao longo desses cinco anos.

Agradeço imensamente a toda a equipe do TJ UFRJ, de várias gerações, por representarem meu lugar preferido nesse espaço acadêmico, por me ensinarem tanto e por compartilharem comigo o amor pelo telejornalismo. E a José Riccardo Bonavita, por nos auxiliar na batalha para manter este projeto, que é tão especial, vivo e próspero.

Agradeço a todos os colegas de trabalho e de profissão que cruzaram meu caminho pessoal e profissional durante esses anos de graduação e despertaram e acentuaram em mim a sede e o apreço pela igualdade social e a paixão pelo jornalismo enquanto elemento de transformação social. Obrigada, Guilherme Rios Cardoso, Dejair Neto, Fernanda da Escóssia, Kelvin Melo, Silvana Sá, Elisa Monteiro, Paulo Portilho, Ingrid Bico, Arthur Bomfim, Letícia Tancredi, Katharina Sill, Naiara Azevedo, Gustavo Barreto, Marilene Peçanha, Mari Faria, Raquel Zangrandi e Caio Brasil pela parceria, pelos ensinamentos e pela inspiração.

Minha gratidão a todos os que contribuíram financeiramente para que eu pudesse realizar meu intercâmbio acadêmico e dar vida a esse trabalho e a um capítulo mais que importante da minha graduação. A todos vocês cujos nomes eu sei e aos que eu não sei, obrigada por terem investido na transformação da minha vida.

Com destaque, agradeço a Dayse Miranda, minha amiga e inspiração profissional e pessoal, que contribuiu ativamente para tornar possível etapas importantes que tracei até aqui. Dayse é uma das provas de que Deus existe na minha vida e eu serei eternamente grata por nossos caminhos terem sido traçados.

E, por fim, agradeço a mim, que sou fruto, resultado e consequência de todos esses encontros mencionados acima. Que esse trabalho seja sempre um lembrete pessoal de que sou capaz de ser e fazer tudo que quiser, inclusive mudar o mundo. E de que eu nunca estive e nem nunca estarei sozinha nessa missão.

*It is a privilege and a responsibility to be
entrusted with another person's testimony and to
verify its truth.*

(Rania Abouzeid)

SILVA, Kathlen Barbosa da. **“Gripezinha” e desinformação: ataques à democracia brasileira durante o governo Bolsonaro**. Orientadora: Alice Carvalho de Melo. Coorientador: Fernando Ewerton Fernandez Júnior. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2021.

RESUMO

O jornalismo tem enfrentado muitos desafios no contexto político recente. Sua base fundamental, a de informar, tem estado sob ataque. E seu trabalho tem sido descredibilizado por figuras centrais do governo e seus apoiadores. Esse processo afeta não somente a instituição jornalística, mas o sistema democrático como um todo, dada a garantia constitucional que os cidadãos têm de acesso à informação. Sob o olhar da comunicação política, tentamos traçar um caminho entre a sabotagem do discurso público e os ataques a instituições democráticas. Este trabalho busca compreender, a partir do caso brasileiro, como campanhas de desinformação podem e têm ameaçado o sistema democrático liberal ao redor do mundo. Analisando exemplos de declarações de Jair Bolsonaro antes, durante e depois das eleições de 2018, vimos como ele se encaixa no perfil conservador populista-conspiracionista que teóricos da comunicação política têm apontado como personagem central no processo de recessão democrática global.

Palavras-chave: desinformação; *fake news*; democracia; jornalismo; pandemia.

ABSTRACT

Journalism has been facing many challenges in the recent political context. Its fundamental base, to inform, has been under attack. Its work has been delegitimized by central government figures and their supporters. This process affects not only the journalistic institution, but the whole democratic system, due to the constitutional right for citizens to have access to information. Under the perspective of political communication, we have tried to outline a path between the public discourse sabotage and the attacks on Brazilian democratic institutions. This work tries to comprehend, through the Brazilian case, how disinformation campaigns can and have been threatening the liberal democratic system around the world. We analyse examples of Jair Bolsonaro's statements before, during and after the 2018 elections and look over how he fits the conservative populist-conspiracionist profile that political communication authors have been pointing out as the main character in the process of global democratic recession.

Keywords: disinformation; fake news; democracy; journalism; pandemic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem de Trump com logo da CNN cercada de sangue na sola do sapato.....	29
Figura 2 – Captura de tela de <i>tweet</i> publicado por @jairbolsonaro com vídeo em que é simbolicamente atacado por “hienas da oposição”.....	30
Figura 3 – Captura de tela de <i>tweet</i> feito por @jairbolsonaro sobre Dilma Rousseff.....	41
Figura 4 – Captura de tela de comentário feito pelo usuário @lanachama na postagem anterior de Jair Bolsonaro.....	42
Figura 5 – Captura de tela de <i>tweet</i> feito por @jairbolsonaro sobre os porquês de ele não ser de esquerda.....	42
Figura 6 – Captura de tela de comentários feitos pelos usuários @Rhafaeluchirra e @KohlerCarla na postagem anterior de Jair Bolsonaro.....	43
Figura 7 – Captura de tela de publicação no Facebook que atribuía a criação do “ <i>kit gay</i> ” a Fernando Haddad.....	46
Figura 8 – Captura de tela de vídeo que circulava no Facebook relatando a distribuição das mamadeiras.....	47
Figura 9 – Captura de tela de uma publicação no Facebook associando o suposto projeto de legalização da pedofilia ao PT.....	48
Figura 10 – Montagem e foto original em que Adélio aparece em manifestação de Lula.....	48
Figura 11 – Captura de tela de <i>tweet</i> publicado por @ManuelaDavila mostrando a imagem alterada e a original.....	49
Figura 12 – Captura de tela do levantamento feito pelo Aos Fatos das declarações falsas ou distorcidas de Jair Bolsonaro.....	57
Figura 13 – Captura de tela de uma declaração de Jair Bolsonaro de 07/03/2019 checada e publicada pelo Aos Fatos na página do levantamento.....	59
Figura 14 – Captura de tela da checagem do Aos Fatos da afirmação falsa mais repetida por Jair Bolsonaro (127 vezes até 25/10/2021).....	62
Figura 15 – Captura de tela da checagem do Aos Fatos da terceira afirmação falsa mais repetida por Jair Bolsonaro (89 vezes até 25/10/2021).....	63
Figura 16 – Captura de tela do site da <i>Folha de S. Paulo</i> feita em 24/10/2021.....	69
Figura 17 – Captura de tela de <i>newsletter</i> da <i>Folha de S. Paulo</i> de 24/10/2021.....	70

Figura 18 – Captura de tela de declaração de Jair Bolsonaro feita em 07/09/2021 sobre as urnas eletrônicas e checada pela agência Aos Fatos.....	72
Figura 19 – Captura de tela de declaração de Jair Bolsonaro feita em 07/09/2021 sobre as urnas eletrônicas e checada pela agência Aos Fatos.....	73
Figura 20 – Captura de tela de <i>tweet</i> feito por @jairbolsonaro sobre o PT durante as eleições de 2018.....	74
Figura 21 – Captura de tela de <i>tweet</i> feito por @jairbolsonaro sobre defesa à liberdade de imprensa e a esquerda brasileira durante as eleições de 2018.....	74
Figura 22 – Jair Bolsonaro posa ao lado de cartaz que ironiza busca por restos mortais de perseguidos políticos da ditadura em 2009.....	76
Figura 23 – Captura de tela de <i>tweet</i> de @jairbolsonaro sobre Direitos Humanos.....	77
Figura 24 – <i>Ranking</i> dos ataques à imprensa no Brasil em 2020 monitorados pela organização Repórteres sem Fronteiras.....	80
Figura 25 – Captura de tela da checagem do Aos Fatos da segunda afirmação falsa mais repetida por Jair Bolsonaro (99 vezes até 25/10/2021).....	82
Figura 26 – Captura de tela de declaração falsa de Bolsonaro checada pelo Aos Fatos.....	84
Figura 27 – Captura de tela de declaração falsa feita por Jair Bolsonaro em 05/08/2021 sobre o ministro Luís Roberto Barroso checada pelo Aos Fatos.....	86
Figura 28 – Manifestantes pró-Bolsonaro em ato na Avenida Paulista em 07/09/2021.....	87
Figura 29 – Manifestante pró-Bolsonaro com cartaz “Liberdade. Sem passaporte de vacinação” em 07/09/2021.....	88
Figura 30 – Manifestante pró-Bolsonaro em 07/09/2021.....	89
Figura 31 – Manifestante pede a criminalização do comunismo em 07/09/2021.....	89
Figura 32 – Manifestantes pró-Bolsonaro pedem voto impresso em 07/09/2021.....	90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A “ERA DA DESINFORMAÇÃO” E AS ELEIÇÕES DE 2018	20
2.1 “You are <i>Fake News</i> ”: a popularização da desinformação e a ameaça à democracia	21
2.2 As mentiras de Bolsonaro e a pós-verdade	36
2.3 A campanha da desinformação e o “gabinete do ódio”	44
3 A “GRIPEZINHA” E A CRISE INSTITUCIONAL NO BRASIL	55
3.1 ‘Aos Fatos’: mentiras, pandemia e as agências de checagem	56
3.2 Desgaste das instituições democráticas?	68
3.3 Sete de setembro: a liberdade de não querer ser livre	81
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
5.1 Livros e artigos	96
5.2 Reportagens e <i>sites</i> da internet	98

1 INTRODUÇÃO

Informação sempre foi um tema central na minha trajetória. Não só me apaixonei pela televisão ao longo da vida, por influência familiar, mas também por suas diversas formas de informar e comunicar. Assim como para muitas outras famílias pobres ao redor do país, o estudo na minha casa significava esperança. Esperança de mudança. Fui a primeira pessoa da minha família a entrar numa universidade pública e uma das pouquíssimas a cursar o ensino superior. Ter oportunidades que meus pais e avós não tiveram é reconhecer, nos espaços de privilégio que pude transitar, a necessidade de encontrar pares e de ver o Brasil — diverso, plural e desigual — representado na maior universidade federal do país.

Foi por conta disso que decidi aprender alemão sozinha aos 16 anos. Meu grande sonho era estudar na Alemanha e aprender mais sobre a história do governo nazista e da Segunda Guerra Mundial, que tanto me impressionaram durante o ensino médio. A minha aspiração a jornalista despertava uma curiosidade a respeito de como a propaganda nazista funcionava e também de que maneira a Alemanha de Hitler conseguiu cometer tantos crimes contra a humanidade. A crueldade me intrigava. Em 2019, fui selecionada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para um intercâmbio acadêmico na Freie Universität Berlin (FUB), na Alemanha. Conciliei cinco empregos simultâneos com a graduação e muitas horas no transporte público por cerca de seis meses e criei um financiamento coletivo na internet para custear minha viagem. Por conta da pandemia de Covid-19, meus esforços quase foram em vão. Mas, em setembro de 2020, embarquei para Berlim.

Já na reta final da minha graduação e em “tempos de *fake news*” no Brasil e no mundo, meu apreço pela informação me intrigava e estimulava ainda mais a conectar todos esses pontos, mesmo sabendo que não cabe comparar contextos políticos e históricos tão diferentes e distantes. Encontrei então, em Berlim, o elo que precisava. As aulas de comunicação política da FUB me atravessaram como uma amiga que há muito tempo não via e me trouxeram algumas respostas e caminhos para compreender as dúvidas de antes e as de hoje. E foram esses os caminhos que me trouxeram até a realização desse trabalho. Durante meu intercâmbio, pude aprender mais sobre as relações intrínsecas entre comunicação e política e sobre fenômenos que vi acontecerem no meu país desde as eleições de 2018. As campanhas de desinformação são um fenômeno global que ameaça a ciência, o jornalismo, as instituições democráticas e, acima de tudo, a informação e seu poder transformador de acesso.

A mudança que hoje a minha família enxerga e vive só aconteceu por conta do acesso à informação. E é por reconhecer a importância da democratização a esse acesso que decidi ser jornalista. E, por isso também, escrevo esse trabalho.

Neste estudo, analisaremos, por meio do caso brasileiro, como campanhas de desinformação podem e têm ameaçado estruturas democráticas ao redor do mundo. Buscaremos explorar como esse fenômeno, que tem sido estudado e acompanhado pela comunicação política¹ nos últimos anos, se desenvolve. Dentro desta perspectiva, acredita-se que campanhas de desinformação promovidas por políticos populistas tenham a capacidade de infiltrar e sabotar o discurso público, alimentando e incitando não apenas ataques diretos, mas também a deslegitimação e descredibilização estrutural de instituições importantes como a ciência, a mídia e outros poderes. E, como destacam os autores norte-americanos Bennett e Livingston (2020), a relevância dessas instituições para o debate político e para a manutenção da estrutura democrática nos faz crer na hipótese de que essas investidas podem ameaçar democracias liberais, inclusive no Brasil.

Neste trabalho, faremos um estudo de caso das mentiras de Jair Bolsonaro — com destaque para aquelas com relação à pandemia, ao jornalismo e à Justiça brasileira — usando como instrumento teórico o pensamento de autores da comunicação política (BENNETT; LIVINGSTON, 2020, TENOVE, 2020), da comunicação (RÊGO; BARBOSA, 2020, TRAQUINA, 2020, DEMURU, 2021) e da ciência política (SUNSTEIN; VERMEULE, 2009, WITTENBERG; BERINSKY, 2020, BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018). Nesta análise do material empírico, buscaremos entender se é possível identificar aproximações entre a retórica política de Bolsonaro e de outros líderes de extrema direita identificados pela autora Michiko Kakutani (2018) como pessoas que se amparam em desinformação para ruir estruturas democráticas. Para demonstrar isso, nos apoiaremos em indicadores de comportamento autoritário desenvolvidos pelos cientistas políticos Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) e tentaremos aplicá-los no contexto brasileiro, claro, respeitando as particularidades deste país.

De forma geral, nos proporemos a compreender, a partir dos conceitos de “teorias da conspiração” (SUNSTEIN; VERMEULE, 2009), “desinformação”, “*fake news*”, “*bullshit*”

¹ Entende-se aqui, por comunicação política, um campo híbrido entre a ciência da comunicação e a comunicação política na área de estudos que explora as conexões entre as dinâmicas do poder político e do universo da comunicação. Entre os autores do campo, destacam-se Kate Kenski e Kathleen Hall Jamieson, editoras do *The Oxford Handbook of Political Communication* (2017), o Manual da Comunicação Política de Oxford, em português.

(WITTENBERG; BERINSKY, 2020), “desorientação” (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018) e “sabotagem do discurso” (MACLEAN, 2021), como essas campanhas de desinformação podem afetar negativamente, segundo Tenove (2020), bens normativos do sistema democrático. E de que forma alguns exemplos de declarações de Jair Bolsonaro antes, durante e após a campanha eleitoral de 2018 se encaixam nessa problemática. Investigaremos, no Capítulo 2, como Jair Bolsonaro se aproxima de outros populistas conservadores, como Donald Trump, Vladimir Putin e Viktor Orbán e, de que forma, sob o olhar da comunicação política, esses fatores podem estar influenciando uma crise democrática no Brasil.

Para isso, abordaremos o contexto global do fenômeno da desinformação política nos anos recentes, o cenário político brasileiro dentro do qual Jair Bolsonaro foi eleito à Presidência em 2018 e como o perfil populista e conservador dele tem guiado sua forma de governar. Além disso, traremos exemplos desses posicionamentos a fim de analisar se o comportamento do presidente se encaixa no perfil autoritário desenhado por Levitsky e Ziblatt (2018). E, a partir de uma análise quantitativa e qualitativa das mentiras proferidas por ele durante a pandemia — feita a partir do trabalho jornalístico de checagem de informações da plataforma Aos Fatos, que tem monitorado todas as falas públicas do presidente desde seu primeiro dia no cargo — tentaremos mostrar, no Capítulo 3, como os argumentos pós-modernos estão presentes em sua forma de governar e de que forma essa subversão da factualidade, questão central para a comunicação e para o jornalismo, tem contribuído para a erosão da confiança nas instituições.

No Capítulo 2, apresentaremos exemplos de investidas contra bens democráticos em outros países e governos e, a partir das observações de Kakutani (2018) sobre padrões que se manifestam em diferentes épocas e lugares, mostraremos como o conceito de verdade pode estar se deteriorando na cultura ocidental moderna e como isso influencia o cenário brasileiro que investigaremos mais a fundo. Com as contribuições de Demuru (2021) e Rêgo e Barbosa (2020), analisaremos o histórico conservador de Bolsonaro e o contexto político-histórico que levou à polarização observada nas eleições de 2018 e, simultaneamente, exploraremos a narrativa populista-conspiracionista e messiânica² de Jair Bolsonaro durante esse período. Além disso, abordaremos brevemente alguns impactos que a campanha de desinformação

² De acordo com o dicionário ‘*Oxford Languages*’, a palavra “messiânico” significa: relativo a um messias ou a movimento ideológico que prega a missão de que estaria investido um homem (ou grupo de homens) na salvação da humanidade. Demuru (2021) atribui esse termo ao discurso de Bolsonaro pela relação entre política e religião presentes em sua oratória.

promovida por ele tiveram no discurso e na opinião pública, a partir de resultados de pesquisas de opinião sobre a confiabilidade dos cidadãos brasileiros em produtos de desinformação, na imprensa e no sistema democrático.

No Capítulo 3, buscaremos entender, essencialmente, as investidas de Jair Bolsonaro contra instituições que são essenciais para o pleno funcionamento da democracia, entre elas, a ciência, a imprensa e o sistema judiciário. Utilizaremos três recursos de análise para compreender os esforços de descredibilização e os ataques, diretos e indiretos, proferidos pelo presidente a essas instituições democráticas.

Primeiro, desenvolveremos uma análise quantitativa e qualitativa de um levantamento, realizado pela plataforma de checagem Aos Fatos, das mentiras de Bolsonaro. Nesta etapa, nos limitaremos a investigar as declarações do presidente checadas e atribuídas como falsas que estão relacionadas à pandemia e de que formas essa campanha de desinformação pode ter impactado o comportamento dos brasileiros em relação à doença. O período de análise escolhido é a partir do dia 11 de março de 2020, porque corresponde à data da primeira mentira sobre o tema após a confirmação do primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus no Brasil. E se encerra no dia 7 de setembro de 2021, por conta das manifestações realizadas no feriado em que se comemora a independência do Brasil, que são abordadas ao final deste capítulo.

Pelas limitações de tempo para a conclusão do trabalho, não poderemos fazer uma análise quantitativa e qualitativa mais profunda da base de dados que o levantamento do Aos Fatos oferece, por exemplo, focando nos temas “Corrupção”, “Imprensa”, “Justiça”, “Meio ambiente” e outros que estão intrinsecamente relacionados às problemáticas que serão abordadas por esse trabalho. Nos limitaremos a aprofundar essa análise somente no tema “Coronavírus” por conta de sua relevância, que é evidenciada pelos números que serão apresentados, para o atual cenário político, econômico, social, sanitário e jornalístico do país. Além disso, não nos aprofundaremos em ações — ou inações — políticas de Bolsonaro durante esse período, bem como na investigação apelidada de ‘CPI da Covid’, porque entendemos que essas questões, apesar de extremamente importantes para a sociedade brasileira, têm lugar periférico na análise do conteúdo de desinformação, mais central para o jornalismo e para a proposta deste trabalho.

Na segunda etapa do capítulo, utilizaremos indicadores de comportamento autoritário desenvolvidos por Levitsky e Ziblatt no livro *Como as democracias morrem* (2018) para

analisar qualitativamente, a partir de exemplos de declarações feitas por Bolsonaro antes de sua eleição, como ele se encaixa no perfil de autoritário que os autores descrevem. E tentaremos mostrar como esse comportamento, principalmente em relação à mídia, tem potencial para gerar uma sabotagem do discurso público no Brasil e, conseqüentemente, minar a credibilidade da instituição jornalística, que, como destaca Traquina (2020), é tão fundamental para o sistema democrático.

O jornalismo é uma instituição social moderna que se ancora em critérios fundamentais para a formação de seu principal produto, a notícia. Entre esses critérios, como a objetividade, a relevância, a atualidade, e o método profissional, há um fator essencial: a busca pela verdade. Mesmo que jornalistas e seus processos de produção de notícias estejam sujeitos a fatores organizacionais e ideológicos de seus históricos sociais, políticos e culturais pessoais que podem influenciar a forma como esse produto é esculpido, a base dele — o fato — é imutável. As notícias são fruto da interpretação pessoal e organizacional desses seres que, independentemente de qualquer influência, atêm-se à narração de um fato, que é investigado por meio de métodos inerentes a essa instituição. Os fatos são, portanto, selecionados por um jornalista e/ou veículo a partir de critérios de noticiabilidade, e publicados a partir de sua qualificação como informação de interesse público.

Por último, analisaremos brevemente, por meio de mentiras checadas pelo Aos Fatos e declarações do presidente veiculadas pela imprensa, investidas relacionadas ao Poder Judiciário que habitam o universo de ataques do presidente e de seus aliados e apoiadores, que serviram como motriz para a realização de atos antidemocráticos — como foram definidas por ministros do Superior Tribunal Federal (STF) e pela imprensa algumas manifestações que ocorreram no Brasil entre 2020 e 2021 em que foram proferidas mensagens contra os Poderes Legislativo e Judiciário e pedidos de intervenção pelas Forças Armadas. Vamos nos aprofundar na análise dos atos que ocorreram em data mais próxima à realização deste trabalho por acreditarmos que eles refletem uma atualização do panorama político e judicial e uma escalada das tensões que alimentaram essas manifestações em relação aos outros que haviam sido realizados no primeiro semestre de 2020. Além disso, apesar de ter havido protestos também contra Bolsonaro nesta data, nos limitaremos a analisar apenas os atos de apoiadores do presidente, como forma de exemplificar os ataques e acirramentos com o Poder Judiciário. Por fim, consideramos importante destacar a simbologia desta data escolhida para os atos, por representar a comemoração de independência do país num cenário de crise

econômica, política e sanitária e, ao mesmo tempo, defender pautas que ferem intrinsecamente a democracia e, portanto, as liberdades que são asseguradas por ela.

2 A “ERA DA DESINFORMAÇÃO” E AS ELEIÇÕES DE 2018

A “era da desinformação” (BENNETT; LIVINGSTON, 2020) é marcada pela produção e compartilhamento em massa de conteúdos imprecisos, falsos e/ou enviesados. Não é possível atribuir à internet a responsabilidade por esse contexto, mas pode-se observar que o mundo digital potencializa a propagação dessas mentiras por conta de seu acelerado fluxo de informações e seus imaturos sistemas de regulamentação (TENOVE, 2020). Essa ferramenta, capaz de pluralizar e democratizar o acesso e a produção de informação, se tornou instrumento danoso para a própria democracia, uma vez que conteúdos de desinformação passaram a atacar a liberdade de imprensa, os direitos de minorias, o conhecimento científico e a contribuir ativamente para a erosão da confiança em instituições democráticas (BENNETT; LIVINGSTON, 2020).

O pensamento de teóricos pós-modernos da segunda metade do século XX abriu as portas para outras filosofias de análise da realidade e da verdade, como o niilismo e a desconstrução. A negação de todos os princípios, o ceticismo extremo e a banalização da infinita subjetividade de significados guiaram a sociedade ocidental contemporânea para um estado de “desorientação”, no qual o processo de confiar em qualquer fonte de informação torna-se muito mais complexo e difícil (KAKUTANI, 2018).

O argumento pós-moderno de que todas as verdades são parciais (e dependem da perspectiva de uma pessoa) levou ao argumento de que existem diversas maneiras legítimas de entender ou representar um acontecimento. Isso tanto encorajou um discurso mais igualitário quanto possibilitou que as vozes dos outrora excluídos fossem ouvidas. Mas também foi explorado por aqueles que quiseram defender teorias ofensivas ou desacreditadas, ou equiparar coisas que não podem ser equiparadas. (KAKUTANI, 2018, p. 87)

Esta sabotagem do discurso público — planejada, financiada e incentivada principalmente por partidos, organizações e empresários ligados à extrema-direita — tem promovido um desgaste da credibilidade de instituições que são essenciais para a democracia liberal, como a mídia e a ciência (BENNETT; LIVINGSTON, 2020). E políticos populistas-conspiracionistas têm conquistado cada vez mais espaços de poder por conta dessa dinâmica. No Brasil, Jair Bolsonaro personifica e representa esse movimento que tem ameaçado democracias ao redor do mundo (DEMURU, 2021).

Baseado no conceito de teoria da conspiração de Sunstein e Vermeule (2009) e nas definições esclarecedoras dos diferentes tipos de desinformação de Wittenberg e Berinsky

(2020), este capítulo busca mostrar como essas conspirações são construídas, no que se baseiam e como elas têm sido sustentadas por propagandas e campanhas de desinformação. Além disso, baseado no trabalho de Tenove (2020) sobre desinformação como uma ameaça à democracia, este capítulo pretende apresentar possíveis consequências diretas dessas crenças e discursos conspiratórios para instituições democráticas e, conseqüentemente, para o público, e como este seria um caminho direto para colocar democracias em risco.

Em resumo, buscamos avaliar como campanhas de desinformação baseadas em teorias da conspiração (às vezes alimentadas por “*bullshit*” e “*fake news*”³) têm provocado uma grande sabotagem do discurso em muitas democracias liberais ao redor do mundo, usando o exemplo brasileiro. E que essa sabotagem do discurso, que leva a população a um estado de “desorientação”, também contribui para e é fortalecida pelos ataques diretos, pela descredibilização e pela deslegitimação de instituições como a mídia, favorecendo o enfraquecimento da estrutura democrática, ou seja, sua habilidade de possibilitar a deliberação livre, como explicaremos adiante.

Portanto, neste capítulo, vamos apresentar declarações falsas que Bolsonaro e seus aliados e apoiadores construíram durante o período eleitoral de 2018 com o objetivo de estabelecer um quadro dualístico que poderia favorecê-lo no cenário político polarizado do país. Refletindo se essas crenças conspiratórias levaram à eleição de um governante populista com comportamento autoritário no Brasil. O governo bolsonarista seria uma ameaça à democracia brasileira, como vêm alertando os conglomerados de comunicação? Estaria esta ameaça sendo fundada por meio de uma propaganda de desinformação baseada na conspiração da “ameaça comunista”? Aqui, traremos alguns exemplos que nos levam a refletir sobre esta possibilidade.

2.1 “You are *Fake News*”: a popularização da desinformação e a ameaça à democracia

A relação entre desinformação e democracia tem sido pesquisada, exposta e discutida com frequência nos últimos anos, principalmente desde a candidatura e posterior eleição de Donald Trump.

A segunda década do Século XXI foi marcada por um importante recrudescimento das narrativas populistas e conspiracionistas ao redor do mundo. Ambas estão

³ Os dois termos são provenientes do inglês e significam, em tradução literal, “besteira” e “notícias falsas”. Suas diferenças e definições dentro do estudo sobre desinformação são exploradas por Wittenberg e Berinsky (2020) e Frankfurt (2005) e serão abordadas mais à frente neste capítulo..

intimamente ligadas. Líderes populistas de direita, de diferentes países e continentes, apoiam-se em ferramentas discursivas conspiratórias muito similares para promover suas ideologias: polarização, vagueza, semiose hermética e afetiva, entre outras. Em muitas ocasiões, eles retratam a si mesmos – e passam a ser percebidos – como os salvadores da nação, prontos para dar o próprio sangue para proteger seu povo das elites que buscam, supostamente, dominá-los. (DEMURU, 2021, p. 287)

“Pelos seus esforços para salvaguardar a liberdade de expressão, que é pré-requisito para a democracia e uma paz duradoura” (THE NOBEL..., 2021, tradução nossa)⁴ é o que diz o *website* do Prêmio Nobel ao anunciar a concessão do Prêmio Nobel da Paz de 2021, categoria de maior destaque, aos jornalistas Maria Ressa e Dmitry Muratov. Ressa fundou, em 2012, a *Rappler*, uma empresa de mídia digital que trabalha com jornalismo investigativo, e tem conduzido a plataforma em seu trabalho de expor abusos de poder, uso de violência e crescente autoritarismo nas Filipinas. Muratov é editor-chefe do *Novaja Gazeta*, jornal independente que ajudou a fundar em 1993. O jornal, reconhecido pelo seu rigor jornalístico factual, publica reportagens sobre corrupção, violência policial, prisões ilegais, fraudes eleitorais e fábricas de “*trolls*”⁵ na Rússia.

Anualmente, a revista norte-americana *Time* elege uma figura pública (ou um grupo social de relevância) como “Pessoa do Ano”. Em 2016, essa pessoa foi Donald Trump, um “*outsider* político”⁶ que “parecia mais real do que os profissionais políticos com roteiro”, de acordo com a revista.⁷ “Todo ano escolhemos a Pessoa do Ano, que é a pessoa que teve a maior influência para o melhor ou para o pior nos acontecimentos”, destaca a ex editora-chefe da revista, Nancy Gibbs⁸. Em 2018, o grupo eleito foram profissionais da imprensa que lutam pela defesa das liberdades de imprensa e de expressão ao redor do mundo. Sob o tema “Os guardiões e a Guerra da Verdade”, a Pessoa do Ano foi representada pelos jornalistas Jamal Khashoggi, Maria Ressa, Wa Lone, Kyaw Soe Oo e a empresa de comunicação Capital Gazette, de Annapolis, nos Estados Unidos. “Em suas formas mais elevadas, a influência — a medida que tem sido por nove décadas como o foco da Pessoa do Ano da TIME — deriva da

⁴ No original: “[...] for their efforts to safeguard freedom of expression, which is a precondition for democracy and lasting peace”.

⁵ *Trolls*, na internet, são usuários cujo comportamento envolve atacar e depreciar outras pessoas online.

⁶ Termo usado para se referir a candidatos que nunca ocuparam um cargo eletivo ou posto de gabinete. LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. A grande abdicação republicana. **Como as democracias morrem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, p. 59.

⁷ SCHERER, M. Donald Trump: 2016 Person of the Year. **Time**, 7 dez. 2016. Disponível em: <https://time.com/time-person-of-the-year-2016-donald-trump/>. Acesso em: 10 out. 2021.

⁸ Idem.

coragem”, ressalta o editor-chefe da revista, Edward Felsenthal.⁹ No texto que anuncia a escolha da revista, o editor geral Karl Vick destaca:

Este deve ser um momento em que a democracia dá um salto à frente, uma cidadania informada sendo essencial para o autogoverno. Em vez disso, está recuando. Três décadas após a derrota de uma autocracia crua e rude na Guerra Fria, uma marca mais inteligente se alimenta da escuridão que nos cerca. O déspota da velha escola abraçou a censura. O déspota moderno, achando isso mais difícil, fomenta a desconfiança de fatos verossímeis, prospera na confusão liberada pelas redes sociais e cria a ilusão de legitimidade dos suplicantes. (VICK, 2018, tradução nossa)¹⁰.

Estes exemplos destacam um fator importante na dinâmica entre desinformação e democracia: como o trabalho da mídia que segue à risca as demandas do jornalismo profissional — assim como o de outras instituições-chave — é essencial para a manutenção da democracia ao redor do mundo.

Democracia, como nós a conhecemos, consiste, entre outras características fundamentais, em deliberação: ela requer que as pessoas sejam livres para conversar umas com as outras, receber e compartilhar informações confiáveis, dar suas opiniões e chegar a conclusões juntas. Recentemente, muitas democracias ao redor do mundo têm enfrentado problemas para manter seus sistemas funcionando bem. Um grande impasse para o bom funcionamento do sistema democrático ocorre quando as pessoas não são mais capazes de deliberar para resolver seus problemas coletivos, porque o fundamento de defini-los está corrompido (BENNETT; LIVINGSTON, 2020).

Isto tem acontecido nos últimos anos, como mostram os cientistas políticos norte-americanos W. Lance Bennett e Steven Livingston, por conta de uma crise epistemológica. Essa crise pode ser representada pelos focos do debate público que, em diferentes lugares, momentos e casos, passaram a ser assuntos triviais e as pessoas tiveram que recuar um pouco para reconsiderar e rediscutir sobre assuntos de conhecimento básico. Muitos desses assuntos estão começando a ser contestados depois de muitos anos, mesmo (ou principalmente) os de caráter científico. É por isso que, segundo eles, entre os sinais mais claros de ruptura democrática está a descredibilização de instituições responsáveis por

⁹ FELSENTHAL, E. The choice: 2018 Person of the Year. **Time**, 11 dez. 2018. Disponível em <https://time.com/person-of-the-year-2018-the-guardians-choice/>. Acesso em: 10 out. 2021.

¹⁰ No original: “This ought to be a time when democracy leaps forward, an informed citizenry being essential to self-government. Instead, it’s in retreat. Three decades after the Cold War defeat of a blunt and crude autocracy, a more clever brand takes nourishment from the murk that surrounds us. The old-school despot embraced censorship. The modern despot, finding that more difficult, foments mistrust of credible fact, thrives on the confusion loosed by social media and fashions the illusion of legitimacy from supplicants”.

fornecer informações verossímeis. Em seu livro *The disinformation age*, “A era da desinformação”, em português (2020), Bennett e Livingston argumentam que o atual aumento de informações disruptivas na era da pós-verdade é o resultado da erosão dos *gatekeepers* institucionais (BENNETT; LIVINGSTON, 2020, p. 9) — como os sistemas judiciários independentes, a ciência reconhecida e o jornalismo profissional¹¹.

Quando essas instituições operam com altos níveis de confiança do público, elas produzem informações que geralmente são confiadas e mantidas dentro dos limites dos valores sociais reconhecidos, das normas políticas e entendimentos convencionais sobre o que é e o que não é aceitável. (BENNETT; LIVINGSTON, 2020, p. 9, tradução nossa)¹²

No entanto, o debate público tem sido sabotado por fatos alternativos nos últimos anos. Isso coloca todo esse conhecimento factual em risco, ao mesmo tempo em que também coloca seu poder de influenciar e definir os limites sociais da deliberação democrática. Esse questionamento da legitimidade das instituições foi inicialmente provocado pelo enfraquecimento da confiança popular nas instituições democráticas liberais, por meio de mentiras e enganações de fontes oficiais e, conseqüentemente, da mídia, que veicula suas declarações (BENNETT; LIVINGSTON, 2020, p.11).

Atualmente, no contexto que será analisado neste trabalho, esse questionamento também é causado pelas ameaças e ataques diretos de agentes e/ou instituições políticas, tentando descredibilizá-las ou colocá-las na posição de “outro” ou “inimigo”, fundamental para a dinâmica conspiratória. Esse esforço para enfraquecer o discurso, o trabalho e a influência política dessas instituições na manutenção da democracia funcional tem sido promovido em muitos países ao redor do mundo por políticos e governos com características autoritárias e populistas como, por exemplo, Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria. Tamás Bodoky, jornalista investigativo húngaro, destacou como esse processo tem acontecido em seu país durante sua participação num festival de jornalismo no Brasil, organizado pela revista *Piauí*: “Nós não somos assediados fisicamente na Hungria por fazer o que fazemos, mas o governo faz qualquer coisa para nos descredibilizar e cortar financiamento” (O INVESTIMENTO..., 2019). No evento, Bodoky falou sobre seu portal de notícias sem fins lucrativos e a relação entre a mídia e o governo na Hungria:

¹¹ Essa relação entre jornalismo, desinformação e democracia, bem como os ataques de Bolsonaro à imprensa brasileira serão tratados mais a fundo no Capítulo 3.

¹² No original: “When these institutions operate with high levels of public confidence, they produce information that is generally trusted and kept within the bounds of recognized social values, political norms, and conventional understandings about what is and what is not acceptable”.

Somos muito pequenos, apenas seis jornalistas, e investigamos gastos públicos e corrupção política. E o que acontece é que a imprensa pró-governo não divulga as nossas notícias, não dá seguimento às nossas investigações, sempre fala de nós de forma muito depreciativa. Sua ideia de imprensa é a de um setor de mídia que eles controlam. Ou são donos de veículos, ou os financiam, ou então por meios políticos e legislativos. Qualquer outro jornalista fora do conglomerado do governo é considerado hostil e considerado como inimigo. Eles até negam o status de jornalista a qualquer um que não seja alinhado com eles. (O INVESTIMENTO..., 2019).

Com o objetivo de esconder segredos ou pela ausência de suporte argumentativo para promover e implementar suas agendas, esses governantes criam um cenário no qual eles podem colocar seus projetos no centro da discussão do debate político (BENNETT; LIVINGSTON, 2020). Essa situação só é possível se eles subvertem a funcionalidade democrática da deliberação, menosprezando e enfraquecendo convicções e informações de domínio público, com o objetivo de inundar o debate com dúvidas, descredibilizando fontes que até então eram confiáveis ou que eles não queiram que sejam.

No início de 2018, Steve Bannon, editor do Breitbart News e ex-estrategista de Donald Trump, deu uma explicação concisa sobre como explorar confusão e desconfiança: o jeito de lidar com a mídia, disse ele, é “inundar a área com merda”. Isso não apenas resume a lógica do uso de mentiras e distrações de Trump; mas também descreve a lógica dos esforços de desinformação visando semear dúvidas sobre ciência e democracia [...]. (STARR, 2021, p. 69, tradução nossa)¹³

Por conta disso, eles criam a oportunidade de discutir e trazer para o debate político assuntos que eram certeza, como no caso da “teoria da terra plana”, por exemplo. Ela é defendida atualmente por muitos políticos, instituições e até cientistas, mesmo que este seja um paradigma estabelecido mais de 2 mil anos atrás. Fazendo isso, eles estabelecem uma “sabotagem do discurso”, um cenário em que eles manipulam e determinam quais assuntos querem que sejam discutidos e reavaliados em favor de seus próprios interesses e/ou apenas para preencher o espaço do debate com incertezas, excluindo, ao mesmo tempo, as referências de argumentação uma vez credíveis. Como ressalta Kakutani (2018),

Pelo mundo todo, ondas de populismo e fundamentalismo estão fazendo com que as pessoas recorram mais ao medo e à raiva do que ao debate sensato, corroendo as instituições democráticas e trocando os especialistas pela sabedoria das multidões. (KAKUTANI, 2018, p. 12)

¹³ No original: “In early 2018, Steve Bannon, publisher of Breitbart News and Donald Trump’s former strategist, gave a concise explanation of how to exploit confusion and distrust: the way to deal with the media, he said, is ‘to flood the zone with shit.’ That not only sums up the logic of Trump’s use of lies and distraction; it also describes the logic of disinformation efforts aimed at sowing doubts about science and democracy [...]”

A pandemia de Covid-19 recebeu essa classificação pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, quando o número de casos ao redor do mundo ultrapassou a marca de 118 mil e o vírus já havia feito mais de quatro mil vítimas¹⁴, desde os primeiros casos que surgiram na China, ainda no final de 2019. O trabalho da imprensa foi fundamental frente à incipiência da situação e às poucas informações que a comunidade científica tinha sobre o vírus no início desse processo. Para informar em larga escala sobre as medidas de proteção contra o vírus, a imprensa se apresentou como um canal de provável alta eficácia de comunicação entre as instituições científicas e o público geral, o que fez cientistas se prepararem para dar entrevistas a jornalistas¹⁵. No Brasil, menos de uma semana depois, em 17 de março de 2020, a TV Globo, lançou o programa “Combate ao coronavírus”, que ficou no ar até 22 de maio de 2020. Apresentado pelo jornalista Márcio Gomes, o programa tinha duração em torno de uma hora e contava com a participação de especialistas para esclarecer dúvidas de telespectadores sobre a doença, orientar sobre a importância das medidas de segurança — como o distanciamento social, o uso de máscaras faciais e a higienização regular das mãos — e trazia informações atualizadas sobre a disseminação do vírus¹⁶.

Desde o início da pandemia de Covid-19 no Brasil — 26 de fevereiro de 2020, quando foi confirmado o primeiro caso da doença no país —, Jair Bolsonaro e apoiadores instaram sobre o “tratamento precoce” para combater a doença, em batalha argumentativa com instituições científicas e especialistas. Por não concordar com o negacionismo do governo, de acordo com veículos de informação, dois ministros da saúde foram demitidos ainda nos três primeiros meses da pandemia no Brasil¹⁷. Fazem parte do “*kit covid*”, como também ficou conhecido o suposto tratamento, medicamentos como a cloroquina, hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina, substâncias sem eficácia comprovada contra o novo coronavírus

¹⁴ MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. OMS declara pandemia de coronavírus. **G1**, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2021.

¹⁵ XAVIER, A. A. O.; BARATA, G.; TERCIC, L. S. Covid-19 aproxima cientistas da mídia de maneira inédita. **UNICAMP**, 14 maio 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/coronavirus/covid-19-aproxima-cientistas-da-midia-de-maneira-inedita>. Acesso em: 18 out. 2021.

¹⁶ Combate ao coronavírus. **Globoplay**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/combate-ao-coronavirus/t/dNbXKsnNZx/>. Acesso em: 16 out. 2021.

¹⁷ ASSIM como Teich, Mandetta caiu após discordar de Bolsonaro sobre cloroquina e isolamento. **G1**, 15 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/mandetta-tambem-caiu-apos-discordancias-com-o-presidente-sobre-cloroquina-e-isolamento-vertical.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2021.

por diversos estudos¹⁸ e cujo uso foi contraindicado por instituições como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Sob ordem de Bolsonaro, o Exército brasileiro teria gasto R\$1,14 milhão na produção de 3,2 milhões de comprimidos de cloroquina em 2020, 12 vezes mais do que a produção suficiente para os anos de 2018 e 2019 juntos¹⁹. E, mais de um ano e meio depois, Bolsonaro continuou a defender o uso do “tratamento”, inclusive durante o discurso de abertura da 76ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em que declarou “não entender por que muitos países, juntamente com grande parte da mídia, se colocaram contra o tratamento inicial. A história e a ciência saberão responsabilizar a todos”²⁰.

Esse tipo de informação é chamada de “*misinformation*” (ou má informação), que reúne uma grande gama de conceitos. Toda “má informação” é de alguma forma imprecisa, mas de acordo com os cientistas políticos Chloe Wittenberg e Adam Berinsky (2020, p. 166-167), elas podem variar de acordo com seu valor de verdade, foco, formato e intenção. Isto é, se puderem ser provadas como falsas ou apenas não verificadas; se elas são consequência de uma informação falsa ou de uma crença falsa; se elas são desenhadas para parecer fontes de notícias tradicionais (como as *fake news*) ou não; e qual o nível de consciência de que a informação é imprecisa, falsa ou enviesada tem a pessoa que a espalhou.

Independente da sua classificação, “má informação — em todas as suas formas — pode ter um impacto consideravelmente prejudicial nas crenças e comportamentos das pessoas” (WITTENBERG; BERINSKY, 2020, p.168, tradução nossa)²¹. O primeiro conceito usado para diferenciar a má informação é “desinformação”, que consiste em informação disruptiva compartilhada com o objetivo de manipular e enganar pessoas intencionalmente para atingir objetivos políticos, enquanto a má informação, mesmo que ainda imprecisa, pode ser compartilhada sem a intenção de ser falsa ou sem ter um propósito político.

¹⁸ BIERNATH, A. Tratamento precoce | ‘Kit covid é kit ilusão’: os dados que apontam riscos e falta de eficácia do suposto tratamento. **BBC News Brasil**, São Paulo, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55775106/>. Acesso em: 18 out. 2021.

¹⁹ POMPEU, L. Após dois anos sem produzir cloroquina, Exército gastou mais de R\$1 milhão com comprimidos em 2020. **O Estado de S. Paulo**, Brasília, 02 jun. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral-apos-dois-anos-sem-produzir-cloroquina-exercito-gastou-mais-de-r-1-milhao-com-comprimidos-em-2020.70003735319>. Acesso em: 16 out. 2021.

²⁰ ONU: Bolsonaro defende tratamento sem eficácia contra Covid-19; veja frases do discurso e o que se sabe”. **G1**, 21 set. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/09/21/onu-bolsonaro-defende-tratamento-sem-eficacia-contra-covid-19-veja-frases-do-discurso-e-o-que-se-sabe.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2021.

²¹ No original: “[...] misinformation – in all of its forms – may have a considerable, harmful impact on people’s beliefs and behavior”.

Fake news, um conceito muito discutido e pesquisado nos tempos atuais, tornou-se popular por conta de Donald Trump, que “virou o termo de ponta cabeça e usa-o para tentar desacreditar o jornalismo que considera ameaçador ou desfavorável” (KAKUTANI, 2020, p. 117). Em realidade, o termo se refere a um conteúdo muito similar à desinformação, mas que diferente em seu formato, já que sua característica principal é imitar — sendo construída para parecer — uma notícia real sem seguir seus critérios de produção, para que as pessoas que tenham acesso a ela acreditem que é uma informação correta porque lembra em formato um conteúdo jornalístico confiável, ainda que não seja (WITTENBERG; BERINSKY, 2020). *Bullshit*, por outro lado, é quando o autor não se importa se a afirmação é verdadeira ou não e que efeito político ela provocará, ele se importa apenas com a impressão que ele irá causar. Como o filósofo Harry Frankfurt (2005) diferencia, “o fato sobre ele mesmo que o mentiroso esconde é que ele está tentando nos afastar da apreensão correta da realidade” (FRANKFURT, 2005, pp.54-55), o da pessoa que compartilha *bullshit*, por outro lado, “é que os valores de verdade de suas declarações não são de central interesse para ela”.

Em seu livro *A morte da verdade* (2018), a crítica-literária Michiko Kakutani observa “determinadas condições e atitudes [...] que tornam um povo suscetível à demagogia e à manipulação política, e transformam uma nação numa presa fácil para os aspirantes a autocratas” (p. 10). Ela destaca que:

Sobre sua linguagem incendiária, Lênin explicou certa vez que sua terminologia era “calculada para provocar o ódio, a aversão e o desprezo” — esse tipo de palavreado era “calculado não para convencer, mas para desmobilizar o adversário; não para corrigir o erro do inimigo, mas para destruí-lo, mas para varrê-lo da face da Terra. [...] “para evocar os piores pensamentos, os piores receios sobre o oponente”. [...] tipo de linguagem cada vez mais adotado pelos movimentos de direita em ambos os lados do Atlântico. (KAKUTANI, 2018, p. 170-171)

Segundo ela, a Rússia de Putin usa a propaganda política, da mesma forma que os regimes totalitários do século XX, “para confundir e exaurir seu próprio povo (e, cada vez mais, cidadãos de outros países), desgastando-os com uma torrente tão volumosa de mentiras que as pessoas simplesmente param de contestar e se voltam para suas próprias vidas” (KAKUTANI, 2018, p. 175). Para Kakutani, Trump é um *troll*, “tanto pelo temperamento, quanto pelo hábito”. Na véspera do Natal de 2017, ele retuitou uma imagem em que ele aparece sentado dentro de um carro, com a logo da empresa de mídia CNN e uma mancha de sangue na sola do sapato. Na imagem, há também a palavra “*Winning*”, “ganhando”, em

português, destacando uma guerra que há entre Trump e a mídia norte-americana, além de sua depreciação por ela (Figura 1)²².

Figura 1 – Imagem de Trump com logo da CNN cercada de sangue na sola do sapato



Fonte: The Washington Post

Em reação a manifestações no Chile que classificou como “ato terrorista” e à eleição do peronista Alberto Fernández para presidente da Argentina em outubro de 2019, Jair Bolsonaro expressou seu descontentamento no *Twitter*²³ com os rumos da América Latina em uma publicação que dizia: “Chile, Argentina, Bolívia, Peru, Equador... Mais que a vida, a nossa LIBERDADE. Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!”. Essa legenda acompanhava um vídeo em que um leão, identificado como “Presidente Bolsonaro”, é cercado por hienas — representadas por partidos e movimentos políticos e sociais de esquerda, veículos de comunicação, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Organização das Nações Unidas (ONU), o Supremo Tribunal Federal (STF), pelo seu próprio partido (PSL), entre outros — que ameaçam atacá-lo. Após alguns segundos de tensão, outros leões identificados como “conservadores patriotas” aparecem para socorrer o presidente e assustam

²² WANG, A. B. Trump retweets image depicting ‘CNN’ squashed beneath his shoe. *The Washington Post*, 24 dez. 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/12/24/trump-retweets-image-depicting-cnn-squashed-beneath-his-shoe/>. Acesso em: 18 out. 2021.

²³ Rede social por meio da qual usuários podem compartilhar postagens com textos, fotos e vídeos.

as hienas. A cena é seguida pelas mensagens “Vamos apoiar o nosso presidente até o fim! E não atacá-lo! Já tem a oposição pra fazer isso!” e então por uma imagem da bandeira do Brasil com áudio de Bolsonaro dizendo “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, seu *slogan* mais famoso (Figura 2)²⁴.

Figura 2 – Captura de tela de *tweet* publicado por @jairbolsonaro com vídeo em que é simbolicamente atacado por “hienas da oposição”



Fonte: Folha de S. Paulo

²⁴ LANDIM, R. Bolsonaro compara Supremo e PSL a hienas que o atacam. **Folha de S. Paulo**, Riad, 28 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/bolsonaro-compara-supremo-e-psl-a-hienas-que-o-atacam.shtml>. Acesso em: 18 out. 2021.

A postagem foi apagada pouco tempo depois e o presidente admitiu o erro e se desculpou pelo vídeo — explicitamente com o STF — no dia seguinte. O ministro Celso de Mello, membro da Corte, disse que o vídeo evidencia que “o atrevimento presidencial parece não encontrar limites”. Em menção à professora da Universidade de Nova York Ruth Ben-Ghiat, Kakutani destaca em seu livro que ditadores costumam testar “os limites do que o público, imprensa e classe política toleram”, e que os tuítes e comentários incendiários de Trump são esforços “para ver até onde os norte-americanos e o Partido Republicano vão permitir que ele vá — e, quando, se for o caso, dirão ‘chega’” (KAKUTANI, 2018, p. 126), o que parece ter semelhanças com o caso de Bolsonaro. Uma questão importante sobre os ataques de Bolsonaro é a presença marcante dos partidos e movimentos de esquerda, que ele coloca — assim como no vídeo descrito — incessantemente como seus “inimigos”. A rivalidade declarada de Bolsonaro à política de esquerda é digna de um cenário conspiratório, que esclarecemos melhor adiante.

Uma teoria da conspiração, de acordo com os acadêmicos Cass R. Sunstein e Adrian Vermeule (2009), “é um esforço para explicar algum evento ou prática por referência às maquinações de pessoas poderosas, que tentam esconder seu papel (pelo menos até que seus objetivos sejam alcançados)” (SUNSTEIN; VERMEULE, 2009, p.205). E elas são, em contrapartida, não necessariamente falsas e prejudiciais, mas aquelas nas quais esse trabalho vai focar são necessariamente falsas e prejudiciais. Para conspiracionistas, como outros autores destacam, muitos efeitos sociais, especialmente “eventos inexplicáveis”, não podem ser consequências de ações — ou inações — políticas e sociais, mas somente da ação intencional de alguém. Essa característica vem de um fato sobre a psicologia humana, de que “a mente humana se protege contra o caos, e as pessoas buscam extrair um significado de uma situação ou evento confuso, um significado que uma teoria da conspiração pode suprir muito bem” (SUNSTEIN; VERMEULE, 2009, p. 208).

O grande problema resultante da crença em conspirações é que quando as pessoas acreditam nelas, elas geralmente têm que incorporar em si mesmas uma descrença geral em todas as fontes de informação, o que leva a um caminho em que se torna mais difícil determinar quem é digno de confiança e quem não é. Isso é o que cientistas políticos chamam de desorientação: uma condição que algumas propagandas buscam trazer, com as quais o público perde a habilidade de identificar qual informação é verdadeira e qual é falsa e aonde ir buscar ajuda para distingui-las. (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018). “Propaganda é o

gerenciamento de atitudes coletivas pela manipulação de símbolos significantes. A palavra ‘atitude’ é entendida como uma tendência a agir segundo alguns padrões de valor” (LASSWELL, 1927, p. 627, tradução nossa)²⁵. Ela pode ser usada, por exemplo, por elites políticas com a meta de influenciar o público (eleitores, apoiadores, cidadãos...) e persuadi-los a tomar ou adotar atitudes e/ou opiniões particulares com o objetivo de promover agendas específicas.

Durante sua campanha eleitoral para presidente, Bolsonaro publicou em seu *Twitter*, 15 dias antes do segundo turno, um *tweet* em que expunha sinais para reconhecer governos autoritários e indicava que “todos estão presentes no PT”. É possível atribuir a análise contida na publicação a uma tabela presente no livro *Como as democracias morrem* (2018), de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt. Neste gráfico, os autores expõem “os quatro principais indicadores de comportamento autoritário” e afirmam que um político que manifeste apenas um desses critérios é motivo de preocupação. Como mostraremos adiante, Bolsonaro se encaixa em todos eles.

Como o cientista político Chris Tenove (2020) defende, a desinformação age como uma ameaça à democracia porque afeta negativamente três bens normativos de sistemas democráticos: “a autodeterminação de políticas pelos próprios cidadãos; representação responsável por meio de eleições justas; e deliberação pública promovendo a formação de opinião e vontade” (TENOVE, 2020, p. 518, tradução nossa)²⁶. No caso da autodeterminação, a desinformação debilita a habilidade do “povo democrático” de definir suas próprias regras de vida, como, por exemplo, quando informações políticas imprecisas são usadas em debates públicos. Ela afeta a liberdade das pessoas de contribuir para a discussão porque manipula o cenário, mudando as questões centrais da discussão e/ou suas implicações.

Em termos de representação responsável, o principal problema atualmente são as campanhas de desinformação *online*, que podem ter um impacto em elementos importantes de eleições, comprometendo a justiça do processo e, conseqüentemente, a representação democrática, como com afirmações falsas sobre as dinâmicas do processo eleitoral (lugar, horário e regras de votação), sobre candidatos e partidos — cujas reputações e confiabilidade

²⁵ No original: “Propaganda is the management of collective attitudes by the manipulation of significant symbols. The word attitude is taken to mean a tendency to act according to certain patterns of valuation”.

²⁶ No original: “[...] self-determination of politics by their own citizens; accountable representation through fair elections; and public deliberation promoting opinion and will formation”.

podem ser prejudicadas por isso —, e o uso de “perfis falsos para promover e espalhar desinformação em mídias sociais” (TENOVE, 2020, p.526, tradução nossa)²⁷.

Como ameaça à deliberação democrática, campanhas de desinformação podem provocar danos sistemáticos com a disseminação de declarações falsas em larga escala, por exemplo, por meio das mídias sociais, desencorajando cidadãos a engajar e interagir com fontes de informação de alta qualidade, seja questionando a legitimidade do jornalismo profissional ou encorajando um sentimento de desamparo sobre a possibilidade de encontrar informações autênticas e verdadeiras, ou seja, estabelecendo um cenário de desorientação. Portanto, a desinformação pode prejudicar um sistema democrático “não apenas aumentando a quantidade de informações incorretas em circulação, mas também diminuindo o interesse e oportunidade das pessoas de engajarem em discussões públicas em termos de argumentação, respeito e inclusão” (TENOVE, 2020, p. 529, tradução nossa)²⁸.

Bens democráticos no Brasil têm sido ameaçados, da mesma forma que Tenove descreve, por uma propaganda grande e coordenada que, de acordo com investigações jornalísticas e federais ainda em curso, têm articulação e autoria atribuídas ao atual presidente e seus aliados. Essa propaganda, em todas as suas formas, usa o argumento conspiratório principal de “ameaça comunista” — que o país tem supostamente enfrentado há anos —, com o objetivo de promover suas eleições, bem como suas agendas e discursos. Como já foi descoberto por essas investigações, a propaganda de desinformação consiste em uma disseminação massiva de *fake news* e conteúdo de desinformação variados nas redes sociais, especialmente no *WhatsApp*²⁹, onde as mensagens são privadas e é difícil atribuir o percurso da informação. Muitas dessas insinuações também são previamente ditas por Bolsonaro ou aparecem depois em seu perfil no *Twitter*, sua transmissão ao vivo semanal no *Facebook*³⁰ e no *YouTube*³¹ ou em discursos públicos. Durante a pandemia, Bolsonaro repetiu essa ação diversas vezes, sendo a mais famosa a recomendação repetitiva do uso de remédios sem eficácia comprovada contra a Covid-19 para a população durante suas transmissões semanais

²⁷ No original: “[...] false accounts to purchase and spread information on social media platforms”.

²⁸ No original: “[...] not only by increasing the quantity of false claims in circulation but also by decreasing people’s interest and opportunity to engage in public discussions on terms of reason giving, respect, and inclusivity”.

²⁹ Rede social por meio da qual usuários compartilham mensagens, áudios, fotos e vídeos de forma privada, além de realizarem ligações de áudio e vídeo.

³⁰ Rede social por meio da qual usuários podem fazer postagens com textos, fotos, vídeos e links para outras plataformas, além de criar páginas e comunidades para interesses específicos.

³¹ Plataforma de compartilhamento de vídeos sobre temas variados.

ao vivo no *Facebook*. Quando esteve infectado pelo vírus, ele disse que havia tomado o remédio e que “é um direito meu, devidamente orientado pelo médico. Recomendo que você faça a mesma coisa, caso queira, caso sinta sintomas, né. Sempre orientado pelo médico.”³² Em maio de 2021, ele afirmou em transmissão ao vivo que estava com sintomas e tomou o remédio, cujo nome não mencionaria por receio de que a rede social classificasse seu conteúdo como *fake news* e retirasse o vídeo do ar. Na mesma ocasião, classificou a imprensa brasileira como “canalha” e “idiota”³³.

Ainda durante a campanha eleitoral de 2018, quando as redes sociais no Brasil, especialmente o *WhatsApp*, estavam inundadas de conteúdo político, a jornalista Patrícia Campos Mello, do jornal *Folha de S. Paulo*, publicou uma reportagem investigativa sobre financiamentos ilegais relacionados à campanha de Jair Bolsonaro. Esses financiamentos incluíam disparo em massa de conteúdo desinformativo (ataques políticos e *fake news*) nas redes sociais sobre os outros candidatos, especialmente os do Partido dos Trabalhadores (PT), partido dos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), envolvidos em escândalos de corrupção que despertaram a ascensão da figura política de Bolsonaro. Esse disparo de mensagens teria sido financiado por empresários partidários, apoiadores do candidato. Após a publicação da reportagem, Patrícia Campos Mello foi ameaçada e publicamente atacada, sendo até citada por causa disso no anúncio de Pessoa do Ano pela revista *Time*, em 2018. Jair Bolsonaro e seu filho Eduardo Bolsonaro, os maiores responsáveis por encorajar os ataques, foram condenados por danos morais em janeiro e março de 2021 por ofensas públicas subsequentes a Patrícia proferidas em 2020.

Uma das maiores investigações criadas para averiguar essas questões é a ‘CPMI das *Fake News*’, como ficou conhecida uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito composta por 15 senadores e 15 deputados federais. Estabelecida em setembro de 2019, a Comissão foi criada para investigar “os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público; a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018; a prática de *cyberbullying* sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como

³² SOARES, I. Em live, Bolsonaro volta a recomendar cloroquina para tratamento de covid. **Correio Braziliense**, 09 jul. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/09/interna_politica.870897/em-live-bolsonaro-volta-a-recomendar-cloroquina-para-tratamento-de-co.shtml. Acesso em: 18 out. 2021.

³³ EM ‘LIVE’, Bolsonaro afirma que voltou a tomar cloroquina. **O ESTADO DE S. PAULO**, 20 maio 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-live-bolsonaro-afirma-que-voltou-a-tomar-cloroquina,70003721571>. Acesso em: 18 out. 2021.

sobre agentes públicos; e o aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio”. Os objetos principais da investigação foram a campanha presidencial de Jair Bolsonaro e as campanhas de muitos de seus aliados em 2018, mas ela foi expandida para investigar o uso das mesmas técnicas após as eleições por um gabinete ligado ao presidente apelidado internamente de “gabinete do ódio” por integrantes do governo³⁴.

Além disso, a investigação conhecida como ‘Inquérito das *Fake News*’, conduzida pelo Superior Tribunal Federal (STF), foi criada em março de 2019 para investigar *fake news*, denúncias caluniosas, ameaças, difamação e injúria contra membros da Suprema Corte e seus familiares. No curso da investigação, a Polícia Federal apreendeu computadores, telefones e outros aparelhos eletrônicos em maio de 2020 de deputados, empresários e influenciadores digitais “bolsonaristas”. De acordo com a agência de checagem Aos Fatos³⁵, durante os cem dias antes da operação, os oito deputados aliados ao governo que foram alvo das apreensões mencionaram a Suprema Corte de forma negativa em 206 ocasiões em suas contas no *Twitter*, uma média de duas vezes por dia. E cinco dos perfis analisados também usaram desinformação em 15 das postagens, que descredibilizavam o trabalho da Corte e dos ministros e exaltavam a performance de Bolsonaro como presidente. Entre as postagens, por exemplo, uma publicada em 1º de maio de 2020, de autoria do deputado estadual Douglas Garcia (PSL), dizia que “O Supremo Tribunal Federal prepara um #GolpeDeEstado para derrubar Jair Bolsonaro. A pior ditadura que existe é a ditadura do judiciário, contra ela, não há a quem recorrer. O povo não irá aceitar nenhuma ameaça contra a democracia e irá defender o seu Presidente!”. A publicação não está mais em seu perfil, mas consta em levantamento feito pela reportagem do Aos Fatos³⁶.

Outro inquérito relacionado à ameaça de bens democráticos foi criado em abril de 2020 para investigar a autoria e possível financiamento dos “atos antidemocráticos” que aconteceram no Brasil no mesmo mês e que contaram com a presença do presidente. Esse inquérito, já arquivado, também foi conduzido pelos ministros do STF e eles analisaram esses

³⁴ CAMPOREZ, P. CPI mira no ‘gabinete do ódio’ em investigação sobre disseminação de fake news. **O Estado de S. Paulo**, Brasília, 06 dez. 2019. Disponível em: https://politica.estadao.com.br/noticias/ger/al_cpi-mira-no-gabinete-do-odio-em-investigacao-sobre-disseminacao-de-fake-news,70003115957. Acesso em: 18 out. 2021.

³⁵ Aos Fatos é uma plataforma brasileira de checagem de fatos que será abordada, bem como o levantamento das declarações de Bolsonaro produzido por ela, no Capítulo 3 deste trabalho.

³⁶ Documento disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1DK_wv5eP2Q1YAk2gOVg0fKpGyXTeox4w4XIeyLhOsVc/edit#gid=1367681252. Acesso em: 18 out. 2021.

protestos, nos quais as pessoas pediam pelo fechamento do Congresso e da Suprema Corte e pela implementação de um novo ‘Ai-5’, o Ato Institucional mais duro promulgado durante a ditadura militar em 1968, responsável por reforçar e acentuar o autoritarismo do regime³⁷. Apesar de Bolsonaro não ser um dos investigados, os alvos principais das operações conduzidas por esse inquérito são deputados bolsonaristas, um senador, empresários, influenciadores digitais e ativistas políticos que são apoiadores do presidente.

Por meio do exemplo do “gabinete do ódio” e o disparo massivo de *fake news* e *bullshit* nas redes sociais que estão sob investigação no Brasil, este trabalho busca refletir sobre como essa propaganda de desinformação bolsonarista tem provocado uma sabotagem do discurso no debate político brasileiro, especialmente durante a pandemia de Covid-19. Queremos examinar como isso representa uma ameaça a bens democráticos a partir do estímulo ao enfraquecimento e à descredibilização de instituições democráticas não só nas redes sociais, mas também por meio de exemplos como os “atos antidemocráticos”.

2.2 As mentiras de Bolsonaro e a pós-verdade

“É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como presidente do Brasil. E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo.”³⁸ O primeiro momento de destaque do discurso de posse de Jair Bolsonaro em 1º de janeiro de 2019, em frente ao Palácio do Planalto, parece representar o principal mote de seu discurso de campanha: sua eleição como uma necessidade para libertar a nação do comunismo — um regime de esquerda supressor de liberdades. O mesmo que socialismo, de acordo com ele e seus apoiadores. Jair Bolsonaro, um político ultraconservador, foi eleito presidente do Brasil em outubro de 2018, após quase 30 anos atuando como um parlamentar sem expressividade legislativa, sendo reconhecido por suas ações e discursos polêmicos e conservadores³⁹.

³⁷ O AI-5 autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas-corpus. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acesso em: 18 out. 2021.

³⁸ LEIA a íntegra dos dois primeiros discursos do presidente Jair Bolsonaro. **Veja**, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/leia-a-integra-dos-dois-primeiros-discursos-do-presidente-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 18 out. 2021.

³⁹ POTTER, H. A trajetória política de Jair Bolsonaro. **DW Brasil**, 28 out. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-trajet%C3%B3ria-pol%C3%ADtica-de-jair-bolsonaro/a-45986001>. Acesso em: 17 out. 2021.

O que tem atraído a atenção do mundo sobre Bolsonaro, especialmente durante a pandemia de Covid-19, é como ele se encaixa no padrão que o campo da comunicação e da comunicação política têm estudado incessantemente nos últimos anos (BENNETT; LIVINGSTON, 2020, WITTENBERG; BERINSKY, 2020, TENOVE, 2020, RÊGO; BARBOSA, 2020): de como campanhas de desinformação — majoritariamente *online* — têm possibilitado e favorecido eleições de candidatos populistas capazes de ameaçar estruturas democráticas. Para Rêgo e Barbosa (2020),

Políticos que se dizem outsiders se lançam como alternativas para um sistema vendido midiaticamente como prejudicial à sociedade, e se colocam como salvadores de cada nação. Jair Messias Bolsonaro, Boris Johnson e Donald Trump são exemplos de personagens que se destacaram nesse cenário de desilusão com a democracia liberal. (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 27)

Bolsonaro tem como inspiração Donald Trump, uma figura que ele não só reverencia publicamente, mas cujas bases da eleição estão arraigadas na estratégia política da família Bolsonaro, de acordo com a imprensa. O jornal *El País* abordou, em 2020, conexões entre os Bolsonaro e Steve Bannon⁴⁰, estrategista da campanha de Trump em 2018. Ele foi fundador do *Breitbart News*, “site de extrema direita célebre pela disseminação de notícias falsas e conteúdos de cunho racista”, descreve o jornal espanhol. Em agosto de 2021, *O Estado de S. Paulo* revelou que a Polícia Federal (PF) passou a monitorar ataques de Bannon a instituições e à lisura do processo eleitoral brasileiro⁴¹. “As suspeitas são de que o americano possa ser um dos mentores de milícias digitais que operam no país para reproduzir o discurso radical do presidente Jair Bolsonaro”, explica a reportagem. Em relatório entregue ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a PF afirma que a disseminação de desinformação online:

Visa, mais do que uma ferramenta de uso político-ideológico, um meio para obtenção de lucro, a partir de sistemas de monetização oferecidos pelas plataformas de redes sociais. Transforma rapidamente ideologia em mercadoria, levando os disseminadores a estimular a polarização e o acirramento do debate para manter o fluxo de dinheiro pelo número de visualizações. (VALFRÉ, 2021)

Portanto, haveria relação entre as mentiras, as campanhas de desinformação e o discurso conspiratório e a eleição de líderes populistas como Bolsonaro? E até que ponto

⁴⁰ PIRES, B. Os laços do clã Bolsonaro com Steve Bannon. *El País*, São Paulo, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁴¹ VALFRÉ, V. PF monitora ataques de Steve Bannon, estrategista de Trump, a urnas brasileiras. *O Estado de S. Paulo*, Brasília, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral/pf-monitora-ataques-de-steve-bannon-estrategista-de-trump-a-urnas-brasileiras,70003819874>. Acesso em: 17 out. 2021.

todos esses fatores têm relação com um possível enfraquecimento da democracia no Brasil? O caso brasileiro se relaciona com outros países, como Estados Unidos e Hungria? É claro que não se pode comparar contextos históricos, políticos e sociais completamente diferentes. Mas é possível aproximar alguns elementos.

De acordo com a checagem de fatos do jornal americano *The Washington Post*, o presidente Donald Trump fez 30.573 alegações falsas ou enganosas durante seus quatro anos de governo. No Brasil, de acordo com a agência de checagem Aos Fatos, Bolsonaro fez 4.159 em 1.028 dias como presidente (até 25/10/2021). Nenhum desses comportamentos é diferente do que ambos os políticos apresentaram durante suas campanhas presidenciais em 2016 e 2018, como mostram Kakutani (2018) e Rêgo e Barbosa (2020).

Na maioria das vezes em que o presidente Bolsonaro fala de algum tema relevante socialmente, o faz sem a necessária observação da factualidade e lança suas opiniões e afirmações sem se preocupar com algum fundo de realidade, trabalhando potencialmente a ideia de Donald Trump de *hipérbole verdadeira*⁴². Bolsonaro, tanto quanto Trump, explora os valores arraigados em nossa sociedade conservadora e potencializados pelo homem comum, que, sem dispor de criticidade, naturaliza a realidade. (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 156)

Segundo o cientista político Jairo Nicolau, o modelo de democracia brasileira concebido e adotado no país no final dos anos 1980, apresenta problemas desde então.

Um estudo sobre a crise das democracias, [...] para nós brasileiros, é uma questão histórica que voltou a ser muito presente de 2013 para cá, período em que temos vivido com a sensação permanente de que algumas coisas estão fora do lugar no nosso sistema político. (NICOLAU, 2018, p.7)

Com os escândalos de corrupção do governo anterior e seus desdobramentos expostos à exaustão na mídia, apresentar-se como a personificação da “missão de restaurar e reerguer nossa pátria, libertando-a definitivamente do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica” (LEIA..., 2019) foi o recurso populista de Bolsonaro para ser eleito Presidente da República. Como destaca o pesquisador de comunicação e semiótica Paolo Demuru (2021), o “populismo messiânico de Bolsonaro” surgiu nesse contexto. “Seu relato de salvação, repleto de referências ao universo evangélico cristão, preencheu o vazio narrativo aberto pela crise acima mencionada” (DEMURU, 2021, p. 274). Esse quadro maniqueísta, clássico de narrativas populistas-conspiratórias e baseado em teorias infundadas — compartilhado em grande escala nas redes sociais —, foi parte

⁴² Expressão cunhada por Trump como eufemismo para mentira.

fundamental da estratégia de comunicação durante a campanha dele, como ressalta Demuru (2021).

E, mesmo após sua eleição, Bolsonaro parece continuar nutrindo essa fantasia com o objetivo de se manter no poder, com um discurso que tem polarizado o país cada vez mais: apresentado-o, de um lado, como o “homem de bem” pronto para mudar todo o sistema político brasileiro e, do outro lado, “os comunistas”, que incluem todos os opositores (pessoas ou instituições) que não concordam com as suas visões e crenças conservadoras, questionam suas afirmações falsas e vão contra ele, seus aliados ou suas ações políticas publicamente. Nessa dinâmica, o “messias” é sempre impedido de cumprir seus objetivos com excelência por culpa das maquinações dos inimigos. Como destaca Demuru,

De um ponto de vista semiótico cabe, inicialmente, ressaltar que as teorias de conspiração que circulam atualmente ao redor do mundo físico e virtual se fundam nos mesmos programas narrativos, papéis temáticos e universos figurativos. Retomando, por exemplo, os casos de *QAnon* e *A Grande Substituição*⁴³, percebe-se logo que ambas as teorias estão baseadas na mesma oposição narrativa de fundo: a luta entre o *povo* (do bem) e as elites (do mal). Além disso, as elites agem constantemente por trás das cenas. Há sempre um plano secreto que está sendo implementado com o objetivo de dominar o povo. (DEMURU, 2021, p. 269).

Jair Messias Bolsonaro sempre foi conhecido por suas opiniões e declarações fortes e conservadoras. De acordo com dados do *Google Trends*, uma ferramenta do *Google* que mostra a frequência com que um termo é buscado num determinado período e lugar, seu nome ganhou destaque relevante na internet brasileira pela primeira vez em março de 2011⁴⁴. Na ocasião, o então deputado disse em um quadro do programa ‘CQC’, da TV Bandeirantes, ao responder a perguntas sobre o que faria se tivesse um filho gay ou se um filho se apaixonasse por uma mulher negra que “não corro esse risco porque meus filhos foram muito bem educados”⁴⁵. Após a repercussão da entrevista, Bolsonaro disse que confundiu a última pergunta: “O que eu entendi foi o seguinte: ‘Se o seu filho tivesse um relacionamento com um

⁴³ Ambas são teorias da conspiração que ganharam destaque recentemente. De acordo com a teoria de *QAnon*, um grupo de pedófilos adoradores de Satanás estaria conspirando contra os norte-americanos e contra Trump, que havia sido eleito em 2016 com o objetivo de combatê-lo. A teoria *The Great Replacement* (A Grande Substituição, em português) defende que elites estariam planejando substituir cidadãos europeus por pessoas de países do norte da África e do Oriente Médio.

⁴⁴ Pesquisa no Google Trends. Disponível em: <https://trends.google.com/trends/explore?date=all&geo=BR&q=bolsonaro>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁴⁵ O POVO Quer Saber - Jair Bolsonaro. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo CQC Blog. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HyaqwdYOzQk>. Acesso em: 17 out. 2021.

gay, como você se comportaria?”⁴⁶. Dois meses depois, ele disse em entrevista à revista ‘Playboy’ que ele “seria incapaz de amar um filho homossexual” e que ele preferia que um filho seu “morra num acidente do que apareça com um ‘bigodudo”⁴⁷. O segundo momento de destaque nas buscas pelo seu nome na internet foi em 2014, após a transmissão do primeiro beijo gay em TV aberta numa novela da TV Globo. Naquela época, enquanto candidato para a presidência da Comissão de Direitos Humanos do Congresso, ele declarou numa entrevista ao jornal *El País* que “a maioria dos gays é fruto do consumo de drogas”⁴⁸.

Ainda de acordo com o *Google Trends*, seu momento de maior destaque na internet brasileira entre 2014 e 2018 foi em abril de 2016, durante o processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff (2011-2016). Ainda em março de 2014, a Operação Lava Jato⁴⁹ começava a ser conduzida pela Polícia Federal e expôs diferentes escândalos de corrupção ocorridos durante a administração de Dilma Rousseff que envolviam pessoas do seu governo e partido, incluindo seu antecessor e mentor, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), também principal líder do PT. Em 2015, o processo de *impeachment* da presidente Dilma havia sido iniciado por conta de avanços nas investigações da operação e foi votado pelos deputados em 17 de abril de 2016. Bolsonaro teve um papel de destaque neste dia porque durante a votação em favor do *impeachment* da presidente, dedicou seu voto como homenagem ao Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra — “o pavor de Dilma Rousseff”, como destacou —, um ex-militar do Exército brasileiro responsável por comandar a unidade onde Dilma foi torturada durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985).

Durante o mês de abril daquele ano, Bolsonaro fez 64 publicações entre os dias 17 e 29 em sua conta no *Twitter*⁵⁰ e 45 delas faziam referência ao episódio e seus desdobramentos,

⁴⁶ CASTRO, G. Bolsonaro diz que confundiu perguntas em programa de TV. **Veja**, 29 mar. 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-confundiu-perguntas-em-programa-de-tv/>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁴⁷ DEPUTADO Bolsonaro ataca homossexuais. **Jornal de Notícias**, 08 jun. 2011. Disponível em: <https://www.jn.pt/brasil/deputado-bolsonaro-ataca-homossexuais-1872869.html>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁴⁸ MARTÍN, M. Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas. **El País**, São Paulo, 14 fev. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html. Acesso em: 17 out. 2021.

⁴⁹ A Operação Lava Jato foi um conjunto de investigações conduzidas pela Polícia Federal (PF) que desvendou esquemas bilionários de corrupção e lavagem de dinheiro, entre outros crimes. Ela contou com mais de 80 fases operacionais e é considerada a maior operação contra a corrupção da história do país. Foi responsável pela prisão de figuras importantes da história recente do país, como o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e é apontada como uma das causas da crise político-econômica iniciada em 2014. Disponível em: <https://tudo-sobre.estadao.com.br/operacao-lava-jato>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁵⁰ Pesquisa avançada no *Twitter*. Disponível em: [https://twitter.com/search?q=\(from%3Ajairbolsonaro\)%20until%3A2016-04-30%20since%3A2016-04-17&src=typed_query&f=live](https://twitter.com/search?q=(from%3Ajairbolsonaro)%20until%3A2016-04-30%20since%3A2016-04-17&src=typed_query&f=live). Acesso em: 17 out. 2021.

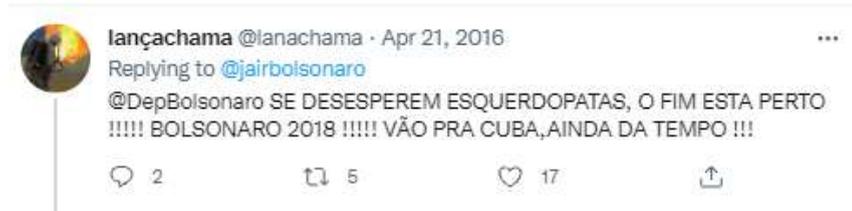
como, por exemplo, a uma cusparada que Bolsonaro levou do então deputado Jean Wyllys (PSOL, à época) na ocasião e a um protesto organizado pelo movimento ‘Levante Popular da Juventude’ em frente ao condomínio de Bolsonaro, no Rio de Janeiro. Entre elas, duas se destacam pela ironia às críticas à homenagem do deputado durante a votação (Figuras 3 e 5). Uma das postagens destaca que o “Socialismo/comunismo matou mais de 150 milhões de inocentes” (Figura 5). Além disso, há a presença de muitos comentários que refletem a polarização política do momento pelo tom de violência contido nas publicações (Figura 2) e outros que questionam a credibilidade da mídia e ressaltam o fenômeno de exaltação da “sabedoria das multidões” (Figura 6), que Kakutani (2018, p. 12) destaca em seu livro.

Figura 3 – Captura de tela de *tweet* feito por @jairbolsonaro sobre Dilma Rousseff



Fonte: Reprodução/Twitter

Figura 4 – Captura de tela de comentário feito pelo usuário @lanachama na postagem anterior de Jair Bolsonaro



Fonte: Reprodução/Twitter

Figura 5 – Captura de tela de *tweet* feito por @jairbolsonaro sobre os porquês de ele não ser de esquerda



Fonte: Reprodução/Twitter

Figura 6 – Captura de tela de comentários feitos pelos usuários @Rhafaeluchirra e @KohlerCarla na postagem anterior de Jair Bolsonaro



Fonte: Reprodução/Twitter

Esses comentários, dois anos antes da eleição de Bolsonaro, refletem questões que tomaram os holofotes em 2018: o cenário político já polarizado do país, o compartilhamento de desinformação por meio das redes sociais e uma característica que Kakutani (2018) ressalta em seu livro ao comentar sobre o eleitorado norte-americano

Não importam estatísticas, análises de especialistas, estudos universitários ou governamentais cuidadosamente apurados ou em alguns casos até mesmo seu interesse pessoal [...]. Para esse tipo de militante, a lealdade partidária e a política tribal importam mais do que os fatos, mais até do que a moral. (KAKUTANI, 2018, p. 140)

No dia 26 de abril do mesmo ano, Bolsonaro publicou um vídeo em sua página no Facebook com o título “Respostas que a TV não levou ao ar no dia de ontem”⁵¹. Ele se referia a reportagens sobre a protocolização da Ordem dos Advogados do Brasil no Rio de Janeiro (OAB-RJ) do pedido de cassação de seu mandato por quebra de decoro parlamentar, baseado em sua homenagem a Ustra no Congresso Nacional⁵². No vídeo, ele afirma que

Jamais defenderia um torturador. Quem quer que seja. A memória que trouxe por ocasião da votação do último domingo é de um homem que esteve ao lado da democracia e ao lado da nossa liberdade, lutando contra aqueles que queriam impor o comunismo em nosso país. (RESPOSTAS..., 2016)

⁵¹ RESPOSTAS que a TV não levou ao ar no dia de ontem, 26 abr. 2016. 1 vídeo (1 min). Publicado por Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=622707737878216>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁵² OAB-RJ pede cassação do mandato do deputado Jair Bolsonaro. **JORNAL NACIONAL**, 25 abr. 2016. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4981078/>. Acesso em: 17 out. 2021.

2.3 A campanha da desinformação e o “gabinete do ódio”

Como ex-oficial das Forças Armadas, Bolsonaro costuma fazer público seu posicionamento em defesa do regime militar brasileiro e considerando os movimentos de oposição da época, dos quais Dilma Rousseff havia feito parte, como “grupos terroristas”⁵³. Para ele e para outros conspiradores civis e militares que defendem o regime, as pessoas que lutaram contra a ditadura eram parte da “ameaça comunista”, apresentada como o principal argumento para o golpe que permitiu a tomada de poder pelas forças militares em 1964, sob influência da Guerra Fria (FILHO, 2012). Após a exposição dos escândalos de corrupção que ocorreram durante a administração de políticos do PT, essa “ameaça” foi usada por Bolsonaro para colocá-los, como partido de esquerda, no mesmo lado que aqueles “terroristas esquerdistas” do período da ditadura. Em reportagem exibida no domingo seguinte à votação do *impeachment* no Congresso, o programa Fantástico, da TV Globo, exibiu uma reportagem com depoimentos de pessoas que contavam sobre os episódios de tortura que sofreram durante a ditadura civil-militar⁵⁴ e que envolviam o Cel. Ustra.⁵⁵ No mesmo dia, Bolsonaro publicou um vídeo em sua página do *Facebook* com o título “FANTÁSTICO DEFENDE TERRORISTAS”, em que filma os últimos segundos de uma reportagem do telejornal ‘Fantástico’, da TV Globo, sendo transmitida na televisão e diz: “matéria de 7 minutos. Não me dão 10 segundos para falar. Isso é um crime”⁵⁶.

Toda uma narrativa⁵⁷ foi construída em torno disso. Bolsonaro começou a se apresentar como a única possibilidade de mudança em meio a todos aqueles problemas evidenciados pela Operação Lava Jato. E começou a se posicionar lado a lado com — e como uma representação dos — valores conservadores da família e sociedade cristã — um movimento de polarização necessário para abastecer uma narrativa conspiratória.

⁵³ Exemplo de declaração de Jair Bolsonaro no *Twitter* em 26 jun. 2018. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1011711247602077697>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁵⁴ Termo mais usado atualmente pelos historiadores, como destacado pelo professor de História Contemporânea da Universidade Federal Fluminense (UFF) Daniel Aarão Reis no artigo “A ditadura civil-militar”, de 02 abr. 2012. Disponível em: <https://www.oabrij.org.br/artigo/ditadura-civil-militar-daniel-aarao-reis>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁵⁵ OAB quer cassar deputado por homenagem a acusado de tortura. **FANTÁSTICO**, 24 abr. 2016. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4978620/>. Acesso em: 18 out. 2021.

⁵⁶ FANTÁSTICO DEFENDE TERRORISTAS, 24 abr. 2016. 1 vídeo (1 min). Publicado por Jair Messias Bolsonaro. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=622060781276245>. Acesso em: 18 out. 2021.

⁵⁷ A palavra “narrativa” aqui tem o significado do dicionário *Oxford Languages*: exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens.

Essa estratégia de construção de imagem se tornou evidente nas eleições de 2018. A campanha presidencial de Bolsonaro era repleta de temáticas e tons religiosos. O célebre slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” é, talvez, o exemplo mais significativo do papel crucial da religião no discurso do presidente brasileiro. Em 1º de janeiro de 2019, durante a cerimônia de posse de sua presidência, Bolsonaro proferiu que a “Bandeira brasileira jamais seria vermelha” e que isso somente aconteceria caso “fosse preciso sangue para mantê-la verde e amarela”. Tais alegações reforçam não somente a aura messiânica de sua liderança, mas também sua imagem enquanto mártir, aquele que quase morreu por sua nação. (DEMURU, 2021, p. 273)

Não por coincidência, as *fake news* e os conteúdos *bullshit* que mais estavam presentes nas redes sociais no Brasil durante a campanha eleitoral de 2018 eram sobre comportamentos, crenças e ações de opositores — a maioria do principal deles, Fernando Haddad, do PT — que iam contra aquelas ideologias, quase sempre atacando suas imagens como se eles fossem comunistas que estariam conspirando para o mal do país: posicionado-os como apoiadores da pedofilia, como ativistas políticos da “ideologia de gênero”⁵⁸ — termo usado de forma pejorativa por conservadores brasileiros — e como responsáveis pelo ataque a Bolsonaro, no qual ele foi esfaqueado por um homem durante a campanha em setembro de 2018.

⁵⁸ MORAIS, P. Ideologia de gênero: o que é e qual a polêmica por trás dela?. **Politize!**, 23 nov. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ideologia-de-genero-questao-de-genero/>. Acesso em: 18 out. 2021.

Figura 7 – Captura de tela de publicação no Facebook que atribuía a criação do “*kit gay*” a Fernando Haddad



Fonte: Aos Fatos

Nessas postagens, Fernando Haddad foi desenhado como autor do “*kit gay*”, como foi apelidado por Bolsonaro alguns anos antes um material que foi designado “para transformar as crianças em homossexuais e sexualizá-las” (Figura 7)⁵⁹. O material mencionado foi, na verdade, criado para orientar professores a como conversar com as crianças sobre respeito à diversidade e direitos LGBTQIA+ quando Haddad era Ministro da

⁵⁹ CYPRESTE, J.; MOURA, B. É falso que Haddad criou ‘kit gay’ para crianças de seis anos. **Aos Fatos**, 10 out. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos/>. Acesso em: 18 out. 2021.

Educação (2005-2012), mas nunca foi implementado. Uma variação dessa desinformação foi a de que o PT estava distribuindo mamadeiras com formato peniano para crianças em creches (Figura 8)⁶⁰.

Figura 8 – Captura de tela de vídeo que circulava no Facebook relatando a distribuição das mamadeiras



Fonte: Aos Fatos

Em outras publicações, ele era apontado como o autor de um projeto de lei que pretendia legalizar a pedofilia. O projeto mencionado era sobre reduzir a idade de consentimento sexual para 12 anos de idade e não foi proposto por Haddad e nem por outro político do PT⁶¹ (Figura 9). Outra postagem que viralizou tinha o rosto de Adélio Bispo de Oliveira, o homem que atacou Bolsonaro, em uma foto de um evento público na rua bem

⁶⁰ ‘MAMADEIRAS eróticas’ não foram distribuídas em creches pelo PT. **AOS FATOS**, 28 set. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/mamadeiras-eroticas-nao-foram-distribuidas-em-creches-pelo-pt/>. Acesso em: 18 out. 2021.

⁶¹ MENEZES, L. F. Não há projeto de lei para legalizar a pedofilia; imagem distorce projeto do Novo Código Penal. **Aos Fatos**, 15 out. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/nao-ha-projeto-de-lei-para-legalizar-pedofilia-imagem-distorce-projeto-de-novo-codigo-penal/>. Acesso em: 18 out. 2021.

próximo ao ex-presidente Lula e tentava associar o Partido dos Trabalhadores com o ataque. A foto era editada e falsa (Figura 10). Além disso, a vice-candidata de Haddad, Manuela D'Ávila, aparecia em outra postagem usando uma camisa que dizia “Jesus é travesti”. A foto também era falsa e a frase verdadeira era “Rebele-se!” (Figura 11).

Figura 9 – Captura de tela de uma publicação no Facebook associando o suposto projeto de legalização da pedofilia ao PT



Fonte: Comprova

Figura 10 – Montagem e foto original em que Adélio aparece em manifestação de Lula



Fonte: Revista Fórum

Figura 11 – Captura de tela de *tweet* publicado por @ManuelaDavila mostrando a imagem alterada e a original



Fonte: Reprodução/Twitter

De acordo com estudo da ONG ‘Avaaz’, 98,21% dos eleitores de Bolsonaro foram expostos a uma ou mais *fake news* durante a campanha eleitoral e 89,77% acreditaram que as informações eram verdadeiras⁶². A pesquisa, conduzida pela ‘IDEA Big Data’ entre 26 e 29 de outubro de 2018, analisou postagens no *Twitter* e no *Facebook* e apontou que 93,1% dos eleitores entrevistados viram uma outra *fake news* sobre fraude nas urnas eletrônicas e 74% acreditaram na informação. O estudo também mostrou que 85,2% dos eleitores de Bolsonaro viram a publicação sobre o “*kit gay*” e 83,7% deles acreditaram na história. Em contrapartida,

⁶² PASQUINI, P. 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news, diz estudo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 nov. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>. Acesso em 18 out. 2021.

61% dos eleitores de Haddad viram a mesma postagem e apenas 10,5% acreditaram nela. Um estudo realizado pelos cientistas políticos norte-americanos Steven Smallpage, Adam Enders e Joseph Uscinski sobre crença partidária em teorias da conspiração entre eleitores republicanos e democratas nos Estados Unidos revelou que

Embora as teorias da conspiração sejam frequentemente atribuídas a soluços cognitivos, traços psicológicos ou psicopatologias, elas na verdade seguem os contornos de batalhas partidárias mais familiares na era da polarização. [...] Além disso, teorias da conspiração podem ser um componente importante da identidade dos dois partidos [...]. O fato de membros de grupos partidários estarem tão dispostos a admitir a culpabilidade de seu próprio partido em promover certas ideias conspiratórias sugere que essas crenças não são um marcador de conspiração, mas de partidarismo. Muitas teorias da conspiração funcionam mais como atitudes partidárias associativas do que como marcadores de uma psicologia alienada. (SMALLPAGE et al, 2017, p. 4-6, tradução nossa)⁶³

A reportagem investigativa realizada pela jornalista Patrícia Campos Mello sobre financiamentos ilegais para a campanha de Bolsonaro foi publicada na *Folha de S. Paulo* em outubro de 2018⁶⁴, entre o primeiro e o segundo turno das eleições. Ela afirmou que empresários partidários que o apoiavam compraram pacotes de disparos de mensagens para compartilhar desinformação contra o PT no *WhatsApp*. A repórter destacou que essas ações são ilegais no Brasil porque são consideradas doações de campanha não declaradas à Justiça Eleitoral. Além disso, a Justiça Eleitoral brasileira não autoriza doações de empresas para campanhas políticas, apenas de pessoas físicas. Apenas um ano depois do ocorrido, o *WhatsApp* admitiu que isso de fato aconteceu durante as eleições no Brasil, quando o gerente de políticas públicas e eleições globais da companhia, Ben Supple, disse em evento que “houve a atuação de empresas fornecedoras de envios maciços de mensagens que violaram nossos termos de uso para atingir um grande número de pessoas”⁶⁵. De acordo com ele, a plataforma já esperava que as eleições brasileiras naquele ano seriam palco para campanhas

⁶³ No original: “[...] although conspiracy theories are often attributed to cognitive hiccups, psychological traits, or psychopathologies, they actually follow the contours of more familiar partisan battles in the age of polarization. [...] been drawn. Further, conspiracy theories may be an important component of the identity of the two parties [...]. That members of partisan groups are so willing to admit their own party’s culpability in promoting certain conspiratorial ideas suggests these beliefs are not a marker of conspiracism, but partisanship. Many conspiracy theories function more like associative partisan attitudes than markers of an alienated psychology”.

⁶⁴ MELLO, P. C. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁶⁵ MELLO, P. M. WhatsApp admite envio maciço ilegal de mensagens nas eleições de 2018. **Folha de S. Paulo**, Medellín, 08 out. 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml>. Acesso em: 18 out. 2021.

de desinformação. “Sempre soubemos que a eleição brasileira seria um desafio. Era uma eleição muito polarizada e as condições eram ideais para a disseminação de desinformação”, acrescentou.

Mesmo que os principais produtos da propaganda de desinformação bolsonarista fossem as *fake news* compartilhadas nas redes sociais e as consequentes *bullshit* similares que eram compartilhadas por eleitores não partidários, praticamente todo esse conteúdo tinha o argumento da “ameaça comunista” em comum, como uma história muito bem tecida. Essa narrativa era muito efetiva principalmente por causa dos escândalos de corrupção envolvendo a administração dos governos do PT. Depois das investigações e descobertas da Operação Lava Jato, havia um sentimento entre os brasileiros de frustração coletiva com a política e uma demanda por mudança. Jair Bolsonaro, apesar de controverso e polêmico, parecia muito sincero e, portanto, confiável. Suas declarações “sem filtro” soavam como sinal de sua inconformidade com a forma tradicional — e corrupta — de fazer política.

O sucesso do discurso messiânico de Bolsonaro tem, certamente, razões históricas, sociais e políticas. [...] Tais fatos provocaram o crescimento de sentimentos antipolíticos, a ponto de todo o sistema político brasileiro passar a ser visto como corrupto e moralmente degradado. (DEMURU, 2021, p. 273)

Um de seus motes de campanha era o versículo da Bíblia “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32), sempre fazendo referência a quão diferente ele era dos políticos “esquerdistas”, tidos como mentirosos e corruptos, que faziam parte do governo anterior. Todo o cenário para a narrativa conspiratória estava montado. A polarização política entre as pessoas inconformadas e os apoiadores leais do PT e de outros partidos de esquerda favorecia todos os dias o palco maniqueísta entre aqueles que queriam a mudança e aqueles que ainda acreditavam numa administração de esquerda, como mostra um estudo conduzido em março de 2018 pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia no Brasil. Segundo a pesquisa, 77,8% dos brasileiros declaravam ter “nenhuma confiança” em partidos políticos, uma das maiores porcentagens na história da democracia brasileira, de acordo com reportagem da revista *Exame* (BERALDO, 2018). Em 2014, por exemplo, esse número era 46,4% e em 2006, 36,7%. Entre as principais razões dadas pelas pessoas que foram entrevistadas estavam a corrupção e a falta de habilidade dos políticos para representar os interesses dos eleitores.

Outra pesquisa, realizada entre maio e agosto de 2018 e publicada em 2019 pelo *Pew Research Center*, mostrou que 51% das pessoas estavam insatisfeitas com a democracia em 27 países diferentes⁶⁶. No Brasil, 83% disseram que não estavam satisfeitas com o sistema e 16% que estavam satisfeitas com ele. Em 2017, a insatisfação era 67%. Com esse sentimento coletivo, Bolsonaro e seus aliados aproveitaram a situação para se posicionarem como o “outro lado”, aquele que “mudaria o jeito de fazer política” e que “libertaria o país”. Mas a verdade é que o jeito de Bolsonaro de fazer política nunca foi — e ainda não é — diferente de outros políticos no Brasil com quem a população estava desapontada, como destaca a imprensa^{67,68}. E sua atual administração da pandemia parece evidenciar isso, como mostraremos no próximo capítulo. Mesmo que não haja prova disso, a narrativa da “ameaça comunista”, que supostamente está por trás de todas as coisas ruins que acontecem no país, parece continuar sendo nutrida. Como destaca Paolo Demuru,

A experiência da “Verdade” promovida por Bolsonaro é uma promessa eterna de liberdade e prosperidade que nunca se deve realizar por completo, pois ela deve manter vivo o envolvimento na batalha contra os poderes ocultos que regem o mundo. (DEMURU, 2021 p. 282)

As investigações agora em curso sobre as *fake news* e campanhas de desinformação durante e depois das eleições apontam para Jair Bolsonaro e seus aliados e apoiadores. De acordo com depoimentos de ex-aliados políticos e avanços das investigações na CPMI das *Fake News*, o atual compartilhamento em massa de desinformação nas redes sociais no Brasil é conduzido por três servidores pagos com dinheiro público⁶⁹. Logo após a eleição de Bolsonaro, esses assessores começaram a trabalhar no Palácio do Planalto coordenando não só o compartilhamento de desinformação contra a oposição, mas também ataques diretos a qualquer um que se oponha à agenda, posicionamento e discurso do presidente, incluindo

⁶⁶ DIAS, M. Pesquisa mostra que 83% estão insatisfeitos com democracia no Brasil. **Folha de S. Paulo**, Washington, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/pesquisa-mostra-que-83-estao-insatisfeitos-com-democracia-no-brasil.shtml>. Acesso em 18 out. 2021.

⁶⁷ POTTER, H. A trajetória política de Jair Bolsonaro. **DW Brasil**, 28 out. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-trajet%C3%B3ria-pol%C3%ADtica-de-jair-bolsonaro/a-45986001>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁶⁸ POMPEU, L. Bolsonaro veta regra que limitaria indicação política no governo. **O Estado de S. Paulo**, Brasília, 17 set. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-veta-regra-que-limitaria-indicacao-politica-no-governo,70003843333>. Acesso em: 18 out. 2021.

⁶⁹ ROCHA, M. PF avança sobre auxiliares diretos de Bolsonaro no inquérito dos atos antidemocráticos. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 03 out. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/pf-avanca-sobre-auxiliares-diretos-de-bolsonaro-no-inquerito-dos-atos-antidemocraticos.shtml>. Acesso em: 18 out. 2021.

instituições democráticas como a mídia e o STF. Esses funcionários começaram a ser conhecidos como “gabinete do ódio” e foram apontados pelos políticos inquiridos como sendo coordenados por Carlos Bolsonaro, vereador do Rio de Janeiro, e pelo deputado Eduardo Bolsonaro, ambos filhos do presidente. Além disso, em outubro de 2020, a Comissão Parlamentar também provou que endereços de IP de acesso a algumas contas de redes sociais responsáveis por atacar a Suprema Corte, jornalistas e oponentes políticos de Bolsonaro, bem como responsáveis por compartilhar desinformação e organizar manifestações contra instituições democráticas — o Superior Tribunal Federal, o Senado e o Congresso —, estavam localizados em residências de seu filho Eduardo Bolsonaro em Brasília e no Rio de Janeiro. E que o endereço de e-mail identificado como sendo usado nesses locais também pertencem a ele. Os inquéritos conduzidos pelo STF para investigar ameaças e difamação a seus membros e os atos antidemocráticos também apontam para empresários e influenciadores digitais bolsonaristas⁷⁰.

Essa propaganda de desinformação que seria comandada pelo presidente e seus aliados estaria promovendo uma sabotagem do discurso público no país por meio da inundação de espaços de deliberação com essas *fake news* e *bullshit*, causando danos aos bens normativos da democracia brasileira, como mostram Rêgo e Barbosa (2020). A propaganda de desinformação afetaria a autodeterminação por meio da disseminação de informação política imprecisa, ameaçando a representação responsável com declarações falsas sobre o processo eleitoral e outros candidatos — como nos exemplos apresentados — e comprometendo a deliberação democrática por meio do impedimento e desencorajamento de cidadãos a acessarem, engajarem e acreditarem em fontes de informação de alta qualidade, como conteúdo produzido pelo jornalismo profissional.

Em janeiro de 2021, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) publicou um relatório que mostra que em 2020 aconteceram 428 casos de ataque à liberdade de imprensa no Brasil, o que representa o ano mais violento para esses profissionais desde que o relatório começou a ser realizado, na década de 1990. Esse número era 208 em 2019, o que representa um aumento de 105% no ano seguinte. O relatório também revela que Bolsonaro foi o autor de 175 casos, que correspondem a 40,89% do total: foram 145 casos de descredibilização, 26

⁷⁰ INQUÉRITO das fake news: veja quem são os investigados e como funcionaria estrutura. **G1**, 31 maio 2020.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/31/inquerito-das-fake-news-veja-quem-sao-os-investigados.ghtml>

l. Acesso em: 18 out. 2021.

de agressão verbal, duas ameaças diretas e duas ataques à Fenaj⁷¹. De acordo com o Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa de 2021, publicado pela organização Repórteres sem Fronteiras, o Brasil perdeu posições no ranking pelo 4º ano consecutivo. Agora, na 111ª posição, o país está na “zona vermelha”⁷².

Em entrevista ao portal *Deutsche Welle* Brasil, o diretor da instituição na América Latina, Emmanuel Colombié, afirma que “há estratégia por trás de ataques a jornalistas no Brasil” e que a cadeia de atuação vai do presidente Jair Bolsonaro à sua base de apoiadores, criando um “ambiente tóxico” para os profissionais da mídia⁷³. Ele observa que “a família Bolsonaro tem um método parecido” com o que foi usado por Donald Trump nos EUA: tentar desenhar a imprensa como “inimiga do povo” e que esse ambiente deixa os jornalistas ainda mais vulneráveis⁷⁴. Este cenário provoca uma reação ruim nas pessoas, que têm mais problemas para identificar qual informação é precisa e confiável e qual não é ou nem ao menos sabem onde procurar por elas, ou seja, um estado de desorientação. Um estudo publicado em 2020 pela empresa de segurança cibernética ‘Kaspersky’ mostrou que 70% dos latino-americanos não sabem como identificar ou não têm certeza se são capazes de diferenciar notícias reais de *fake news*. No Brasil, 62% das pessoas fazem parte desse grupo⁷⁵.

⁷¹ VIOLÊNCIA contra jornalistas cresce 105,77% em 2020, com Jair Bolsonaro liderando ataques. **FENAJ**, 26 jan. 2021. Disponível em:

<https://fenaj.org.br/violencia-contrajornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques/>.

Acesso em: 18 out. 2021.

⁷² 2021 WORLD Press Freedom Index: Journalism, the vaccine against disinformation, blocked in more than 130 countries. **REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS**, 17 abr. 2021. Disponível em:

<https://rsf.org/en/2021-world-press-freedom-index-journalism-vaccine-against-disinformation-blocked-more-130-countries>. Acesso em: 18 out. 2021.

⁷³ SOARES, J. P. ‘Há estratégia por trás de ataques a jornalistas no Brasil’. **DW Brasil**, 03 maio 2021.

Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-estrat%C3%A9gia-por-tr%C3%AAs-de-ataques-a-jornalistas-no-brasil/a-57414151>. Acesso em: 18 out. 2021.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ 62% DOS brasileiros não sabem reconhecer uma notícia falsa. **VEJA**, 13 fev. 2020. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/tecnologia/62-dos-brasileiros-nao-sabem-reconhecer-uma-noticia-falsa/>. Acesso em: 18 out. 2021.

3 A “GRIPEZINHA” E A CRISE INSTITUCIONAL NO BRASIL

A “gripezinha” que matou mais de 600 mil pessoas no Brasil poderia fazer da democracia brasileira mais uma vítima? Neste capítulo, buscamos entender como as crises provocadas pela pandemia da Covid-19 desencadearam e/ou intensificaram uma crise institucional no Brasil sob o governo Bolsonaro por conta dos ataques às instituições democráticas e ao sistema de freios e contrapesos, de acordo com o pensamento de teóricos de diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais, principalmente da Comunicação Política. No livro *Como as democracias morrem* (2018), os cientistas políticos norte-americanos Steven Levitsky e Daniel Ziblatt analisam a vulnerabilidade da democracia norte-americana, tema que, como abordado no capítulo anterior, se torna muito relevante e popular após o processo de candidatura e eleição de Donald Trump, em 2016. Para eles, “estudar crises em outras democracias permite uma melhor compreensão dos desafios enfrentados pela própria democracia americana” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 18). Por isso, nos propomos a usar o mesmo princípio neste estudo de caso.

Com base nas análises de Levitsky e Ziblatt sobre a erosão de democracias ao redor do mundo por meio da eleição de autocratas, buscamos avaliar os pontos que os autores destacam como essenciais para identificação desse fenômeno, especialmente a relação entre as ameaças e ataques a instituições — como a mídia, a ciência e outros Poderes — e suas consequências para o sistema democrático. Neste capítulo, queremos entender: qual a importância dessas instituições para o funcionamento da democracia? E como os ataques diretos e indiretos a elas podem influenciar uma “morte da democracia” (fazendo apologia, aqui, ao conceito desenvolvido pelos autores)⁷⁶?

Fazendo um recorte temporal entre o início da pandemia no Brasil — a partir da confirmação do primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus no país — e as manifestações de 7 de setembro de 2021, buscamos analisar as mentiras sobre a pandemia proferidas por Bolsonaro durante esse período, checadas pela plataforma Aos Fatos. Ou seja, em um mergulho no levantamento feito pela plataforma, onde é possível explorar as mentiras contadas pelo presidente durante seu mandato, traremos à tona alguns casos que exemplificam os possíveis ataques ao sistema democrático, de acordo com o modelo proposto por Levitsky e Ziblatt. Além disso, queremos refletir sobre as implicações práticas dessas mentiras e, nos baseando nas análises dos autores, entender como elas podem levar à possível morte da

⁷⁶ Para Levitsky e Ziblatt (2018), a “morte da democracia” significa uma transição para o autoritarismo.

democracia brasileira. E, por fim, fecharemos o estudo de caso levantando as investidas do presidente contra a Justiça brasileira, que foram acentuadas pela pandemia de Covid-19, analisando o que esses enfrentamentos podem representar para uma solidez do Estado democrático de Direito.

3.1 ‘Aos Fatos’: mentiras, pandemia e as agências de checagem

O *fact-checking*, ou checagem de fatos, é um método de apuração jornalística por meio do qual é possível certificar a confiabilidade e veracidade das informações. A relevância do processo de checagem tem sido discutida e reforçada nos últimos anos por conta da proliferação acelerada de conteúdos de desinformação — como discutido no capítulo anterior —, principalmente nas redes sociais. Como destaca o Aos Fatos, plataforma brasileira de checagem que existe desde 2015, esta ferramenta se faz essencial neste cenário de popularização do acesso à internet e à produção e compartilhamento de informações, seja por cidadãos comuns ou por integrantes da classe política⁷⁷. Esses processos comunicacionais, no entanto, não necessariamente possuem — ou têm recursos que garantam — rigor factual, o que torna ainda mais necessário o investimento e a valorização mais profundos do trabalho de apuração feito por jornalistas profissionais. Além disso, o método de checagem preza pela transparência, que envolve desde a explicação do trabalho e processo de pesquisa até a explicitação das fontes envolvidas na checagem e a contextualização do conteúdo a ser checado.

O método foi adotado no Brasil, em 2010, pela *Folha de S. Paulo*, com a criação dos projetos ‘Mentirômetro’⁷⁸ e ‘Promessômetro’⁷⁹, que analisavam, respectivamente, declarações e promessas de candidatos à Presidência. Sua popularização, no entanto, ocorreu quatro anos depois, durante as eleições de 2014, com a criação do *blog* ‘Preto no Branco’⁸⁰, do jornal *O Globo*, e do projeto ‘Truco’⁸¹, da Agência Pública, ambos também dedicados — em maior parte — à verificação de informações relacionadas às eleições daquele ano. Em 2015, foram criadas agências oficialmente dedicadas à checagem de fatos não só do contexto eleitoral, mas

⁷⁷ O QUE É checagem de fatos — ou fact-checking? **Aos Fatos**. Disponível em:

<https://www.aosfatos.org/checagem-de-fatos-ou-fact-checking/>. Acesso em 24 out. 2021.

⁷⁸ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/especial/2010/eleicoes/mentirometro-mais_recntes.shtml. Acesso em: 24 out. 2021.

⁷⁹ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/especial/2010/eleicoes/promessometro-mais_recntes.shtml. Acesso em: 24 out. 2021

⁸⁰ Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/preto-no-branco/>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁸¹ Disponível em: <https://apublica.org/checagem/>. Acesso em: 24 out. 2021.

do discurso público como um todo. Nesse cenário, destacam-se o Aos Fatos e a Agência Lupa, plataformas que se dedicam ao trabalho de checagem até hoje e que se tornaram referência no país. A Lupa se apresenta atualmente como “plataforma de combate à desinformação através do *fact-checking* e da educação midiática” (O QUE..., 2015), o que destaca e evidencia o papel desses veículos na batalha contra a disseminação de conteúdos falsos.

O Aos Fatos lançou em 2019, a partir da posse de Jair Bolsonaro como presidente, um levantamento com todas as declarações proferidas por ele desde então. A equipe da plataforma checa, semanalmente, todas as falas do presidente em discursos, redes sociais, entrevistas e aparições públicas. Eles publicam todas as informações verificadas e identificadas como “falsas ou distorcidas” e as organizam majoritariamente por data, tema e quantidade de repetições (Figura 12).

Figura 12 – Captura de tela do levantamento feito pelo Aos Fatos das declarações falsas ou distorcidas de Jair Bolsonaro

Em 1028 dias como presidente, Bolsonaro deu 4159 declarações falsas ou distorcidas

Esta base agrega todas as declarações de Bolsonaro feitas a partir do dia de sua posse como presidente. As checagens são feitas pela equipe do Aos Fatos semanalmente.

Atualizado em 25 de Outubro, 2021



Fonte: Aos Fatos

Os 26 temas utilizados pela plataforma para distribuir as declarações são: Atentado (referente ao ataque que ele sofreu durante a campanha eleitoral de 2018); Congresso; Coronavírus; Corrupção; Cultura; Defesa; Direitos e Assistência Social; Ditadura; Economia; Educação; Eleições; Equipe de governo; Família Bolsonaro; Forças Armadas; Ideologia; Imprensa; Indígenas e quilombolas; Infraestrutura; Justiça; Meio ambiente; Outros; Preconceitos; Relações internacionais; Saúde; Segurança; e Turismo. E elas podem ser atribuídas a uma ou mais temas, dependendo do conteúdo. O usuário pode fazer buscas na plataforma filtrando as declarações por temas ou por origem — se foram proferidas em discursos, entrevistas, redes sociais específicas ou outros — e também ordenando-as a partir da mais recente, da mais antiga, ou da mais repetida. Além disso, há a possibilidade de pesquisar palavras ou frases específicas na aba de busca.

Na parte dos resultados de filtragem (tendo alguma sido feita ou não) das declarações checadas, encontra-se a data em que foram ditas, a transcrição exata do que disse o presidente (com adições de palavras de contexto, caso necessárias) e um texto que contém a classificação da frase, acompanhado da explicação da checagem. Há ainda *links* que redirecionam para “fonte”, o principal documento/vídeo/artigo que valida a apuração, e “origem”, página onde é possível acessar vídeos ou publicações nas quais a frase foi proferida e há também as ordenações de tema e origem. Entre as classificações, a plataforma atribui as características de “falso”, “contraditório”, “impreciso”, “insustentável” ou “exagerado” para as declarações. Além disso, em caso de repetição, a plataforma destaca quantas vezes a frase foi repetida e em que datas (Figura 13).

Figura 13 – Captura de tela de uma declaração de Jair Bolsonaro de 07/03/2019 checada e publicada pelo Aos Fatos na página do levantamento

07.mar.2019

“Temos um Ministério formado de pessoas técnicas (...)”

A declaração de Bolsonaro é FALSA. Mesmo que não tenha recorrido a alianças com partidos no Congresso, a montagem da equipe de governo do presidente, em alguns casos, obedeceu critérios políticos. Bolsonaro, por exemplo, para ampliar a influência de grupos como as bancadas ruralista e evangélica e os militares, indicou lideranças partidárias. Um caso é a nomeação da ministra da Agricultura, Tereza Cristina (DEM), que se aliou ao presidente ainda durante a campanha eleitoral, quando a Frente Parlamentar para a Agricultura, da qual era líder, manifestou apoio ao Bolsonaro. A bancada também determinou a indicação de Ricardo Salles ao Ministério do Meio Ambiente. A bancada evangélica conseguiu a indicação de Damare Alves, que é pastora, no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, e barrou a nomeação do educador Mozart Neves Ramos para o Ministério da Educação. Os parlamentares do grupo também avalizaram a escolha do professor Ricardo Veléz para o MEC. Já poder de barganha dos militares no atual governo fica evidente ao observarmos que integrantes das Forças Armadas ocupam hoje 7 dos 22 ministérios, além de cargos-chave no segundo escalão.

LEIA MAIS FONTE ORIGEM

REPETIDO 44 VEZES. Em 2019: 02.dez, 27.nov, 30.out, 25.out, 01.ago, 30.jun, 11.jun, 05.mai, 02.abr, 23.mar, 22.jan, 02.jan, 01.jan, 01.jan. Em 2020: 15.dez, 29.nov, 06.nov, 06.nov, 22.out, 16.out, 15.out, 08.out, 24.set, 29.ago, 08.jul, 05.abr, 16.mar, 16.jan, 04.jan, 03.jan, 01.jan. Em 2021: 05.set, 02.set, 14.ago, 31.jul, 29.jul, 29.jul, 21.jul, 20.jul, 01.jul, 12.jun, 14.mai, 26.abr, 07.abr.

TEMA: EQUIPE DE GOVERNO. ORIGEM: DISCURSO

Fonte: Aos Fatos

Com base no levantamento feito pelo Aos Fatos, queremos analisar o comportamento de Jair Bolsonaro em relação à pandemia e à desinformação. E se há impacto dessas mentiras no sistema democrático brasileiro. Para isso, examinamos as afirmações proferidas por ele desde o início da pandemia no Brasil — determinado por nós neste trabalho pela data de confirmação do primeiro caso de infecção no país, em 26 de fevereiro de 2020 — até 7 de setembro de 2021, data em que houve manifestações importantes para o cenário que estamos estudando e que abordaremos adiante. Como destaca a plataforma,

O acompanhamento diário das declarações do presidente demonstra claramente que aquilo que Bolsonaro diz não é apenas diversionismo. Sua estratégia de governo se estrutura em função de temas que recorrentemente tenta negar. Há quem diga que Bolsonaro mente, mas fato mesmo é que ele faz da mentira política pública. (NALON, 2020)

Das 4.159 declarações falsas ou distorcidas de Jair Bolsonaro mapeadas pela plataforma até o dia 25 de outubro de 2021, 3060 foram feitas entre 11 de março de 2020 e 7 de setembro de 2021. O dia 11 de março de 2020 marca a data da primeira afirmação falsa relacionada à pandemia do novo coronavírus após o primeiro caso confirmado da doença no Brasil. Nela, o presidente minimizava a gravidade da doença que até o presente momento já matou mais de 600 mil brasileiros. É fato que a Covid-19 provocou mudanças em todo o mundo e que o desconhecimento do vírus e da doença provocaram muita incerteza no início da pandemia. Mas o comportamento de Bolsonaro em relação ao assunto não parece ter mudado muito desde então. Dessas 3.060 declarações feitas no período analisado, 1.939 estavam marcadas com o tema “Coronavírus”. Entretanto, observamos que há algumas afirmações que não foram incluídas no tema “Coronavírus” pela agência, mas que têm relação direta ou indireta com o contexto da pandemia de Covid-19 por abordarem acontecimentos, declarações, desdobramentos e/ou notícias ligadas a esse contexto. A partir dessa observação, incluímos outras 158 afirmações checadas que estão ligadas ao panorama do coronavírus.

Portanto, entre as 3.060 declarações de Bolsonaro mencionadas, apenas 31,45% não tinham nenhuma relação com a pandemia. Isso significa que, durante o período examinado por nós, 2.097 das afirmações, que foram atestadas como “falsas”, “imprecisas”, “insustentáveis”, “contraditórias” ou “exageradas” pela plataforma, tinham pelo menos alguma relação com o contexto da Covid-19, o que representa 68,55% das declarações analisadas nesta etapa do trabalho. Vale ressaltar que, entre o início da pandemia no contexto global e a data em que se inicia nossa análise, há apenas outras cinco declarações referentes à Covid-19 no levantamento do Aos Fatos. Três, que foram feitas nos dias 28 de janeiro, 5 e 6 de fevereiro de 2020, estão incluídas no tema “Coronavírus” e outras duas, de 5 e 6 de fevereiro, estão marcadas com os temas “Forças Armadas” e “Outros”. No entanto, todas essas cinco afirmações se referem, direta ou indiretamente, ao resgate de brasileiros que ficaram isolados em Wuhan, na China, por conta da pandemia.

Os números evidenciam o lugar de destaque que a pandemia ocupa no histórico de mentiras do presidente e como ela tem sido fator primordial nas campanhas de desinformação disseminadas por Bolsonaro e seus aliados desde que o mundo passou a viver de máscara. Esses dados são mencionados no Relatório de Notícias Digitais 2021 (*Digital News Report 2021*), publicado em fevereiro pelo Instituto Reuters, quando o documento destaca que “o maior nível de preocupação sobre o comportamento dos políticos nacionais (29%) é quando

se trata de divulgar informações enganosas sobre a COVID-19” (REUTERS INSTITUTE, 2021, p. 21, tradução nossa)⁸². E que no Brasil esse índice é 41%.

Sem nenhuma filtragem, a página do Aos Fatos destaca de antemão, entre todas as declarações (de todos os temas durante todo o período de governo), as “afirmações mais repetidas”. Há seis delas em evidência neste bloco, na data em que este estudo está sendo realizado. E todas têm pelo menos alguma relação com a pandemia de Covid-19. Cinco estão diretamente incluídas no tema “Coronavírus” e uma, a mais repetida (127 vezes até 25/10/2021), pertence ao tema “Corrupção”, cuja checagem se cruza também com a pandemia a partir de outubro de 2020, quando o Aos Fatos passa a mencionar um caso de desvio de dinheiro destinado ao combate à pandemia por parte do vice-líder do governo no Senado Chico Rodrigues e, posteriormente, também as investigações da CPI da Covid-19⁸³. Nessa declaração, Bolsonaro insiste na narrativa populista-conspiracionista que foi crucial para sua campanha em 2018: o discurso anticorrupção e o antagonismo ao Partido dos Trabalhadores (Figura 14).

⁸² No original: “[...] we find the highest level of concern about the behaviours of national politicians (29%) when it comes to spreading misleading information about COVID-19”.

⁸³ “CPI da Covid” é como ficou popularizada uma Comissão Parlamentar de Inquérito instaurada no Senado Federal para investigar a administração da pandemia de Covid-19 pelo governo de Jair Bolsonaro e apurar eventuais falhas cometidas pelo Governo Federal no enfrentamento a ela.

Figura 14 – Captura de tela da checagem do Aos Fatos da afirmação falsa mais repetida por Jair Bolsonaro (127 vezes até 25/10/2021)

Afirmações mais repetidas

◀ “E dizer que estamos aí completando três anos sem denúncia de corrupção.” ▶

Checagem:

A declaração do presidente é **FALSA**, porque seu governo é atualmente alvo de investigações e denúncias de casos de corrupção. O relatório da CPI da Covid-19 pediu o indiciamento do presidente Jair Bolsonaro e de seis ministros e ex-ministros por prevaricação, emprego irregular de verbas públicas, falsificação de documento particular, charlatanismo, crime contra a humanidade, crime de responsabilidade e epidemia com resultado morte. Outros membros do governo também foram indiciados por envolvimento em um suposto esquema para a compra da vacina indiana Covaxin. Além disso, atuais e antigos integrantes do governo são investigados pela PF (Polícia Federal) ou pelo Ministério Público por suspeitas de corrupção, como o ministro Ciro Nogueira (Casa Civil), Ricardo Salles, ex-titular do Meio Ambiente, Marcelo Álvaro Antônio, que comandou a pasta do Turismo, e Fabio Wajngarten, que chefiou a Secretaria de Comunicação Social.

REPETIDO 127 VEZES. Em 2019: 26.dez, 24.dez, 23.dez, 15.dez. Em 2020: 31.dez, 24.dez, 24.dez, 19.dez, 15.dez, 10.dez, 10.dez, 08.dez, 29.nov, 25.nov, 09.nov, 29.out, 22.out, 22.out, 22.out, 15.out, 15.out, 15.out, 15.out, 15.out, 11.out, 08.out, 08.out, 08.out, 07.out, 13.ago, 02.ago, 30.jul, 26.jul, 28.mai, 22.mai, 05.mai, 28.abr, 22.abr, 20.mar, 20.mar, 16.mar, 09.mar, 03.mar, 20.fev, 06.fev, 10.jan. Em 2021: 20.out, 18.out, 14.out, 13.out, 09.out, 30.set, 24.set, 23.set, 21.set, 17.set, 15.set, 10.set, 10.set, 09.set, 31.ago, 30.ago, 28.ago, 25.ago, 24.ago, 23.ago, 19.ago, 19.ago, 19.ago, 17.ago, 06.ago, 05.ago, 04.ago, 02.ago, 31.jul, 31.jul, 31.jul, 29.jul, 27.jul, 27.jul, 27.jul, 27.jul, 27.jul, 26.jul, 26.jul, 26.jul, 26.jul, 26.jul, 22.jul, 21.jul, 19.jul, 18.jul, 13.jul, 12.jul, 07.jul, 07.jul, 07.jul, 25.jun, 25.jun, 24.jun, 24.jun, 24.jun, 21.jun, 18.jun, 15.jun, 10.jun, 13.mai, 11.mai, 08.mai, 05.mai, 27.abr, 07.abr, 07.abr, 04.mar, 20.fev, 11.fev, 08.fev, 08.fev, 18.jan, 15.jan, 15.jan, 12.jan, 11.jan, 07.jan, 07.jan, 07.jan.

Fonte: Aos Fatos

Com 99 repetições, afirmações de Bolsonaro que atacam o Supremo Tribunal Federal (STF) e o declaram como empecilho para atuação do Governo Federal no combate à pandemia ocupam a segunda colocação. O terceiro lugar, com 89 repetições, pertence às afirmações que o presidente fez reforçando seu discurso preocupado e comprometido com o combate à pandemia, coisa que, segundo a checagem, não aconteceu. Para justificar a classificação da alegação como falsa, o Aos Fatos destaca esforços de Jair Bolsonaro para minimizar os efeitos da doença — incluindo quando a chamou de “gripezinha” — o desrespeito repetitivo do presidente a medidas sanitárias e tentativas de bloquear medidas de restrição impostas por prefeitos e governadores, que buscavam conter o avanço da doença,

além de compartilhar suspeitas sobre a eficácia e segurança das vacinas contra a Covid-19 (Figura 15).

Figura 15 – Captura de tela da checagem do Aos Fatos da terceira afirmação falsa mais repetida por Jair Bolsonaro (89 vezes até 25/10/2021)

Afirmações mais repetidas

“Sempre disse, desde o começo: temos dois inimigos, o vírus e o desemprego.”

Checagem:

O discurso de Bolsonaro sobre a pandemia realmente foi, desde o começo, que o governo deveria tratar de forma simultânea o combate ao novo coronavírus e ao desemprego. Na prática, porém, o presidente não tratou as duas questões com o mesmo peso, e por isso a declaração foi classificada como FALSA. Em 24 de março de 2020, dias depois de OMS (Organização Mundial da Saúde) decretar a pandemia, Bolsonaro defendeu em pronunciamento em rede nacional de televisão a “volta à normalidade” e chamou a Covid-19 de “gripezinha”. Desde então, em diversos momentos ele minimizou os efeitos da doença, desrespeitou medidas sanitárias – causando aglomerações, circulando sem máscara – e também tentou reverter medidas de restrição adotadas por prefeitos e governadores, o que foi barrado pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Além disso, o presidente lançou suspeitas sobre a eficácia e a segurança das vacinas contra a Covid-19, apostou em tratamentos com remédios que não se provaram eficazes e afirma até hoje que não foi imunizado.

REPETIDO 89 VEZES. Em 2020: 24.dez, 15.dez, 27.nov, 17.nov, 16.nov, 11.nov, 27.out, 19.out, 14.out, 11.out, 08.out, 22.set, 16.set, 10.set, 10.set, 03.set, 22.mai, 21.mai, 07.mai, 04.mai, 29.abr, 20.abr. Em 2021: 14.out, 30.set, 29.set, 21.set, 10.set, 02.set, 30.ago, 28.ago, 26.ago, 25.ago, 23.ago, 17.ago, 12.ago, 06.ago, 31.jul, 31.jul, 30.jul, 29.jul, 21.jul, 20.jul, 19.jul, 28.jun, 26.jun, 25.jun, 18.jun, 12.jun, 10.jun, 02.jun, 01.jun, 23.mai, 20.mai, 26.abr, 23.abr, 23.abr, 15.abr, 07.abr, 05.abr, 01.abr, 31.mar, 25.mar, 23.mar, 23.mar, 22.mar, 22.mar, 18.mar, 10.mar, 10.mar, 04.mar, 04.mar, 03.mar, 26.fev, 23.fev, 22.fev, 20.fev, 19.fev, 12.fev, 11.fev, 08.fev, 08.fev, 05.fev, 04.fev, 03.fev, 28.jan, 27.jan, 15.jan, 14.jan, 14.jan.

Fonte: Aos Fatos

Esses esforços para minimizar os efeitos da doença, insistir no uso de “tratamento precoce” — que não tem eficácia comprovada contra a doença —, incitar desconfiança com relação à vacina, desestimular a vacinação contra a Covid-19, desrespeitar e criticar medidas sanitárias que buscam conter a disseminação do vírus afetariam diretamente a forma como a população lida com a pandemia, de acordo com um estudo da Conectas Direitos Humanos e do Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (CEPEDISA), da Universidade de São Paulo (USP). Juntos, eles coletaram e analisaram, desde janeiro de 2020, normas federais e estaduais relativas ao novo coronavírus e produziram o boletim *Direitos na Pandemia — Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à Covid-19 no Brasil*. Na edição

lançada em janeiro de 2021, declararam haver “uma estratégia institucional de propagação”⁸⁴ do Coronavírus, promovida pelo governo federal sob a liderança do presidente Jair Bolsonaro. Por mais que as declarações de Bolsonaro afetem de forma mais intensa o comportamento de seus aliados e apoiadores, a campanha de desinformação promovida pelo presidente durante a pandemia pode estar relacionada com a posição do Brasil no *ranking* de países com mais mortes por Covid no mundo, questão que foi investigada pela CPI da Covid. Em outubro de 2021, o país ocupa a 8ª posição na classificação de mortes por milhão de habitantes e o 2º lugar na lista de países com mais mortes⁸⁵. Muitos críticos ao governo, como o influenciador digital Felipe Neto, que tem mais de 43 milhões de inscritos em seu canal no *YouTube*, e Fernando Haddad, adversário de Bolsonaro nas eleições de 2018, têm atribuído a Bolsonaro o adjetivo de “genocida” por conta desse comportamento⁸⁶. O Instituto Nacional de Pesquisa e Promoção de Direitos Humanos (INPPDH) publicou uma nota técnica em abril de 2021 atestando que há uma “possível configuração de crime contra a humanidade e de crime de genocídio” por parte de Bolsonaro. Na nota, a instituição destaca que os números de mortes pela Covid-19 registradas até então, “assim como condutas (comissivas e omissivas)” atribuídas a Bolsonaro levam pesquisadores a imputar ao Presidente da República a prática dos referidos crimes⁸⁷.

Segundo pesquisa divulgada em maio de 2021 pelo instituto Datafolha, quase um em cada quatro brasileiros (23%) usou medicamentos que faziam parte do “*kit covid*”, contraindicado por instituições como a OMS e a Anvisa, para combater e/ou prevenir a infecção pelo coronavírus⁸⁸. Uma pesquisa realizada pelo mesmo instituto em dezembro de

⁸⁴ BRUM, E. Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma ‘estratégia institucional de propagação do coronavírus’. **El País Brasil**, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁸⁵ SAMPAIO, L. Como o Brasil se compara a outros países em mortes por Covid, casos confirmados e vacinas aplicadas. **G1**, 08 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/como-o-brasil-se-compara-a-outros-paises-em-mortes-por-covid-casos-confirmados-e-vacinas-aplicadas.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁸⁶ HADDAD chama Bolsonaro de genocida: ‘por que não manda a polícia aqui?’. **UOL**, São Paulo, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/03/17/haddad-chama-bolsonaro-de-genocida-por-que-nao-manda-a-policia-aqui.htm>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁸⁷ AÇÕES de Bolsonaro podem caracterizar genocídio, apontam pesquisadores. **CONGRESSO EM FOCO**, 10 abr. 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-genocidio-inppdh/>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁸⁸ DATAFOLHA: Um em cada quatro brasileiros diz ter usado remédios para 'tratamento precoce' contra a Covid. **G1**, 19 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2021/05/19/datafolha-um-em-cada-quatro-brasileiros-usou-remedio-para-tratamento-precoce-contra-a-covid.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2021.

2020 indicou que 22% dos brasileiros não queriam se vacinar contra a Covid-19, acompanhados de 73% que tinham interesse e 5% que declararam não saber. A rejeição ao imunizante é significativamente mais alta do que a indicada pela pesquisa que o Datafolha realizou em agosto do mesmo ano: 9% dos respondentes haviam dito que não pretendiam se vacinar e, 89%, que pretendiam. Na publicação de dezembro, o instituto destacou ainda que a desconfiança em relação ao imunizante era maior entre apoiadores de Bolsonaro e que 33% dos brasileiros que afirmavam sempre confiar no presidente não queriam se vacinar, pouco mais que o dobro do percentual entre os que afirmavam nunca confiar em Bolsonaro (16%)⁸⁹. Esta pesquisa, como salientou a *Folha de S. Paulo*, foi feita em meio à “guerra da vacina”, período de disputa entre Jair Bolsonaro e João Doria (PSDB), governador do estado de São Paulo, que investiu num processo de vacinação independente em seu estado⁹⁰ — como forma de se antagonizar ao perfil negacionista de Bolsonaro, parte de uma estratégia política para possível candidatura à presidência em 2022, como avaliado por comentaristas políticos⁹¹.

Em janeiro, nova pesquisa publicada pelo Datafolha informou que 79% dos entrevistados haviam alegado querer se vacinar e 17% haviam dito que não queriam. O pequeno aumento em relação a dezembro foi associado à porcentagem de entrevistados que haviam declarado que a pandemia estava “fora de controle” no Brasil (62%), bem como aos 77% dos entrevistados que haviam relatado temer serem infectados pelo vírus⁹². Em março, a intenção de vacinação cresceu para 84%⁹³ e, em julho, 56% dos entrevistados afirmaram já ter se vacinado com pelo menos uma dose e 38% disseram que pretendiam se vacinar. A taxa de rejeição no levantamento desse mês era de 5% e se mantinha maior entre apoiadores do presidente. Na mesma data, mais de 84 milhões de brasileiros haviam recebido a primeira

⁸⁹ CRESCE parcela que não quer se vacinar contra coronavírus. **DW Brasil**, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/cresce-parcela-que-n%C3%A3o-quer-se-vacinar-contra-coronav%C3%ADrus/a-55919751>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁹⁰ AMÂNCIO, T. Cresce parcela que não quer se vacinar contra Covid-19, e maioria descarta imunizante da China. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/12/cresce-parcela-que-nao-quer-se-vacinar-contra-covid-19-e-maioria-descarta-imunizante-da-china.shtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁹¹ GASPAR, M. O sabotador. **Revista Piauí**, fev. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-sabotador/>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁹² PARCELA de brasileiros que quer se vacinar volta a crescer. **DW Brasil**, 23 jan. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/parcela-de-brasileiros-que-quer-se-vacinar-volta-a-crescer/a-56326641>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁹³ DATAFOLHA: fatia de brasileiros que pretendem se vacinar cresce e chega a 84%. **G1**, 21 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/03/21/datafolha-intencao-vacina-marco-2021.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

dose do imunizante contra a Covid-19, o equivalente a 39,97% da população, segundo dados do consórcio de veículos de imprensa⁹⁴.

Esse consórcio, formado pelos veículos *O Estado de S. Paulo*, *Extra*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, G1 e UOL, foi criado em junho de 2020 a partir da desconfiança da qualidade dos dados fornecidos pelo Ministério da Saúde, que fez alterações em sequência no processo de divulgação diário dos números relacionados à pandemia. A primeira alteração mudou o horário de publicação dos dados pelo Ministério das 17h para as 19h e, posteriormente, para as 22h, o que “dificulta ou inviabiliza a publicação dos dados em telejornais e veículos impressos”, como destacou a *Folha de S. Paulo*⁹⁵. Na época, Jair Bolsonaro defendeu a alteração do horário e disse, em tom de deboche: “acabou matéria no Jornal Nacional”, fazendo referência ao telejornal mais assistido do país. Além disso, se referiu à Rede Globo, que transmite o telejornal, como “TV funerária”⁹⁶. Jornalistas desses veículos passaram então a dividir o trabalho de apuração e divulgar, simultaneamente, números coletados a partir das secretarias estaduais.

Esse trabalho inédito de veículos brasileiros que integram o consórcio reforça a necessidade de uma imprensa livre e retrata o empenho de jornalistas que se preocupam com a qualidade e o impacto das informações que publicam. Durante o primeiro ano da pandemia, principalmente, a importância desse trabalho se fez marcante não só no Brasil, mas ao redor do mundo, como destaca o Relatório de Notícias Digitais 2021, do Instituto Reuters. O material destaca que “a confiança geral nas notícias (44%) se recuperou fortemente (+6) no último ano em quase todos os países — assim como a confiança nas fontes que as próprias pessoas usam com mais frequência, que aumentou quatro pontos para 50%” (REUTERS INSTITUTE, 2021, p. 19, tradução nossa)⁹⁷. Eles especulam que essa confiança maior nas

⁹⁴ DATAFOLHA: adesão à vacina contra Covid-19 é de 94%, recorde no Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 jul. 2021. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/saude/datafolha-adesao-vacina-contracovid-19-de-94-recorde-no-brasil-1-25106353>.

Acesso em: 24 out. 2021.

⁹⁵ VEÍCULOS de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. **FOLHA DE S. PAULO**, São Paulo, 08 jun. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.shtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁹⁶ SALDAÑA, P.; COLETTA, R. D. ‘Acabou matéria no Jornal Nacional’, diz Bolsonaro sobre atraso em divulgação de boletim da Covid-19. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 05 jun. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/acabou-materia-no-jornal-nacional-diz-bolsonaro-sobre-atraso-em-divulgacao-de-boletim-da-covid-19.shtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁹⁷ No original: “Overall trust in the news (44%) has rebounded strongly (+6) over the last year in almost all countries – as has trust in the sources people use most often themselves, which is up four points to 50%”.

notícias pode estar relacionada à cobertura jornalística da pandemia, que “pode ter feito as notícias parecerem mais diretas e factuais” (REUTERS INSTITUTE, 2021, p. 19, tradução nossa)⁹⁸, ao mesmo tempo que, em alguns países, mais notícias político-partidárias foram publicadas. Segundo o relatório, a proporção de brasileiros que acredita na maioria das notícias na maior parte do tempo é de 54%, maior índice entre os países latino-americanos analisados.

A campanha de desinformação bolsonarista durante a pandemia, essencialmente negacionista, se baseia naqueles argumentos pós-modernos que Kakutani descreve em seu livro (2018). A ciência, exemplifica ela:

Também foi atacada por pós-modernistas radicais, que argumentaram que as teorias científicas são socialmente construídas. [...] Mas tais argumentos pós-modernos abririam caminho para os adeptos do movimento antivacina e os negacionistas no aquecimento global, que se recusam a aceitar a opinião consensual da esmagadora maioria dos cientistas. (KAKUTANI, 2018, p. 63-64)

Uma pesquisa publicada em outubro de 2021 pela revista científica *Nature* identificou que mais de 65% dos 321 cientistas entrevistados — incluindo alguns brasileiros — relatam impactos negativos por conta de aparições na mídia ou comentários feitos nas redes sociais sobre a Covid-19. Cerca de 15% deles disseram ter recebido ameaças de morte, 40% relataram estresse emocional e psicológico, 30% alegam prejuízo à reputação, quase 60% disseram ter sofrido ataques à credibilidade, 22% disseram terem recebido ameaças físicas ou sexuais e seis alegam terem sido fisicamente atacados. À revista, a microbiologista brasileira Natalia Pasternak disse ter percebido aumento dos ataques *online* quando falou sobre os tratamentos sem eficácia comprovada contra a doença que são promovidos pelo governo brasileiro. Ela destacou que o Brasil “se tornou o primeiro país do mundo a realmente promover pseudociência como política pública, pois promovemos o uso de medicamentos não comprovados para a Covid-19” (NOGRADY, 2021). Além disso, a pesquisa da revista mostra que os cientistas que relataram maior frequência de ataques pessoais também eram mais propensos a dizer que suas experiências afetaram muito a disposição deles de dar entrevistas à mídia no futuro.

Apesar de os conteúdos de desinformação disseminados por Bolsonaro durante a pandemia serem de caráter majoritariamente anticientíficos, há uma relação intrínseca entre essa questão e o papel da imprensa que, por seu caráter profissional, baseia as técnicas de seu

⁹⁸ No original: “This may have made the news seem more straightforward and fact-based”.

trabalho de criação de notícias primordialmente no conceito de verdade, seguindo, assim, o rigor científico como referência. O relatório do Instituto Reuters afirma que o Brasil está entre os países mais afetados pelo novo coronavírus e que a mídia tem “criticado fortemente” a forma como o “presidente de extrema direita Jair Bolsonaro” está lidando com a crise, “que incluiu uma série de declarações falsas sobre uma doença que ele descreveu como ‘gripezinha’.” Ele destaca ainda que “a mídia, no entanto, também foi atacada” (REUTERS INSTITUTE, 2021, p. 116). De acordo com a análise do relatório, os jornais mais influentes do país “criticaram as repetidas declarações de Bolsonaro que minimizaram a pandemia, [...] destacaram seu ceticismo sobre a COVID, sua priorização da economia brasileira em relação ao distanciamento social e a demora do governo federal no pedido de vacinas”. (REUTERS INSTITUTE, 2021, p. 116, tradução nossa)⁹⁹ Por conta dessa relação entre rigor científico e as “normas de fazer” do jornalismo, a imprensa também sofre direta e indiretamente com a desinformação anticientífica, como abordamos a seguir.

3.2 Desgaste das instituições democráticas?

O discurso anticiência, que acompanha o negacionismo de Jair Bolsonaro na administração da pandemia de Covid-19, caminha lado a lado com outros posicionamentos que merecem atenção: os esforços para descredibilizar e minar a confiança do público em outros poderes e na imprensa. A independência e a atuação funcional dos sistemas judiciário e legislativo são fundamentais para um bom desempenho da democracia, como abordaremos em seguida. Além disso, outra instituição considerada essencial para a manutenção desse sistema é a imprensa. Como destaca o jornalista e pesquisador Nelson Traquina (2020a), para os fundadores da teoria democrática, o jornalismo profissional assume não só a função de informar os cidadãos, mas também de “*watchdog*” (guardião do governo e da democracia). A “mitologia jornalística”, destaca ele, atrelada ao início do processo de consolidação da profissão,

Coloca os membros desta comunidade profissional no papel de servidores do público que procuram saber o que aconteceu, no papel de “cães de guarda” que protegem os cidadãos contra os abusos do poder, no papel de “Quarto Poder” que vigia os outros poderes, atuando do a quem doer, no papel mesmo de herói do sistema democrático. (TRAQUINA, 2020b, p. 39)

⁹⁹ No original: “[...] criticised Bolsonaro’s repeated statements which downplayed the pandemic. In particular they highlighted his COVID scepticism, his prioritising of the Brazilian economy over social distancing, and the federal government’s delay in ordering vaccines”.

Traquina discorre em seu livro *Porque as notícias são como são* (2020a) sobre a objetividade, característica intrínseca ao processo de produção de notícias por parte de jornalistas. Os formatos de “pirâmide invertida” — estrutura textual clássica do texto jornalístico, em que as informações são ordenadas de acordo com sua importância — e o *lead* — parte inicial do texto de notícia geralmente organizada a partir dos questionamentos “quem”, “o quê”, “quando”, “onde”, “como” e “porquê” — servem, como destaca Traquina, como métodos importantes para a profissão. É importante destacar que, ainda que cada jornalista experiencie diferentes contextos organizacionais, sociais e culturais, todos eles fazem uso de recursos como esses, que são intrínsecos à cultura profissional. O central nesse processo é, ainda, a narração de um fato. Para o autor, “as empresas jornalísticas e os jornalistas não podem fazer esquecer as regras elementares do trabalho, como, por exemplo, a verificação da informação, ou o respeito total pela fronteira entre ‘fato’ e ‘ficção’ (TRAQUINA, 2020a, p. 161). O termo “*fake news*”, portanto, assume uma redundância conceitual, visto que as “*news*” (notícias), por seu caráter de rigor aos fatos, não poderiam ser qualificadas como “*fake*” (falsas). A definição do conceito por Wittenberg e Berinsky (2020) torna-se ainda mais clara a partir dessas explicitações, visto que as *fake news*, segundo esses autores, são peças de desinformação que mimetizam uma notícia jornalística em aparência, mas que não seguem o rigor de metodologia do jornalismo profissional para serem produzidas. Portanto, apesar de parecerem visualmente com uma notícia, não respeitam e nem seguem o rigor de investigação que o método jornalístico exige.

A relação “simbiótica”, como classifica Traquina (2020a), entre jornalismo e democracia, perdura até os dias de hoje. Em seus materiais publicitários de incentivo à assinatura do jornal, a *Folha de S. Paulo* associa diretamente a assinatura de seu veículo ao “apoio à democracia” (Figuras 16 e 17).

Figura 16 – Captura de tela do site da *Folha de S. Paulo* feita em 24/10/2021



Fonte: Reprodução/Site

Figura 17 – Captura de tela de *newsletter* da *Folha de S. Paulo* de 24/10/2021



Fonte: Reprodução/Newsletter

“Democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos — presidentes ou primeiros-ministros que subvertem o próprio processo que os levou ao poder” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 15). Os autores Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) destacam em seu livro ‘Como as democracias morrem’ que, atualmente, o “retrocesso democrático” se inicia a partir do próprio processo eleitoral (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 17).

Não há tanques nas ruas. Constituições e outras instituições nominalmente democráticas restam vigentes. As pessoas ainda votam. Autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência. [...] A erosão da democracia é, para muitos, quase imperceptível. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 17)

Em sua análise, os autores identificam “quatro principais indicadores de comportamento autoritário” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 33), que afirmam ser úteis para identificar um político autoritário que não tenha histórico antidemocrático. Entre eles estão: 1) a rejeição, em palavras ou ações, das regras democráticas do jogo (ou compromisso débil com elas); 2) a negação da legitimidade dos oponentes políticos; 3) a tolerância ou encorajamento à violência; e 4) a propensão a restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia. Para eles, “um político que se enquadre mesmo em apenas um desses critérios é motivo de preocupação” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 32). Jair Bolsonaro parece se encaixar nos quatro, mesmo antes de sua eleição.

Em relação ao indicador número um, questionam Levitsky e Ziblatt: “[os candidatos] tentam minar a legitimidade das eleições, recusando-se, por exemplo, a aceitar resultados

eleitorais dignos de crédito?” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 33) Exatamente um mês antes do segundo turno das eleições de 2018, na qual Bolsonaro foi eleito presidente, o candidato afirmou em entrevista que “não aceito resultado das eleições diferente da minha eleição”¹⁰⁰. Questionado se isso não seria um posicionamento antidemocrático, Bolsonaro respondeu que não e acrescentou: “é um sistema eleitoral que não existe em nenhum lugar do mundo”¹⁰¹. De acordo com o Instituto para Democracia e Assistência Eleitoral (Idea), outros 46 países também fazem uso da tecnologia¹⁰². Mesmo após sua vitória nas eleições de 2018, Bolsonaro continuou questionando o resultado de 2018 e a lisura do processo eleitoral brasileiro. Em várias ocasiões, ele afirmou ter provas das acusações de que, por exemplo, teria ganhado a eleição ainda no primeiro turno, mas nunca as apresentou¹⁰³. Após alguns meses, em julho de 2021, o presidente reconheceu pela primeira vez não ter provas da suposta fraude eleitoral¹⁰⁴. No entanto, não abandonou as críticas ao uso da urna eletrônica no Brasil e segue questionando a legitimidade até das eleições de 2022, que ainda estão por vir¹⁰⁵.

Além disso, durante esse processo de questionamentos e acusações, inclusive ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE)¹⁰⁶, Bolsonaro tem defendido veementemente a adoção do voto impresso, em substituição às urnas eletrônicas que, segundo ele, não são seguras, transparentes e não permitem a auditoria dos votos (Figuras 18 e 19). Em agosto, uma proposta de emenda à Constituição (PEC), elaborada pela deputada federal bolsonarista Bia

¹⁰⁰ BOLSONARO diz: ‘Não aceito resultado das eleições diferente da minha eleição’. **G1**, 28 set. 2018. Disponível em

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/09/28/bolsonaro-diz-que-nao-aceitara-resultado-diferente-do-que-seja-a-minha-eleicao.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² FATO ou Boato: além do Brasil, outros 46 países utilizam urnas eletrônicas nas eleições. **TSE**, 07 maio 2021. Disponível em:

<https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2021/Maio/fato-ou-boato-alem-do-brasil-outros-46-paises-utilizam-urnas-eletronicas-nas-eleicoes>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹⁰³ FAGUNDES, M. Completa 1 ano que Bolsonaro não apresenta provas de fraude nas eleições. **Poder 360**, 09 mar. 2021. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-completa-1-ano-sem-apresentar-provas-de-fraudes-nas-eleicoes/>. Acesso em: 24 out. 2021.

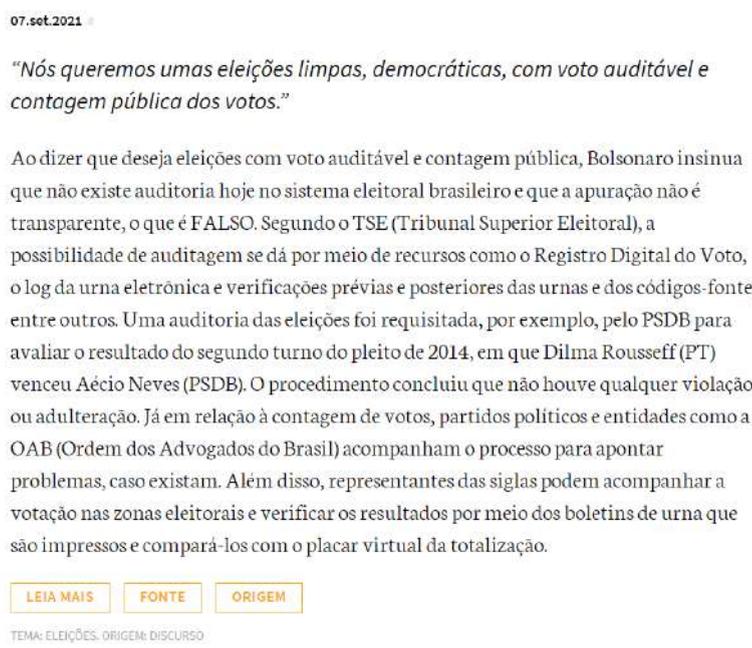
¹⁰⁴ EBOLI, E.; MUNIZ, M.; DE SOUZA, A.; SOARES, J. Bolsonaro admite não ter provas de fraudes em eleições e usa vídeos antigos para atacar sistema eleitoral. **O Globo**, Brasília, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-admite-nao-ter-provas-de-fraudes-em-eleicoes-usa-videos-antigos-para-atacar-sistema-eleitoral-25132748>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹⁰⁵ MAZUI, G. Após derrota do voto impresso, Bolsonaro volta a criticar TSE e diz, sem prova, que eleição de 2022 não será confiável. **G1**, Brasília, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/11/apos-derrota-do-voto-impresso-bolsonaro-volta-a-criticar-tse-e-diz-sem-prova-que-eleicao-de-2022-nao-sera-confiavel.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹⁰⁶ O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) é a instância jurídica máxima da Justiça Eleitoral Brasileira que, em conjunto com os Tribunais Regionais Eleitorais (TREs), é responsável pela administração do processo eleitoral no país.

Kicis (PSL), que propunha o voto impresso em eleições brasileiras, foi rejeitada e arquivada após votação na Câmara¹⁰⁷. Ainda em janeiro deste ano, ao comentar a invasão do Congresso norte-americano por partidários convocados por Donald Trump, que rejeitavam e contestavam o resultado das eleições americanas, Bolsonaro disse em tom de ameaça que “se nós não tivermos o voto impresso em 2022, uma maneira de auditar o voto, nós vamos ter problema pior que os Estados Unidos”¹⁰⁸. Falsas acusações de fraude eleitoral, destacam Levitsky e Ziblatt, “podem minar a confiança pública em eleições — e quando cidadãos não confiam no processo eleitoral, muitas vezes perdem a fé na própria democracia” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 187).

Figura 18 – Captura de tela de declaração de Jair Bolsonaro feita em 07/09/2021 sobre as urnas eletrônicas e checada pela agência Aos Fatos



Fonte: Aos Fatos

¹⁰⁷ BARBIÉRI, L. F. Em derrota para Bolsonaro, Câmara rejeita e arquiva PEC do voto impresso. **G1**, Brasília, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/10/em-derrota-para-bolsonaro-camara-rejeita-e-arquiva-pec-do-voto-impresso.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹⁰⁸ BOLSONARO volta a questionar o sistema eleitoral brasileiro e faz previsão em tom de ameaça. **G1**, 07 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/01/07/bolsonaro-volta-a-questionar-o-sistema-eleitoral-brasileiro-e-faz-previsao-em-tom-de-ameaca.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

Figura 19 – Captura de tela de declaração de Jair Bolsonaro feita em 07/09/2021 sobre as urnas eletrônicas e checada pela agência Aos Fatos

07.set.2021 #

“Não podemos admitir um sistema eleitoral que não oferece qualquer segurança por ocasião das eleições.”

A declaração do presidente é FALSA porque há uma série de mecanismos e procedimentos realizados antes e depois da votação que garantem a segurança do processo eleitoral. Além dos métodos que permitem a auditoria dos resultados, as urnas possuem camadas de proteção, como as assinaturas digitais, o Registro Digital do Voto, a lacração e a oficialização dos sistemas, as tabelas de correspondência, o lacre físico e a identificação biométrica do eleitor. Também é importante ressaltar que as urnas não possuem conexão com a internet e que nunca foi registrado caso de fraude eleitoral envolvendo esse sistema. Mesmo que uma pessoa conseguisse invadir a urna eletrônica fisicamente - dentro da cabine, por exemplo -, as barreiras de segurança do equipamento e as assinaturas digitais impediriam a manipulação dos dados.

LEIA MAIS

FONTE

ORIGEM

TEMA: ELEIÇÕES. ORIGEM: DISCURSO

Fonte: Aos Fatos

No indicador número dois, Levitsky e Ziblatt questionam se “[os candidatos] descrevem seus rivais como subversivos ou opostos à ordem constitucional inexistente” e/ou “afirmam que seus rivais constituem uma ameaça, seja à segurança nacional ou ao modo de vida predominante” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 33). Durante a campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro, como destacado no capítulo anterior, catalisou e capitalizou o sentimento “antipetista” do eleitorado brasileiro. Como parte dessa narrativa, ele acusava o Partido dos Trabalhadores (PT), seu principal rival político, de ser uma ameaça para o país, principalmente por sua inclinação à esquerda no espectro político, o que indicaria seu flerte com a “ameaça comunista” que ele desenhava, consonante com a narrativa do período da ditadura militar. Aproveitando-se dos escândalos de corrupção ocorridos durante a administração do PT, Bolsonaro sempre se referia ao seu adversário, Fernando Haddad, como parte daquele universo, alimentando outras acusações contra ele e seus aliados (Figuras 20 e 21).

Figura 20 – Captura de tela de *tweet* feito por @jairbolsonaro sobre o PT durante as eleições de 2018



Fonte: reprodução/Twitter

Figura 21 – Captura de tela de *tweet* feito por @jairbolsonaro sobre defesa à liberdade de imprensa e a esquerda brasileira durante as eleições de 2018



Fonte: reprodução/Twitter

Em *Como as democracias morrem*, os autores destacam duas normas não escritas que consideram essenciais para a manutenção do sistema de freios e contrapesos da democracia norte-americana: a tolerância mútua e a reserva institucional. A primeira diz respeito à

“disposição dos políticos de concordarem em discordar” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 104). A segunda se refere ao “ato de evitar ações que, embora respeitem a letra da lei, violam claramente o seu espírito” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 107). Para eles, as duas agem em relação de mutualismo e, portanto, garantem o bom funcionamento da democracia. A polarização política, no entanto, pode pô-las em risco.

Quando as sociedades se dividem tão profundamente que seus partidos se vinculam a visões de mundo incompatíveis, e sobretudo quando seus membros são tão segregados que raramente interagem, as rivalidades partidárias estáveis dão lugar a percepções de ameaça mútua. À medida que desaparece a tolerância, os políticos se veem cada vez mais tentados a abandonar a reserva institucional e tentar vencer a qualquer custo. Isso pode estimular a ascensão de grupos antissistema com rejeição total às regras democráticas. Quando isso acontece, a democracia está em apuros. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 115-116)

Na avaliação do indicador número três, os pesquisadores questionam: “[os candidatos] elogiaram (ou se recusaram a condenar) outros atos significativos de violência política no passado ou em outros lugares do mundo?” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 33). Jair Bolsonaro, como explicitado no capítulo anterior, sempre fez pública sua postura em defesa da ditadura militar brasileira. Alguns meses após a votação do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff no Congresso, Bolsonaro afirmou em julho de 2016 em entrevista que “o erro da ditadura foi torturar e não matar”¹⁰⁹. Anos antes, em 2009, quando ainda era deputado, Bolsonaro pendurou um cartaz na porta de seu gabinete na Câmara que causou indignação entre alguns deputados. O cartaz, que continha a mensagem: “Desaparecidos do Araguaia: quem procura osso é... (imagem de um cachorro com osso na boca)” (Figura 22) fazia referência a pessoas mortas ou desaparecidas que pertenciam à Guerrilha do Araguaia, movimento armado de resistência à ditadura que atuava na região centro-norte do país¹¹⁰. De acordo com a Comissão Nacional da Verdade¹¹¹, os corpos dessas pessoas nunca foram entregues às suas famílias, que faziam buscas na região à procura dos restos mortais dos

¹⁰⁹ DEFENSOR da Ditadura, Jair Bolsonaro reforça frase polêmica: ‘o erro foi torturar e não matar’. **JOVEM PAN**, 08 jul. 2016. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/panico/defensor-da-ditadura-jair-bolsonaro-reforca-frase-polemica-o-erro-foi-torturar-e-nao-matar.html>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹¹⁰ DESAPARECIDOS políticos na região do Araguaia. **GOVERNO FEDERAL**, 23 maio 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/mortos-e-desaparecidos-politicos/desaparecidos-politicos-na-regiao-do-araguaia>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹¹¹ A Comissão Nacional da Verdade (CNV) foi criada pela Lei 12528/2011, instituída em 16 de maio de 2012 e tem como objetivo apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas durante o período da ditadura militar brasileira.

parentes. Na época, o parlamentar justificou a ação dizendo que “a mentira deles não é a verdade da história. O povo tem de dar graças a Deus aos militares”¹¹².

Figura 22 – Jair Bolsonaro posa ao lado de cartaz que ironiza busca por restos mortais de perseguidos políticos da ditadura em 2009



Fonte: Brasil de Fato

Entre os questionamentos presentes no indicador número quatro de Levitsky e Ziblatt, há a pergunta: “[os candidatos] ameaçaram tomar medidas legais ou outras ações punitivas contra seus críticos em partidos rivais, na sociedade civil ou na mídia?” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 34) Reconhecido por sua incitação à violência, especialmente no trabalho da polícia militar¹¹³, Bolsonaro fazia questão de destacar sua oposição aos defensores dos direitos humanos que, segundo ele e seus aliados, são “vagabundos” que “só defendem bandidos” (Figura 23). Em agosto de 2018, o então candidato do PSL declarou que, caso fosse eleito, “não haverá essa politicagem de direitos humanos, essa bandidagem vai morrer porque não enviaremos recursos da União para eles”, alegando que deixaria de repassar dinheiro da União para movimentos e organizações de direitos humanos, que ele qualificou como “desserviço ao nosso Brasil”¹¹⁴.

¹¹² CARTAZ contra desaparecidos do Araguaia irrita deputados. **AGÊNCIA ESTADÃO**, 28 maio 2009.

Disponível em:

<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cartaz-contra-desaparecidos-do-araguaia-irrita-deputados,378349>.

Acesso em: 24 out. 2021.

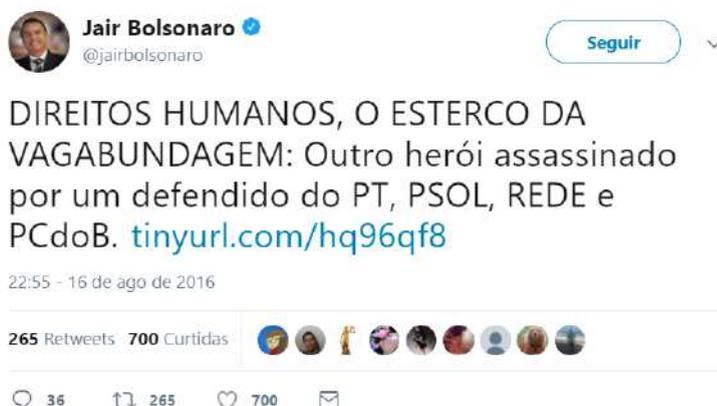
¹¹³ ‘MARGINAL só respeita o que teme’, diz Bolsonaro ao defender que PM ‘mate mais’. **YAHOO**, 05 out. 2015. Disponível em:

<https://esportes.yahoo.com/noticias/-marginal-s%C3%B3-respeita-o-que-teme---diz-bolsonaro-ao-defender-que-pm--mate-mais-200423223.html>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹¹⁴ BOLSONARO diz que se eleito ‘bandidagem vai morrer’ porque União não repassará recursos para direitos humanos. **G1**, Araçatuba; Brasília, 23 ago. 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2018/08/23/bolsonaro-diz-que-bandidagem-vai->

Figura 23 – Captura de tela de *tweet* de @jairbolsonaro sobre Direitos Humanos



Fonte: Congresso em Foco

Segundo levantamento realizado pela revista *Piauí* com dados coletados pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e publicado em 2019, Jair Bolsonaro foi o político que, entre 2015 e 2019, mais acionou a Justiça para solicitar remoção de conteúdos de empresas de comunicação. Dos 34 pedidos feitos por ele, 31 aconteceram durante a campanha eleitoral de 2018¹¹⁵. Apesar de se declarar um defensor da liberdade de imprensa (Figura 20), Bolsonaro já atacou e ameaçou diretamente jornalistas e a imprensa brasileira de diversas formas desde a sua eleição. Em junho deste ano, quando questionado por uma repórter sobre não estar usando máscara de proteção contra o coronavírus em evento na Escola de Especialistas de Aeronáutica, Bolsonaro respondeu irritado: “Cala a boca. Vocês são uns canalhas. Vocês fazem um jornalismo canalha, canalha que não ajuda em nada. Vocês não ajudam em nada”, se referindo à Rede Globo, maior empresa de comunicação do país, emissora de que o canal para o qual a repórter trabalha é afiliada¹¹⁶.

Assim como Bolsonaro, como explicitado acima, os autores destacam que o tipo de candidato que tende a dar positivo no “teste de autoritarismo” são os *outsiders* populistas

[morrer-em-seu-governo-porque-uniao-nao-repassara-recursos-para-direitos-humanos.ghml](#). Acesso em: 24 out. 2021.

¹¹⁵ ROSSI, A.; BUONO, R. Censura digital”. *Revista Piauí*, 09 dez. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/censura-digital/>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹¹⁶ QUESTIONADO por não usar máscara, Bolsonaro manda repórter calar a boca. *CARTA CAPITAL*, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/questionado-por-nao-usar-mascara-bolsonaro-manda-reporter-calar-a-boca/>. Acesso em: 24 out. 2021.

(LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 32). O presidente brasileiro não pode ser considerado um *outsider*, dada a sua carreira de quase 30 anos como parlamentar antes de assumir o Executivo. Mas é, sem dúvidas, um populista.

Populistas são políticos antiestablishment - figuras que, afirmando representar a “voz do povo”, entram em guerra contra o que descrevem como uma elite corrupta e conspiradora. Populistas tendem a negar a legitimidade dos partidos estabelecidos, atacando-os como anti-democráticos e mesmo anti-patrióticos. Eles dizem aos eleitores que o sistema não é uma democracia de verdade, mas algo que foi sequestrado, corrompido ou fraudulentamente manipulado pela elite. E prometem sepultar essa elite e devolver o poder “ao povo”. Esse discurso deve ser levado a sério. Quando populistas ganham eleições é frequente investirem contra as instituições democráticas. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 32)

A análise dos indicadores de comportamento autoritário apontados por Levitsky e Ziblatt fazem referência direta a normas e bens democráticos, como a Constituição, outros Poderes, a tolerância mútua e a liberdade de imprensa. Destaca-se, por esse contexto, o papel essencial que essas peças desempenham na manutenção da democracia. A imprensa, como mencionado anteriormente, ocupa um lugar de destaque nessa dinâmica. Como observam Bennett e Livingston (2020), “nossa atual era da pós-verdade é melhor explicada pelo enfraquecimento sistemático de instituições democráticas da democracia liberal” (BENNETT; LIVINGSTON, 2020, p. 8, tradução nossa)¹¹⁷. Como destacado por Traquina (2020a):

A teoria democrática define claramente um papel adversarial entre o poder político e o jornalismo, historicamente desde o século XIX chamado o “Quarto Poder”, talvez porque séculos de domínio autocrático e por vezes despótico criaram um legado de desconfiança, suspeita e medo em relação ao poder político. (TRAQUINA, 2020a, p. 20).

Uma observação interessante sobre essa dinâmica secular que Traquina (2020a) menciona é a inversão de papéis entre o “poder político” e o “jornalismo”. Quem há muito assumia o lugar de herói e “guardião da democracia”, hoje tem sido acusado de ser exatamente o oposto, posto em lugar de ameaça por discursos populistas-conspiracionistas. A relação “adversarial” postulada pelo autor ainda se faz presente, mas por conta de propagandas de desinformação e pela ascensão de demagogos populistas como Bolsonaro, ela tem se apresentado de forma invertida. Campanhas de desinformação e ataques à credibilidade e à legitimidade da imprensa contribuem para um cenário de desorientação, mencionado no capítulo anterior, em que os cidadãos perdem não só a habilidade de distinguir

¹¹⁷ No original: “[...] our current post-fact era is best explained by the systematic weakening of authoritative institutions of liberal democracy”.

fatos de falácias, mas também a capacidade de decidir a quem recorrer para fazer essa distinção.

O portal da organização Repórteres sem Fronteiras (RSF) descreve o panorama da imprensa no Brasil com o título “um clima de ódio e desconfiança alimentado pelo presidente Bolsonaro”¹¹⁸. O texto destaca que

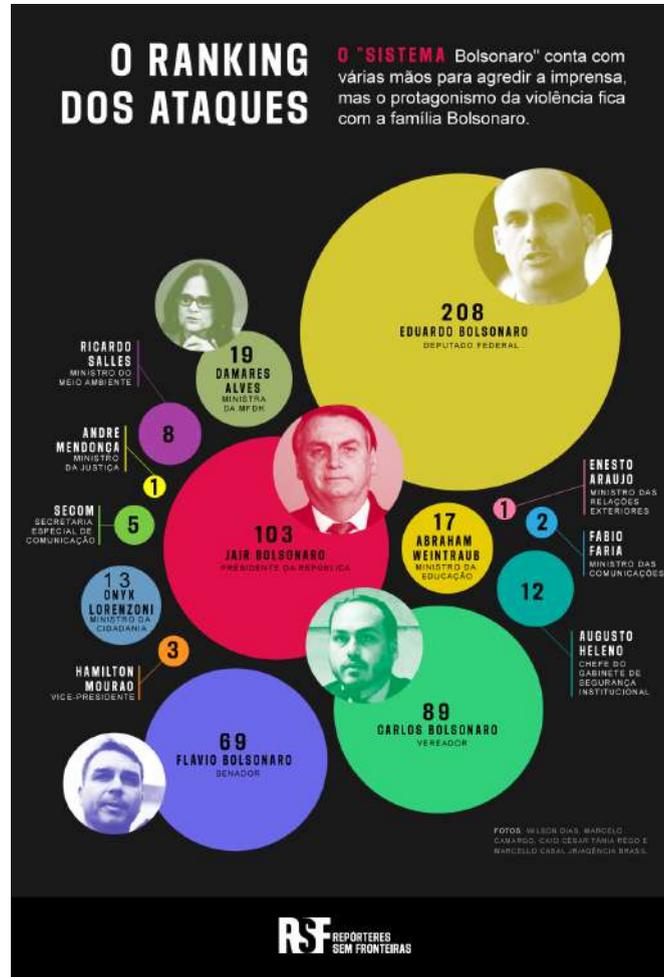
O trabalho da imprensa brasileira tornou-se especialmente complexo desde que Jair Bolsonaro foi eleito presidente, em 2018. Insultos, difamação, estigmatização e humilhação de jornalistas passaram a ser a marca registrada do presidente brasileiro. Qualquer revelação da mídia que ameace os seus interesses ou de seu governo desencadeia uma nova rodada de ataques verbais violentos, que fomentam um clima de ódio e desconfiança em relação aos jornalistas no Brasil. (UM CLIMA..., 2021)

Em balanço publicado em janeiro de 2021, a organização “busca decifrar e analisar os ataques coordenados do ‘sistema Bolsonaro’ contra jornalistas e relembra os episódios mais significativos e simbólicos de 2020”¹¹⁹. Ao longo desse ano, segundo monitoramento realizado por RSF, foram registrados 580 casos de ataques contra a imprensa no Brasil. 103 deles partiram diretamente de Jair Bolsonaro e 366 de seus filhos Eduardo Bolsonaro (208), deputado federal, Carlos Bolsonaro (89), vereador no Rio de Janeiro, e Flávio Bolsonaro (69), senador (Figura 24).

¹¹⁸ UM CLIMA de ódio e desconfiança alimentado pelo presidente Bolsonaro. **REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS**, 2021. Disponível em: <https://rsf.org/pt/brasil>. Acesso em: 24/10/2021.

¹¹⁹ UM ANO sombrio para a liberdade de imprensa no Brasil - 580 ataques contra a mídia em 2020. **REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS**, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://rsf.org/pt/relacoes/um-ano-sombrio-para-liberdade-de-imprensa-no-brasil-580-ataques-contra-midia-em-2020>. Acesso em: 24 out. 2021.

Figura 24 – Ranking dos ataques à imprensa no Brasil em 2020 monitorados pela organização Repórteres sem Fronteiras



Fonte: Repórteres sem Fronteiras

Em janeiro de 2021, o presidente chegou a afirmar que “o maior problema do Brasil é a imprensa” e, após classificar alguns veículos como “lixo”, acrescentou: “Não é nem lixo, porque lixo é reciclável. Não serve para nada, só fofoca, mentira o tempo todo”¹²⁰. O ódio manifesto de Bolsonaro ao jornalismo cresceu e ganhou ainda mais espaço ao longo dos últimos anos. No levantamento feito pelo Aos Fatos, 126 mentiras de Bolsonaro foram incluídas na categoria “Imprensa”, entre o primeiro dia de mandato dele e 25 de outubro de 2021, 33 afirmações em 2019, 70 em 2020 e 23 em 2021. Ressaltando que esses números são

¹²⁰ SIMÕES, E. Imprensa é o maior problema do Brasil, diz Bolsonaro a apoiadores. UOL, São Paulo, 06 jan. 2021. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2021/01/06/imprensa-e-o-maior-problema-do-brasil-diz-bolsonaro-a-apoiadores.htm>. Acesso em: 24 out. 2021.

referentes a declarações falsas ou distorcidas em relação à imprensa e não a ataques contra ela, é interessante observar o índice de 2020, que corresponde a pouco mais que o dobro de 2019 e ao triplo de 2021 (até 25/10). Apesar de as mentiras terem se tornado mais frequentes ao longo do tempo — foram 606 de todas as temáticas proferidas por ele em 2019, 1.586 em 2020 e 1.961 (até 25 de outubro de 2021) — é curioso observar que há uma discrepância na quantidade de declarações atribuídas ao tema “Imprensa” em 2020. Como observado por RSF, há, por parte de Bolsonaro, uma tentativa de culpabilizar a mídia pela crise causada pelo novo coronavírus e transformá-la em bode expiatório. Esse fato poderia justificar o crescimento dos ataques e das mentiras em 2020, ano em que a pandemia foi mais marcante no cenário midiático por sua incipiência e pela incerteza provocada pela falta informações suficientes sobre o vírus, além da inexistência de um tratamento com eficácia comprovada e de uma vacina, que só começou a ser aplicada em dezembro daquele ano.

A sabotagem do discurso político como um todo somada à sabotagem da confiança das pessoas no jornalismo profissional, como vem acontecendo no Brasil, comprometem a possibilidade de acesso a um bem democrático fundamental: o acesso à informação factual e de qualidade, para que os cidadãos possam formar suas opiniões, compreender o mundo que os cerca e tomar decisões — pessoais e coletivas — em relação a ele. Pela sua função central de fornecer informações factuais e creíveis à população, o jornalismo profissional precisa de confiança para continuar existindo, cumprindo seu papel e contribuindo para o sistema democrático. Seja na função de cão de guarda na política ou na função de agente transmissor de conhecimento e informação relevante para a construção da opinião pública. “Uma imprensa independente é um bastião das instituições democráticas; nenhuma democracia pode viver sem ela” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 189). Em entrevista à *Folha de S. Paulo* sobre os ataques de Bolsonaro à imprensa, o jornalista Eugênio Bucci, professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP, destacou:

Para ser presidente, ele, como todos os antecessores, fazem o juramento de respeitar, manter e defender a Constituição. Quando ele faz esses ataques à liberdade de imprensa, ele está desrespeitando e assumindo uma posição contrária à da Constituição que ele tem o dever de manter. (BRANDINO; GALF, 2021)

3.3 Sete de setembro: a liberdade de não querer ser livre

Seguindo o mesmo caminho da imprensa, outra instituição democrática importante que

No entanto, os ataques de Jair Bolsonaro à Justiça não foram iniciados por causa da pandemia. O Poder Judiciário foi alvo do presidente em outras ocasiões, como quando o ministro Celso de Mello, do STF, decidiu tornar público, em maio de 2020, o vídeo de uma reunião ministerial que havia acontecido no mês anterior. A quebra de sigilo do vídeo ocorreu em razão de um inquérito que investiga declarações do ex-ministro da Justiça e Segurança Pública Sergio Moro, em que acusava Bolsonaro de tentar interferir na autonomia da Polícia Federal (PF) e querer ter acesso a informações e relatórios confidenciais de inteligência do órgão. De acordo com reportagem da *Folha de S. Paulo*, membros da Polícia Federal e do Ministério da Justiça afirmam que o interesse do presidente na PF tem como “pano de fundo” controlar investigações ligadas à Família Bolsonaro, principalmente aos filhos Eduardo e Carlos Bolsonaro, investigados pelo Inquérito das Fake News, conduzido em sigilo pelo STF¹²¹. Em trecho de vídeo da reunião, Bolsonaro diz que não vai “esperar foder a minha família toda, de sacanagem, ou amigos meu, porque eu não posso trocar alguém da segurança na ponta da linha que pertence a estrutura nossa. Vai trocar! Se não puder trocar, troca o chefe dele! Não pode trocar o chefe dele? Troca o ministro!”¹²².

Ainda em abril de 2020, o STF decidiu que estados e municípios poderiam adotar medidas que considerassem necessárias no combate à pandemia sem depender de autorização do governo federal. Essa medida causou clara indignação no presidente, que pode ser percebida pela quantidade de vezes em que ele mencionou a liminar com mentiras, tornando essa afirmação a segunda mais repetida, de acordo com o levantamento do Aos Fatos (Figura 24). Além disso, essa decisão do Supremo foi mencionada em outra afirmação falsa também repetida diversas vezes por Bolsonaro. Nessa versão, o presidente afirma que a determinação teria caráter inconstitucional por violar o artigo 5º da Constituição Federal (BRASIL, 1988) que assegura, entre outros, o direito à liberdade, que estaria sendo violado pelas medidas restritivas impostas por governadores e prefeitos. Em uma dessas declarações, Bolsonaro chega a dizer que o Supremo cometeu um crime (Figura 26).

¹²¹ ONOFRE, R.; FERNANDES, T.; CARVALHO, D.; CHAIB, J.; BRANT, D.; LEMOS, I.; TEIXEIRA, M. Bolsonaro tenta controlar investigações e blindar família, dizem integrantes da Justiça e da PF. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/bolsonaro-tenta-controlar-investigacoes-e-blindar-familia-dizem-integrantes-da-justica-e-da-pf.shtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹²² EM REUNIÃO ministerial, Bolsonaro diz: ‘Eu não vou esperar foder a minha família toda’; assista. **G1**, 22 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/em-reuniao-ministerial-bolsonaro-diz-eu-nao-vou-esperar-foder-a-minha-familia-toda-assista.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

Figura 26 – Captura de tela de declaração falsa de Bolsonaro checada pelo Aos Fatos

29.jul.2021 #

“Então o Supremo na verdade cometeu um crime ao dizer que prefeitos e governadores, de forma indiscriminada, poderiam simplesmente suprimir todo e qualquer direito previsto no artigo 5º da Constituição, inclusive o ir e vir.”

Bolsonaro volta dizer que governadores e prefeitos desrespeitaram o artigo 5º da Constituição – que fala sobre o direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade – ao decretar medidas de restrição, o que é FALSO. O presidente tem insistido que as medidas de restrição de circulação adotadas por estados e municípios para conter a pandemia de Covid-19 são inconstitucionais, mas elas estão previstas na lei nº 13.979/2020. Assinada pelo próprio presidente, ela dá aos governantes locais liberdade de adotar essas determinações em seus territórios como forma de combater a expansão da pandemia. Essas ações, segundo decisão do STF (Supremo Tribunal Federal), não precisam de aprovação da União, mas devem ter fundamentação técnica e garantir a locomoção de produtos e serviços essenciais.

FONTE

ORIGEM

REPETIDO 21 VEZES. Em 2021: 14.out, 14.out, 07.set, 05.set, 02.set, 25.ago, 06.ago, 06.ago, 05.ago, 29.jul, 29.jul, 18.jul, 07.jul, 01.jul, 18.jun, 17.jun, 12.jun, 23.mai, 06.mai, 15.abr, 15.abr.

TEMAS: CORONAVÍRUS, JUSTIÇA. ORIGEM: OUTROS

Fonte: Aos Fatos

Esse foi o contexto que deu origem às “manifestações antidemocráticas”, como ficaram conhecidas por meio dos grandes veículos de imprensa uma série de protestos realizados no primeiro semestre de 2020 em apoio ao presidente e, nos quais, manifestantes pediam o fechamento do STF, bem como do Congresso e do Senado, e a reinstalação do AI-5. Em abril de 2020, o STF abriu um inquérito, por determinação do ministro Alexandre de Moraes, para apurar a organização e financiamento desses atos, principalmente o envolvimento de deputados federais. Na época, Moraes destacou como

Imprescindível a verificação da existência de organizações e esquemas de financiamento de manifestações contra a Democracia e a divulgação em massa de mensagens atentatórias ao regime republicano, bem como as suas formas de gerenciamento, liderança, organização e propagação que visam lesar ou expor a perigo de lesão os Direitos Fundamentais, a independência dos Poderes instituídos e ao Estado Democrático de Direito, trazendo como consequência o nefasto manto do arbítrio e da ditadura. (FALCÃO; VIVAS, 2020)

O inquérito foi arquivado em julho de 2021 pelo ministro em razão da abertura de uma nova investigação para analisar a existência de “uma organização criminosa, de forte atuação digital”, que tem a finalidade, segundo ele, de atentar contra a democracia e o Estado de Direito. Apesar de Jair Bolsonaro não ser indicado como réu nessas investigações, ele compareceu e discursou em alguns dos atos e possui ligação direta com alvos dos inquéritos, como seu filho e deputado federal Eduardo Bolsonaro e a deputada bolsonarista Bia Kicis, autora da PEC que propunha o voto impresso.

Um ano depois, em abril de 2021, o ministro do STF Luís Roberto Barroso solicitou em liminar a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado para "apurar as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da pandemia da Covid-19 no Brasil e, em especial, no agravamento da crise sanitária no Amazonas com a ausência de oxigênio para os pacientes internados", de acordo com os autores do projeto. Em entrevista à CNN Brasil, Bolsonaro comentou a abertura da CPI dizendo que “não há dúvida de que há uma interferência do Supremo em todos os poderes” e questionou: “Será que a decisão não tem que ser a mesma para o Senado colocar em pauta o pedido de impeachment de ministros do Supremo?”¹²³ Em outra ocasião, ironizando a Comissão, o presidente questionou a intenção dos senadores e reforçou o uso de medicamentos do “*kit covid*”: “Agora vem uma CPI para investigar conduta minha? ‘Se ele foi favorável à cloroquina ou não’. Se eu tiver um novo vírus, eu vou tomar de novo. Me safei em menos de 24h, assim como milhões de pessoas”¹²⁴. Essa decisão influenciou ataques particulares de Bolsonaro ao ministro Barroso meses depois, em que ele alegava que o magistrado defendia a diminuição da idade que configura o crime de estupro de vulnerável de 14 para 12 anos. A afirmação, no entanto, foi checada e classificada como falsa pelo Aos Fatos (Figura 27).

¹²³ VENAGLIA, G. À CNN, Bolsonaro critica CPI da Covid: ‘Há interferência do Supremo nos poderes’. **CNN Brasil**, São Paulo, 08 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/a-cnn-bolsonaro-critica-cpi-da-covid-ha-interferencia-do-supremo-nos-poderes/>. Acesso em: 24 out. 2021.

¹²⁴ GUILLINO, D. Bolsonaro ironiza CPI da Covid e questiona se será ‘carnaval fora de época’. **O Globo**, Brasília, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-ironiza-cpi-da-covid-questiona-se-sera-carnaval-fora-de-epoca-24991796>. Acesso em: 24 out. 2021.

Figura 27 – Captura de tela de declaração falsa feita por Jair Bolsonaro em 05/08/2021 sobre o ministro Luís Roberto Barroso checada pelo Aos Fatos

05.ago.2021

“Hoje no Brasil, o estupro de vulnerável são 14 anos. Ou seja, se hoje em dia uma menina namorar um maior de idade e consentir em um relacionamento sexual, isso não é estupro. Acima de 13 anos hoje em dia, ou de 12, mesmo consentindo, isso é estupro. O que que o Barroso defende? Que o estupro de vulnerável passe de 14 para 12 anos.”

É FALSO que o ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Luís Roberto Barroso defenda a redução da idade mínima para o estupro de vulnerável – crime em que um maior de idade pratica ato sexual com menor de 14 anos ou pessoa que, por enfermidade ou condição mental, não tem o discernimento necessário para oferecer consentimento. Em busca em veículos de imprensa e em redes sociais, Aos Fatos não encontrou nenhuma manifestação pública do ministro sobre o assunto. Em julgamento de um habeas corpus em 2017, Barroso votou, inclusive, no sentido contrário, ao determinar o prosseguimento da ação penal contra um jovem de 18 anos que manteve relações com uma menina de 13. De acordo com o magistrado, ainda que houvesse elementos que mostrassem o consentimento da vítima, o fato de ela ser menor de 14 anos justificava a continuidade do processo.

FONTE
 ORIGEM

REPETIDO 3 VEZES. Em 2021: 12.ago, 06.ago, 05.ago.

TEMA: JUSTIÇA. ORIGEM: LIVE

Fonte: Aos Fatos

Um conjunto de manifestações posteriores às mencionadas, que aconteceram em 7 de setembro de 2021, encerra o período de nossa análise porque reúne posicionamentos, declarações e pautas que foram abordados por este trabalho. Na ocasião, apesar de a pandemia de Covid-19 ainda ser uma realidade — e, por isso, grandes aglomerações ainda serem expressamente contraindicadas pelas autoridades sanitárias — e as mortes de centenas de milhares de brasileiros não indicarem nenhum motivo para comemoração, o presidente Jair Bolsonaro convocou manifestações para a data em que é comemorada a independência do Brasil. O contexto era de embate crescente entre o presidente, o Supremo Tribunal Federal e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), além de crise econômica e altos índices de reprovação do governo, de acordo com pesquisas de opinião¹²⁵. A prisão do deputado bolsonarista Roberto

¹²⁵ CONTEXTO: As manifestações do 7 de setembro. G1, 07 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/07/contexto-as-manifestacoes-do-7-de-setembro.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

Jefferson, por exemplo, motivou Bolsonaro a protocolar um pedido de *impeachment* do ministro Alexandre de Moraes.

As acusações de fraude sem comprovação contra as urnas eletrônicas, as investidas constantes de Bolsonaro contra o TSE e questionamentos sobre a lisura do processo eleitoral foram fundamentais para fortalecer a escalada de ataques do presidente e seus apoiadores contra o sistema judiciário do país. No dia 7 de setembro, houve protestos a favor de Bolsonaro em 179 cidades do país, distribuídos por todos os estados e o Distrito Federal. Os manifestantes criticavam veementemente a atuação do Supremo Tribunal Federal e pediam até pela saída dos ministros e o fechamento do STF. Em um dos cartazes de protesto, um manifestante acusava a Suprema Corte de rasgar a Constituição brasileira (Figura 28).

Figura 28 – Manifestantes pró-Bolsonaro em ato na Avenida Paulista em 07/09/2021



Fonte: TV Globo

Além das acusações e ameaças já esperadas, dadas as alegações de Bolsonaro em relação às ações do STF e do TSE, outro fator que não causa espanto nas imagens das manifestações é a quantidade de pessoas que não usam máscaras de proteção facial, elemento essencial para evitar a contaminação pelo coronavírus e que Bolsonaro subestimou e minimizou em muitas ocasiões anteriores. Muitos manifestantes pediam, inclusive, o fim das medidas de restrição de combate à pandemia, além de expressar sua oposição à obrigatoriedade do passaporte de vacinação, comprovação de imunidade contra a Covid-19 que tem sido exigido para acessar alguns espaços, como cinemas, teatros e academias de

ginástica, em diversas cidades do país. Para eles, assim como para o presidente, essas medidas indicam supressão da liberdade (Figura 29).

Algo que chamou a atenção entre os cartazes dos apoiadores do presidente foi a quantidade de frases em outros idiomas, principalmente em inglês, algo que não tinha acontecido com tanta expressividade nos outros atos (Figuras 28, 29, 30 e 31). Essa expressão pode ser relacionada a uma provável tentativa de ganhar mais espaço na mídia internacional e, conseqüentemente, compartilhar com o mundo as suas reivindicações, visto que apenas 5% dos brasileiros falam inglês — e somente 1% de forma fluente —, de acordo com pesquisa do *British Council* e do Instituto de Pesquisa Data Popular¹²⁶.

Figura 29 – Manifestante pró-Bolsonaro com cartaz “Liberdade. Sem passaporte de vacinação” em 07/09/2021



Fonte: UOL

Em consonância com a conspiração da “ameaça comunista” promovida por Bolsonaro desde as eleições de 2018, muitos manifestantes abordaram também essa temática em seus cartazes (Figuras 30 e 31), evidenciando que essa pauta continua presente não apenas na retórica do presidente, mas no discurso público, mesmo que não haja nenhuma evidência de governo ou tomada de poder comunista no Brasil. Em um deles, um apoiador pede que o presidente “acione as Forças Armadas e liberte nosso Brasil do comunismo” (Figura 30). Outros pediam também a criminalização do comunismo (Figura 31).

¹²⁶ RIBAS, R. Você realmente fala bem em inglês ou é só embromation? *O Globo*, Rio de Janeiro, 08 abr. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/voce-realmente-fala-bem-em-ingles-ou-so-embromation-23577552>. Acesso em: 25 out. 2021.

Figura 30 – Manifestante pró-Bolsonaro em 07/09/2021



Fonte: Estadão Conteúdo

Figura 31 – Manifestante pede a criminalização do comunismo em 07/09/2021



Fonte: VEJA

A pauta do voto impresso, que contribuiu significativamente para a intensificação dos embates entre o presidente e a Justiça, também fez parte dos protestos (Figura 32), mesmo após a não aprovação do projeto pelo Congresso. O assunto fez parte também das falas de Jair Bolsonaro naquele dia, que esteve presente nos protestos em Brasília e em São Paulo, onde

fez declarações marcantes com “tom golpista”, como destacou a mídia¹²⁷. Na Avenida Paulista, o presidente reforçou o desejo de “eleições limpas, auditáveis e com contagem pública dos votos”, insinuando que o atual processo eleitoral não funciona dessa forma, como já foi desmentido inúmeras vezes, inclusive pelas checagens do Aos Fatos.

Figura 32 – Manifestantes pró-Bolsonaro pedem voto impresso em 07/09/2021



Fonte: Agência O Globo

Em seu discurso, o presidente mencionou a palavra “democracia” quatro vezes, uma para reforçar que respeita o sistema, uma para associar o conceito ao voto — que para ele precisa ser reformulado, insistindo na desinformação que questiona a lisura das eleições — e duas para insinuar que o ministro Alexandre de Moraes, do STF, esteja ameaçando o sistema.

Nessa narrativa, em semelhança com o que observamos na inversão da dinâmica entre “poder político” e “jornalismo” retratada por Traquina, Bolsonaro insinua maquinações que buscam subverter a democracia brasileira por parte de membros do Judiciário. Maquinações que são, na verdade, feitas por ele mesmo — como destacamos nos exemplos ao longo deste trabalho —, mais um recurso de retórica que ele tem em comum com o ex-presidente norte-americano. Como observa Kakutani, “Trump tem o hábito perverso de acusar os adversários dos mesmos pecados dos quais é culpado” (KAKUTANI, 2018, p. 118).

¹²⁷ AS AMEAÇAS de Bolsonaro em discursos no 7 de setembro. **BBC Brasil**, 07 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58479785>. Acesso em: 25 out. 2021.

A narrativa conspiratória é novamente reforçada e agrega a esse contexto mais um fator: a necessidade de se tomar atitudes que podem ser vistas como extremas para reagir a essas supostas ameaças. Ainda em São Paulo, Bolsonaro deixou claro que “qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá”¹²⁸. E, ainda em tom de ameaça, acrescentou: “E dizer àqueles que querem me tornar inelegível em Brasília: só Deus me tira de lá. E aqueles que pensam que com uma caneta podem me tirar da presidência, digo uma coisa para todos: nós temos três alternativas: preso, morto ou com vitória” (LEIA..., 2021).

¹²⁸ LEIA a íntegra do discurso de Bolsonaro em São Paulo no 7 de setembro. **UOL**, São Paulo, 07 set. 2021.

Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/07/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-em-sao-paulo-no-7-de-setembro.htm>. Acesso em: 25 out. 2021.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ele exige lealdade não à Constituição [...], mas a si próprio; e espera que membros do Congresso e do Judiciário aplaudam suas políticas e desejos, independentemente do que eles acreditam melhor atender aos interesses do povo [...] (KAKUTANI, 2018, p. 117). Omitindo as palavras “dos Estados Unidos” e “norte-americano”, essa frase se encaixa tão perfeitamente no contexto brasileiro que ressaltam as similaridades entre os discursos de Trump e Bolsonaro. Dadas as devidas impossibilidades de comparação históricas, políticas e culturais, fato é que os dois, bem como outros populistas conservadores na Rússia, Hungria e em outros lugares do mundo, têm sido personagens essenciais para o período de recessão democrática que o mundo enfrenta hoje.

Como Levitsky e Ziblatt destacam: crises oferecem uma expansão do poder vigente e, portanto, aguçam o autoritarismo. E podem representar tanto uma oportunidade de crescimento quanto uma derrocada para presidentes. A administração da pandemia por parte de Bolsonaro e as consequências de sua ineficiência e negligência parecem já estar surtindo efeito contra ele mesmo, como no caso da CPI da Covid. Nos Estados Unidos, as instituições parecem ter resistido às investidas de Trump. No caso de Bolsonaro, as instituições brasileiras têm provado, apesar dos inúmeros ataques e sabotagens, sua resiliência frente às ameaças da campanha de desinformação bolsonarista. Mas, como os autores salientam, as investidas de Bolsonaro contra a democracia brasileira, assim como ocorreu nos Estados Unidos sob a administração de Trump, por mais que não provoquem uma destruição fatal, contribuem para o enfraquecimento do sistema, que deve ser preservado para sobreviver aos desafios que se apresentarão após esse período. No Brasil, ainda há uma grande ameaça sob os holofotes: as eleições de 2022, cujo processo eleitoral — e possível resultado de derrota — o atual presidente tem questionado, criticado e deslegitimado, ainda que sem nenhuma prova, desde 2018.

Os dados e exemplos apresentados e discutidos indicam que Bolsonaro não só ataca a imprensa brasileira, a ciência, o sistema judiciário e qualquer um que se oponha a ele, mas também — e principalmente — a verdade. Essa subversão da factualidade e sabotagem do discurso público influenciam diretamente a opinião pública e a tomada de decisões por parte dos cidadãos brasileiros. Além disso, corrompe o caráter deliberativo da democracia, porque

inunda as discussões com assuntos irrelevantes e mentiras, promove a desorientação argumentativa e desencoraja o engajamento nas questões de interesse público.

Este trabalho buscou entender se é cabível afirmar que o Brasil está sendo governado por um presidente autoritário que foi eleito por vias democráticas, as mesmas que ele estaria investindo para destruir. O estudo coloca em debate essa suposição e tenta ilustrá-la por meio de exemplos, discussões teóricas e análises, mas sabemos que essa discussão é muito mais complexa e vai muito além desta bibliografia e do estudo de caso em questão. Pretendo, portanto, explorar essa hipótese mais a fundo, com mais artifícios teóricos e práticos, num futuro projeto de mestrado.

Além disso, tentamos avaliar como o discurso desse político, que faz uso desenfreado de mentiras para defender e promover pautas de seu interesse, ameaça as instituições, o debate, a deliberação, a liberdade e a democracia enquanto sistema imprescindível para a existência de todos os recursos e direitos anteriores. A partir de uma reflexão sobre a trajetória de Bolsonaro e sobre seus atos e afirmações, tentamos mostrar como ele se encaixa no perfil populista-conspiracionista ultraconservador que vem contribuindo para a erosão da democracia ao redor do mundo. Fizemos essa pesquisa por meio de análises qualitativas de declarações de Bolsonaro antes, durante e após 2018, ano em que ele foi eleito presidente, com base em conceitos e dinâmicas descritos por teóricos da comunicação, da ciência política e da comunicação política.

No Capítulo 2, achamos importante situar o leitor no contexto político-histórico em que a eleição de 2018 aconteceu, além de definir conceitos importantes — como a diferenciação entre desinformação e *fake news*, além de teorias da conspiração — para a dinâmica que tentamos explorar, bem como o próprio campo da comunicação política. Esse mergulho teórico fez-se necessário para melhor esclarecimento da discussão empírica que foi abordada no capítulo seguinte: campanhas de desinformação propagadas em massa por líderes populistas podem promover uma sabotagem do discurso público e, com isso, ameaçar o sistema democrático? Usamos, neste primeiro momento, não apenas as referências teóricas, mas também exemplos que conectassem Bolsonaro ao cenário descrito pelos autores. Exploramos também a proximidade da retórica do presidente brasileiro com Trump, Putin e outros líderes ultraconservadores, que são os casos mais estudados pela literatura explorada.

Além disso, no Capítulo 3, nos aprofundamos numa análise quantitativa e qualitativa do levantamento realizado pelo Aos Fatos, que checkou todas as declarações do presidente

desde sua posse. Focamos nossa análise no tema “Coronavírus” porque percebemos que ele representa maioria significativa entre as declarações falsas checadas pela plataforma desde que a pandemia se iniciou no país. No entanto, além de analisarmos todas as 1.939 mentiras — e respectivas checagens — indicadas pela plataforma como pertencentes a esse tema, notamos, a partir do estudo também das 1.121 declarações checadas pela plataforma no nosso período de análise e atribuídas a outras temáticas, a presença de outras que, apesar de não terem sido incluídas no tema “Coronavírus” pelo Aos Fatos, também tinham relação com a pandemia e/ou consequências diretas da situação.

Portanto, esse trabalho nos exigiu bastante tempo e atenção, mas nos proporcionou um mergulho ainda mais profundo na retórica do presidente. Por consequência, buscamos entender a conexão entre o discurso anticientífico e os ataques à imprensa proferidos pelo presidente por meio do ponto de vista da crise da factualidade levantado por Kakutani (2018). Ainda neste capítulo, prosseguindo com a análise do material empírico, buscamos relacionar esses ataques a instituições democráticas — incluindo os proferidos a outros poderes, abordados ao final do capítulo — com o comportamento autoritário desenhado por Levitsky e Ziblatt (2018), no qual Bolsonaro poderia se encaixar.

Essa pesquisa, não apenas pelo caráter ainda um pouco incipiente do assunto e por ter sido desenvolvida no contexto em que os fatos analisados estão em curso, indubitavelmente não se esgota aqui. É necessário entender mais profundamente como a crença na conspiração da “ameaça comunista”, tão presente na narrativa de Bolsonaro, se comporta entre seus apoiadores, em termos políticos, sociológicos e psicológicos. Além disso, é importante compreender e explorar, com mais densidade, as raízes da polarização política brasileira atual e em que medida elas se relacionam social e culturalmente com o avanço de pautas liberais na sociedade ocidental.

Por fim, é de extrema relevância para o jornalismo que o processo de descredibilização do nosso trabalho seja entendido em toda a sua complexidade — e infinitas relações com outras questões sociais —, para que possamos recuperar nosso lugar enquanto “guardião da democracia” perante a crença de quem buscamos informar e qualificar a fim de defender o sistema. O jornalismo não perdeu e não acreditamos que perderá sua relevância, mas carece de que ela seja solidamente reconhecida para que continue sendo parte fundamental do trabalho que desenvolve. Num mundo onde não há mais apenas “quatro poderes”, estar em relação de igualdade com quem também tem muito a comunicar é

essencial para refletir os valores que tanto defendemos: a igualdade social, a pluralidade do acesso e da produção, a garantia das liberdades de expressão e, principalmente, a democratização da informação.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 Livros e artigos

BENKLER, Y.; FARRIS, R.; ROBERTS, H. **Network Propaganda**. v. 1. New York: Oxford University Press, 2018. Disponível em: <https://oxford.universitypressscholarship.com/view/10.1093/oso/9780190923624.001.0001/oso-9780190923624>.

BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. A Brief History of the Disinformation Age: Information Wars and the Decline of Institutional Authority. *In*: BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. **The Disinformation Age: Politics, Technology, and Disruptive Communication in the United States**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 3–40. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9781108914628/type/book>.

BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. (Org.). **The Disinformation Age: Politics, Technology, and Disruptive Communication in the United States**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9781108914628/type/book>.

BÍBLIA Sagrada. Petrópolis: Vozes, 1988.

BRASIL. [Constituição (1998)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91972/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988#art-5>. Acesso em: 25 out. 2021.

DEMURU, P. Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 264–291, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/180942>.

FILHO, João Roberto Martins. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, p. 18-20, n. 83, Ago. 2012.

FRANKFURT, H. G. **On bullshit**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LASSWELL, H. D. The Theory of Political Propaganda. **American Political Science Review**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 627–631, ago. 1927. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0003055400024503/type/journal_article.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MACLEAN, N. “Since We Are Greatly Outnumbered”: Why and How the Koch Network Uses Disinformation to Thwart Democracy. *In*: BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. (org.). **The Disinformation Age: Politics, Technology, and Disruptive Communication in the**

United States. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 120–149. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9781108914628/type/book>.

NICOLAU, J. Prefácio. **Como as democracias morrem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

NOGRADY, B. ‘I hope you die’: how the COVID pandemic unleashed attacks on scientists. **Nature**, [S. l.], v. 598, n. 7880, p. 250–253, 14 out. 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-021-02741-x>. Acesso em: 24 out. 2021.

RÊGO, A. R.; BARBOSA, M. **A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

REUTERS INSTITUTE. **Digital News Report 2021**. Cidade: Reuters Institute, 2021. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021>. Acesso em: 24 out. 2021.

SMALLPAGE, S. M.; ENDERS, A. M.; USCINSKI, J. E. The partisan contours of conspiracy theory beliefs. **Research & Politics**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 205316801774655, out. 2017. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2053168017746554>.

STARR, P. The Flooded Zone: How We Became More Vulnerable to Disinformation in the Digital Era. In: BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. (org.). **The Disinformation Age: Politics, Technology, and Disruptive Communication in the United States**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 67–91. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9781108914628/type/book>.

SUNSTEIN, C. R.; VERMEULE, A. Conspiracy Theories: Causes and Cures*. **Journal of Political Philosophy**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 202–227, jun. 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9760.2008.00325.x>.

TENOVE, C. Protecting Democracy from Disinformation: Normative Threats and Policy Responses. **The International Journal of Press/Politics**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 517–537, jul. 2020. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1940161220918740>.

TRAQUINA, N. **Porque as notícias são como são**. 1. ed. Florianópolis: Insular Livros, 2020. v. 1, (Teorias do Jornalismo).

TRAQUINA, N. **A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. 1. ed. Florianópolis: Insular Livros, 2020. v. 2, (Teorias do Jornalismo).

WITTENBERG, C.; BERINSKY, A. J. Misinformation and Its Correction. **Social Media and Democracy: The State of the Field and Prospects for Reform**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 163–198. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9781108890960/type/book>.

5.2 Reportagens e *sites* da internet

BERALDO, P. Descrédito nos partidos atinge 8 em 10 brasileiros. **Exame**, São Paulo, 23 jun. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/descredito-nos-partidos-atinge-8-em-10-brasileiros/>. Acesso em: 18 out. 2021.

BRANDINO, G.; GALF, R. Saiba como ofensiva de Bolsonaro contra a imprensa fere Constituição e democracia. **Folha de S. Paulo**, Mogi das Cruzes; São Paulo, 03 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/saiba-como-ofensiva-de-bolsonaro-contra-a-imprensa-fere-constituicao-e-democracia.shtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

FALCÃO, M.; VIVAS, F. Moraes manda abrir inquérito para apurar relação de deputados com atos contra democracia. **G1**, Brasília, 21 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/21/moraes-autoriza-abertura-de-inquerito-para-aporar-relacao-de-deputados-com-atos-contra-a-democracia.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

LEIA a íntegra dos dois primeiros discursos do presidente Jair Bolsonaro. **VEJA**, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/leia-a-integra-dos-dois-primeiros-discursos-do-presidente-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 18 out. 2021.

LEIA a íntegra do discurso de Bolsonaro em São Paulo no 7 de setembro. **UOL**, São Paulo, 07 set. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/07/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-em-sao-paulo-no-7-de-setembro.htm>. Acesso em: 25 out. 2021.

NALON, T. O que as declarações falsas de Bolsonaro revelam sobre sua estratégia de governo. **Aos Fatos**, 14 set. 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/o-que-declaracoes-falsas-de-bolsonaro-revelam-sobre-sua-estrategia-de-governo/>. Acesso em: 24 out. 2021.

O INVESTIMENTO de Viktor Orbán para desacreditar o trabalho da imprensa na Hungria. São Paulo, 2019. 1 vídeo (4 min). Publicado pela Revista Piauí. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXHZ3g5PYeg>. Acesso em: 15 out. 2021.

O QUE é a Agência Lupa? **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 15 out. 2015. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-selecionamos-as-frases-que-serao-checadas/>. Acesso em: 24 out. 2021.

UM CLIMA de ódio e desconfiança alimentado pelo presidente Bolsonaro. **Repórteres Sem Fronteiras**, 2021. Disponível em: <https://rsf.org/pt/brasil>. Acesso em: 24/10/2021.

RESPOSTAS que a TV não levou ao ar no dia de ontem, 26 abr. 2016. 1 vídeo (1 min). Publicado por Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=622707737878216>. Acesso em: 17 out. 2021.

THE NOBEL Peace Prize 2021. **Nobel Prize**, Oslo, 8 out. 2021. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/2021/press-release/>. Acesso em: 10 out. 2021.

VALFRÉ, V. PF monitora ataques de Steve Bannon, estrategista de Trump, a urnas brasileiras. **O Estado de S. Paulo**, Brasília, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pf-monitora-ataques-de-steve-bannon-estrategista-de-trump-a-urnas-brasileiras,70003819874>. Acesso em: 17 out. 2021.

VICK, K. The Guardians and the War on Truth. **Time**, 2018. Disponível em: <https://time.com/person-of-the-year-2018-the-guardians/>. Acesso em: 10 out. 2021.